
REVISTA
DA SEMANA
N. 17
24-4-54
UMA SÓ BOMBA-H
DESTRUIRÁ O RIO
(REPORTAGEM NO TEXTO)



MAMIE VAN DOREN (Fox)

UMA OFERTA DE "A CENA" AOS SEUS LEITORES

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 17 ★ 24/4/1954

SUMÁRIO

Juarez Távora 4/9
O beijo sob o cassetete da Lei 12/17
Angelita 20/23
Paris não sai da memória 28/29
Uma só bomba de hidrogênio destruiria N. York 30/31
O gato também descende de macaco? 40/41
Surprêsas e revelações nos «Oscars» de 1953 ..... 46/49
O fim do mundo começou no Pacífico 52/58
Semana em Revista 10/11
Bôlso, linha e botão 19
Copacabana, novo Mangue 26/27
Desfile de Páscoa 32/33

Capa:

ANGELITA — Foto de Paulo Muniz
(Reportagem nas pág. 20/23)

- Redator chefe ..... JOEL SILVEIRA
- Assistentes .. HÉLIO ABREU e LEON ELIACHAR
- Paginação ..... VICTOR TAPAJÓS
- Publicidade ..... J. M. COSTA JÚNIOR
  S. L. GUIMARÃES, A. MENDES, S. SANT'ANA e A. NÓBREGA
- Desenho ..... ALBERTO LIMA

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933. — Propriedade da

COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA.

- Diretor ..... GRATULIANO BRITO
- Assistente ..... RENATO DE ALENCAR

ENDEREÇOS E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746 Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida [illegible], telefone 32, Avenida [illegible], Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1559.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.



MUITO CUIDADO:

A polícia vai fiscalizar o beijo!

VEJA COMO «SE DEVE» E COMO «NÃO SE DEVE» BEIJAR SEM SER INCOMODADO PELAS AUTORIDADES

(Reportagem de LEON ELIACHAR nas páginas 12 a 17)

JUAREZ TÁVORA: O seu passado de lutas e de absoluta honestidade tornou-o um candidato em potencial à presidência da República.

JUAREZ TÁVORA

A DEMOCRACIA DE PALITÓ

UM AMIGO DISSE DÊLE: «TÁVORA PODERÁ VIR PARA A RUA DEFENDER A DEMOCRACIA NUMA CAMPANHA ELEITORAL, PODERÁ ATÉ MORRER NESSA LUTA — MAS LUTARÁ E MORRERÁ DE PALETÓ» ★ O GENERAL DE HOJE CONTINUA FIEL AOS IDEAIS DEFENDIDOS PELO CAPITÃO DE 30; E É UM DOS «TENENTES» QUE AINDA CONTINUAM RESISTINDO TEIMOSAMENTE AO FASCÍNIO DO PODER E DO DINHEIRO.

Reportagem de JOEL SILVEIRA

Fotos de ALBERTO FERREIRA

JUAREZ TÁVORA, tem agora 57 anos de idade, mas aparenta menos. É alto, reto, mais magro do que eu imaginava, rosto corado, gestos seguros. Fala com facilidade, tem respostas ditas e firmes, é homem de trato ameno, trata o repórter de «doutor». Quando lhe peço posar para algumas fotos, êle que estava de camisa (aquela camisa do nosso Exército que é mais do que camisa e menos do que paletó), pediu dois minutos entrou numa porta ao lado, escondida por detrás de um biombo, voltou de «dolman». Êsse gesto cuidadoso, tão característico de sua pessoa, fêz-me lembrar as palavras que eu ouvira, na véspera, de um dos seus amigos, o jornalista Rafael Corrêa de Oliveira: «Távora poderá vir para a rua defender a democracia numa campanha eleitoral, poderá até morrer nessa luta — mas lutará e morrerá de paletó».

Outras características que, de um certo modo, diferenciam Juarez Távora da maioria dos seus colegas de farda e de grau: êle é homem de cultura ampla e bem cimentada; está em dia com todos os problemas do Brasil, particularmente os de ordem militar e econômica; expressa-se e escreve num português gramaticalmente limpo e claro; é orador de recursos, mas nunca será um demagogo: o amor aos números não o permitirá. Os seus companheiros da Coluna Prestes, mesmo os que hoje militam em campo oposto, falam do jovem tenente daquela época como de um homem comprido, magro, muito seguro de si mesmo, de poucas palavras, bravura comprovada e voraz devorador de livros. Nos descansos da longa caminhada através do Brasil, era comum vê-lo sob a sombra de uma árvore a ensimesmar-se durante horas inteiras numa leitura atenta.

Preveniram-me, na véspera do nosso encontro, que eu ia encontrar em Juarez Távora um idealista cheio de amargura e um decepcionado a chorar o fracasso da Revolução de 30. Nada disso. A impressão que êle me deu foi bem diferente: conversei com um homem que mantém viva a chama do seu ideal e que apenas deplora que muitos dos seus companheiros tenham traído ou negociado aquêle ideal. Mas os homens valem pouco ou nada; são fatôres transitórios que podem retardar, mas não conseguem abolir as profundas conquistas políticas que o movimento de 30 impôs ao país. E para Juarez Távora, essas conquistas pedem uma purificação e não uma derrubada.

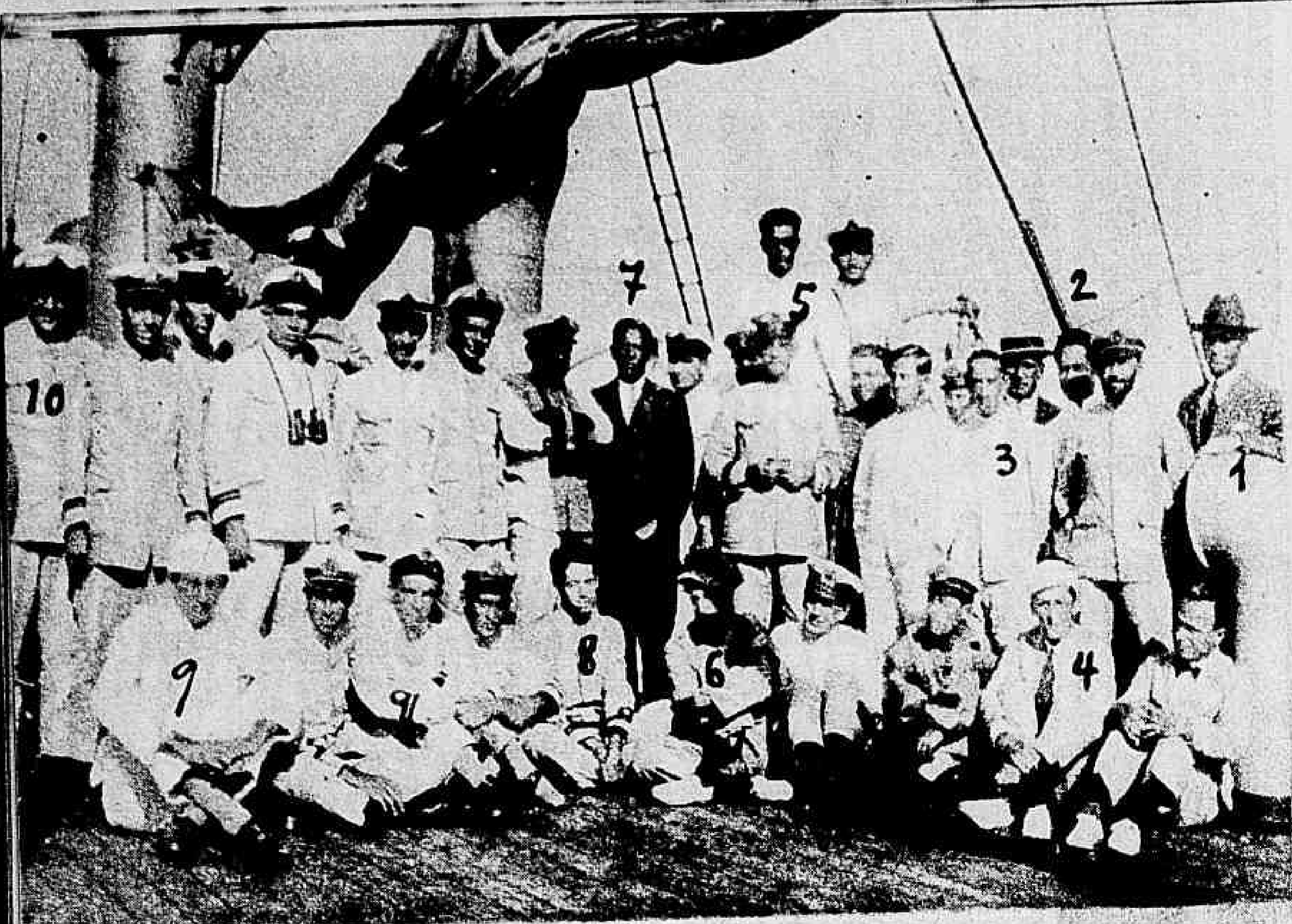
NO domingo último fomos ver de perto o «canto interno da muralha, do lado da barra», na Fortaleza de Santa Cruz, a que se referira o general Juarez Távora quando nos contou a história de sua fuga. O paredão desce, liso e escuro, trinta metros até as pedras do quebra-mar, contra as quais se jogam, furiosas, as ondas do oceano livre. Quando o mar avança, as pedras se somem, afogadas; mas, no refluxo, voltam a aparecer as medonhas cabeças que uma cabeleira de limo grosso e escuro torna ainda mais sinistras. Trinta metros! Os homens escorregariam por ali, de encontro à parede úmida e lisa, ajudados sòmente por uma corda de cânhamo que era quase um barbante. Todos eram católicos — e encomendaram a alma ao Senhor dos Céus. Fazia uma noite clara, estrêlas se esfarinhavam no azul; ao longe, piscava a luz vigilante do farol. Um dos três homens consultou o relógio: era o derradeiro minuto. «Tudo pronto?» «Tudo!» E lá se foram.

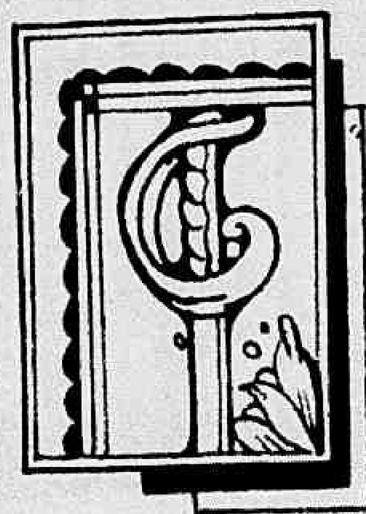
«Só Deus — conta-nos, agora, um dêles — poderia nos salvar».

O PREÇO DE UMA CORDA: A LIBERDADE

Quando o capitão Juarez Távora chegou, prêso, à Fortaleza de Sta. Cruz, naquele janeiro de 1930, lá já se encontravam, segregados e vigiados, outros jovens tenentes igualmente experimentados nas fuzilarias de 22, 24 e 26: Eduardo Gomes, Newton Estillac Leal, Alcides Teixeira de Araujo e alguns mais. A polícia também lhes deitara a mão, como conspiradores, naqueles últimos meses. E o comandante da fortaleza, o tenente-coronel João Batista Mascarenhas de Morais recebera ordens de vigiá-los sem trégua. (Quando Juarez fugiu, Mascarenhas foi removido para uma guarnição no extremo sul). A verdade, porém, é que se todos continuassem presos, a revolução definitiva, já em plena fermentação, não poderia eclodir. Juarez Távora, principalmente, que levantaria o Norte, era figura indispensável ao sucesso da rebelião iminente: a sua prisão significava, por isso, uma falta irreparável. Os homens falavam assim, permutavam conversas e analisavam a situação, tôda a noite, deitados nos seus beliches militares. O mar batia forte nas paredes da fortaleza. Às 9 da noite a corneta gemia, agourenta e soturna, o toque de silêncio. Mas a conversa continuava, aos cochichos. Sim, era preciso fugir.

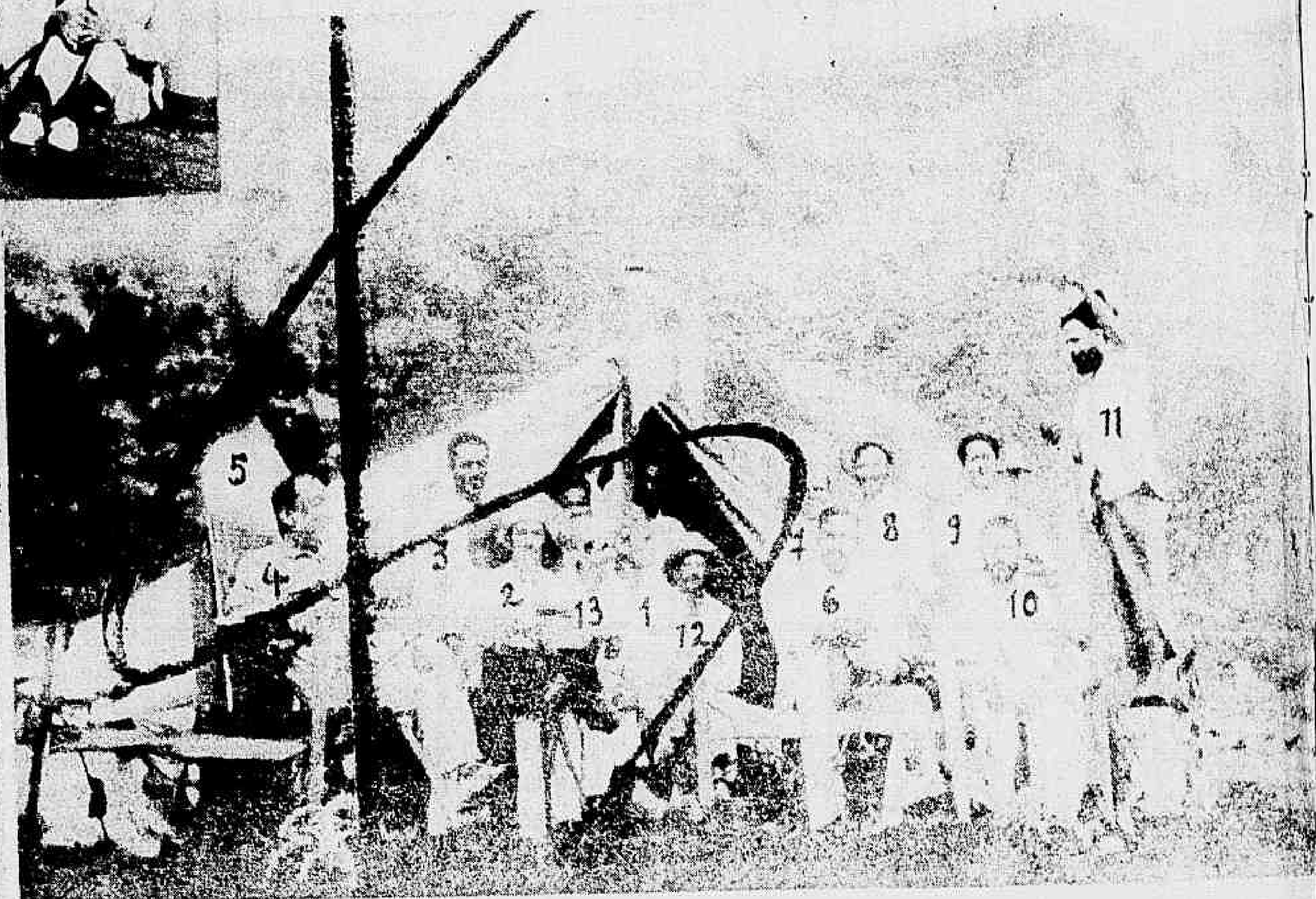
A determinação foi rápida. Os jovens tenentes que conseguiam visitar os prisioneiros, levavam até os aliados de fora os detalhes do plano. Um plano ousado e perigoso que



O Exílio de  JUAREZ TAVORA



Na edição especial com que comemorou a vitória da Revolução de 30, a REVISTA DA SEMANA estampou êstes flagrantes, encimados por um título em caprichadas letras conforme o gôsto da época.



OS FLAGRANTES ACIMA, DE 1929, MOSTRAM O CAPITÃO JUAREZ TAVORA EM VIAGEM PARA A ILHA DA TRINDADE, COMO PRISIONEIRO, E JA NA ILHA, EM COMPANHIA DE VÁRIOS OUTROS REVOLUCIONÁRIOS

:ôra arquitetado em tôrno de uma corda. Era uma fina e comprida corda de cânhamo que certo dia, como num milagre, apareceu nas mãos do tenente Eduardo Gomes. Os homens a escondiam de tôda maneira, sob as cobertas ou em tôrno da cintura, como se guardassem um tesouro sem preço; ou, melhor, um tesouro que só poderia ser vendido por um preço alto — o preço da liberdade.

A FUGA

Eram muitos, mas sòmente três tentariam a fuga. Os três foram escolhidos: Juarez Távora, Newton Estillac Leal e Alcides Teixeira de Araujo. Mas Newton Estillac Leal não sabia nadar: a execução do plano teve de ser adiada por duas semanas, enquanto Juarez Távora ensinava ao companheiro a dar braçadas seguras dentro dágua. Depois foi escolhido o dia: 28 de janeiro de 1930. Naquela tarde, às 18 horas, a corda foi amarrada numa das peças da 2ª ordem de baterias. Um por um, hora mais tarde, os homens escorregaram por ela. Juarez foi o último a descer, e o mais infeliz: uma onda mais forte joga-o de encontro às pedras, sacode-o, já ensanquentado, no mar. O «flash-light» que levava consigo acende e apaga, nas intermitências do mergulho, como um esquisito vagalume. Agora é preciso nadar até o barco que o capitão-tenente da Marinha Ari Parreiras trouxera até perto da fortaleza. O seu motor ligado ronrona dentro da escuridão. Uma sentinela escuta-o e grita: «Quem vem lá? Responda ou passo fogo!» Já dentro dágua, os três fugitivos escutam a explicação engenhosa de Parreiras: estava pescando, a rêde se prendera em qualquer lugar, êle procurava desvencilhá-la. A sentinela se convence. Numa luta feroz contra as ondas irritadas, os três fugitivos chegam até o barco.

Hora depois estão numa das praias de Niterói. E já no dia seguinte, vestidos à paisana (foram trocar de roupa na fábrica de tintas de Mário Sardinha) tomaram o trem de Campos. Lá, dias depois, os três se separariam: Estillac Leal vai para S. Paulo; Alcides Teixeira de Araújo iria para o Rio; e Juarez seguiria para o Norte; o queixo, que as pedras haviam rasgado, coberto de gazes e esparadrapo.

O TRIUNFADOR

Menos de um ano mais tarde, o capitão Juarez Távora estava novamente no Rio. Mas não vinha mais como um fora da lei esquivo e disfarçado: vinha como o chefe mais popular de uma revolução vitoriosa. Fui reler revistas velhas para recordar a apoteose que marcou a sua chegada no Rio. Era uma multidão de milhares e milhares, chapéu ao ar, milhares de braços levantados, e o capitão, magro e comprido carregado nos ombros do povo, como um triunfador. Numa das fotos êle aparece recebendo um ramalhete das mãos de uma criança; noutra, já no palácio do Catete, êle pousa sério ao lado do pequeno e gordo Chefe do Govêrno Provisório, Getúlio Vargas, que começa a brindar a gente da côrte com a graça pródiga do seu sorriso fácil.

Juarez Távora

Aquela foto em que o chefe vitorioso da Revolução no Norte aparece. ao lado do homem que viera do sul, na cauda das tropas, para assumir o poder, me fêz lembrar um fato que muitos amigos de Távora me afirmam ser verdadeiro. Lembro-me perfeitamente de que quem primeiro me falou dêle foi Virgílio de Melo Franco, no seu escritório da rua do Carmo. A coisa se passara quase nas vésperas da revolução de 30. Juarez Távora, na Paraíba e no Ceará, recebia constantes mensagens de Osvaldo Aranha, que, lá no sul, procurava entrosar a revolução com os elementos políticos. A respeito de Vargas, as queixas contidas nessas mensagens são sempre as mesmas: recuo, indecisões, meias conversas. O capitão Juarez Távora, que só tem trinta anos, impacienta-se. E um dia explode. Um dia Osvaldo Aranha recebe, como resposta a uma das suas mensagens, um conselho azêdo: «O que você deve fazer é meter Getúlio e o resto dos políticos num saco e afogá-los todos no mar. Nós não precisamos dêles para fazer a Revolução». O fato é verdadeiro — várias pessoas verazes m'o confirmaram. O que ninguém sabe é se Aranha transmitiu algum dia a Vargas as duas palavras do capitão irritado.

DEPOIS DE 30: A REVOLUÇÃO CONTINUA

Em novembro de 30 Juarez Távora é ministro interino da Viação, enquanto aguarda a chegada do titular efetivo, que seria José Américo; e dois anos depois assume o Ministério da Agricultura. Imagino-o sòzinho, no seu gabinete de ministro, a recordar os terríveis anos de um passado inquieto e perigoso que acabaria por desaguar na revolução vitoriosa. Fôra uma longa caminhada. A alma do revolucionário se revela em 20, sob a ardente inspiração de Joaquim Távora, o irmão e o amigo. A revolução de 22, que o encontra no Norte, marca-o como um suspeito que é preciso viajar; e em 24, em São Paulo, êle forma ao lado de muitos daqueles que, mais tarde, fariam a revolução de outubro. Depois é a longa peregrinação da Coluna Miguel Costa-Prestes através os sertões do Brasil: sobem, descem, estacam, se escondem, enfrentam fôrças legais e bandos de assalariados, aterrorizam os coronéis daquelas suzeranias, tentam, em vão, transmitir ao castigado homem do interior a flama rebelde que cada um traz dentro do peito.

O povo não se sacode — ainda não é tempo. E o trôço idealista se desfaz, melancòlicamente, aos poucos, até que cruza, derrotada, a fronteira da Bolívia. Juarez não participa da rendenção final: meses antes, vítima de uma cilada, cai nas mãos da polícia, quando do cêrco de Teresina.



O capitão Juarez Távora casou-se logo após a Revolução de 30 com a filha de Belisario Távora, seu tio. O flagrante acima foi tomado no dia do seu casamento, em 1931.



O ministro da Agricultura Juarez Távora tinha os seus planos: era preciso reformar tudo, ampliar, criar o essencial, planificar — era, imprescindível, em suma, impor ao país o que êle nunca tivera: uma política agrária.

A sua gestão não demora muito — apenas um ano e meio. Mas são dezoito meses de luta diária, porque o seu era o ministério da Revolução que realmente estava se entregando a uma tarefa de remodelação e criação. Um ano e meio depois, quando, decepcionado e vencido, êle deixa a pasta e a vida pública, realizações básicas haviam sido levadas a efeito no setor da agricultura. O próprio Ministério passara por uma reestruturação ampla e profunda — e agora cada produção tem o seu Departamento especial. Criou-se igualmente um Departamento para a pesquisa e traçou-se um Plano Geral de Organização Agrária, inspirado no sindicalismo cooperativista. E completaram-se três leis importantes que até hoje não foram promulgadas: uma criando os Consórcios

Juarez Távora é, entre os nossos oficiais-generais, talvez o de conhecimentos mais amplos e seguros. Suas conferências sôbre problemas de ordem política ou militar são sempre muito claras, objetivas e corajosas.

profissionais; outra, a Lei Geral de Cooperativas, e uma terceira criando o Banco Nacional do Crédito Geral.

Mas a realização mais importante de Juarez Távora, quando ministro da Agricultura, seria a Elaboração dos Códigos de Defesa do nosso Patrimônio Natural: Águas, minas, florestas, caça e pesca. Ganhamos um Código de Águas e, com o Código de Minas, o ministro de trinta e poucos anos arrancava dos particulares e devolvia ao país o sub-solo brasileiro — o sub-solo onde se escondiam as riquezas do futuro e onde se alastravam, quase sem dono, os negros lençóis de petróleo.

O DESENCANTO

O general de hoje tem a cabeça grisalha, e eu adivinho que muitos daqueles cabelos brancos nasceram, não nos anos de conspiração, prisões e fugas, porém mais tarde, naquele ano e meio de ministério, na luta diária contra o quase impossível, a falta de equipe, contra o caos que se fazia rebelde à arrumação, contra o desinterêsse de muitos e a cupidez de tantos. Um ano e meio de govêrno e Juarez Távora é um desencantado: o imediatismo havia suplantado o ideal. Êle nada mais tinha a fazer na vida pública — esvazia as suas gavetas, pega o chapéu e vai embora.

Os amigos acorrem, com apelos: êle, o mais ardente dos companheiros, não poderia deixá-los, desertar de uma causa vitoriosa. Mas a sua determinação é irremovível. Além do mais, os vários anos de ilegalidade e de função paisana, haviam sacrificado ao extremo a sua carreira legítima, que era a militar. Era preciso reconquistar o tempo, terminar cursos incompletos, iniciar outros — voltar ao quartel, em suma. O general comissionado arranca os galões alegóricos: é agora um simples major. E durante um tempo grande o seu nome sai de circulação. Só os amigos mais íntimos sabem dos seus pensamentos, de suas críticas, onde êle está e o que faz. Mas aquêles velhos companheiros, que o encontram e lhe falam, voltam cheios de alegria: o idealista não morrera.

Os homens que, na sombra, dão os últimos retoques à velhaca empreitada de novembro de 1937, sabem que não contam com êle — e nada lhe dizem ou perguntam: é pelo rádio que Juarez toma conhecimento. E só volta a encontrar-se com Getúlio um ano depois, quando foi ao Catete para uma reclamação: o coronel Juarez Távora gostaria de saber porque o regime estado-novista, que se dizia baseado em diretrizes corporativistas, engavetara o seu Plano de Organização Agrária... Getúlio deve ter dado explicações sorridentes ao oficial sizudo; e o plano continuou engavetado.

«VOTEM NO BRIGADEIRO»

A sua conduta, durante tôda a ditadura, é a de um soldado fiel à disciplina e a de um estudioso que procura estar sempre em dia com os problemas do país, e que não se nega a discutí-los em conferências e reuniões sem côr partidária. Entrega-se de corpo e alma à «Campanha Municipalista»: torna a sociedade «Alberto Tôrres» num centro de debates, está presente às discussões em tôrno do petróleo, cuja batalha tem começo, mais acêsa, em 39, ao jorrar o primeiro poço de Lobato. A sua fórmula, para a questão do petróleo, é a do «gargalo de garrafa»: o Brasil devia permitir a exploração, por estrangeiros, do seu petróleo; mas deve controlar a sua refinação.

Em 1945, na campanha eleitoral, suas preferências são públicas: êle votará e pedirá aos seus amigos que votem no Brigadeiro. A derrota de Eduardo Gomes mergulha-o novamente no silêncio. Mas em 1950, quando se deflagra a nova guerra dos candidatos, êle escreve dos Estados Unidos (onde se encontra em missão militar) aos amigos do Exército, recomendando-lhes novamente a candidatura de Eduardo Gomes e mostrando-lhes que perigos e males poderiam advir da volta de Vargas ao poder. Vargas volta, Távora é novamente apenas um soldado fiel ao regime legitimamente estabelecido e aos seus dirigentes.

E foi o soldado que fomos encontrar lá no Forte de São João, numa sala modesta, mas ampla, que abre suas janelas para o mar azul e para um negro paredão de montanhas. E quando, logo no início da conversa, eu lhe digo que nada venho perguntar sôbre política, nem envolvê-lo em qualquer especulação de ordem partidária, êle me responde com um sorriso:

— Não adiantaria. Se eu quisesse falar de política, não teria recebido o senhor aqui no quartel, e fardado, mas lá em minha casa, e à paisana.



NÃO MORRERAM NO GENERAL OS IDEAIS DO "TENENTE"





Por êsse Mundo de Deus

UMA CRIANÇA VELHA DE 500 ANOS — A múmia que se vê acima, de uma criança, foi encontrada no Chile, na região de El Plomo, a 5 600 metros de altura. Os arqueólogos e antropólogos .que a examinaram atestaram imediatamente a sua idade: a criança índia, que o gêlo conservou, tinha nada mais de 535 anos de idade, ou seja, mais velha do que o primeiro ser nascido na América depois da descoberta de Colombo. A foto nos mostra a múmia tal e qual foi encontrada. Pode-se observar o assombroso estado de conservação das mãos e do rosto. O cabelo está intacto. As duas barras que se vêem em sua fronte constituem uma espécie de diadema feita de prata. Do mesmo material é o bracelete que se vê no punho esquerdo. Tôda a sua roupa é de lã de fina confecção, e a múmia inteira não pesava mais de vinte quilos. (Foto U. P.)

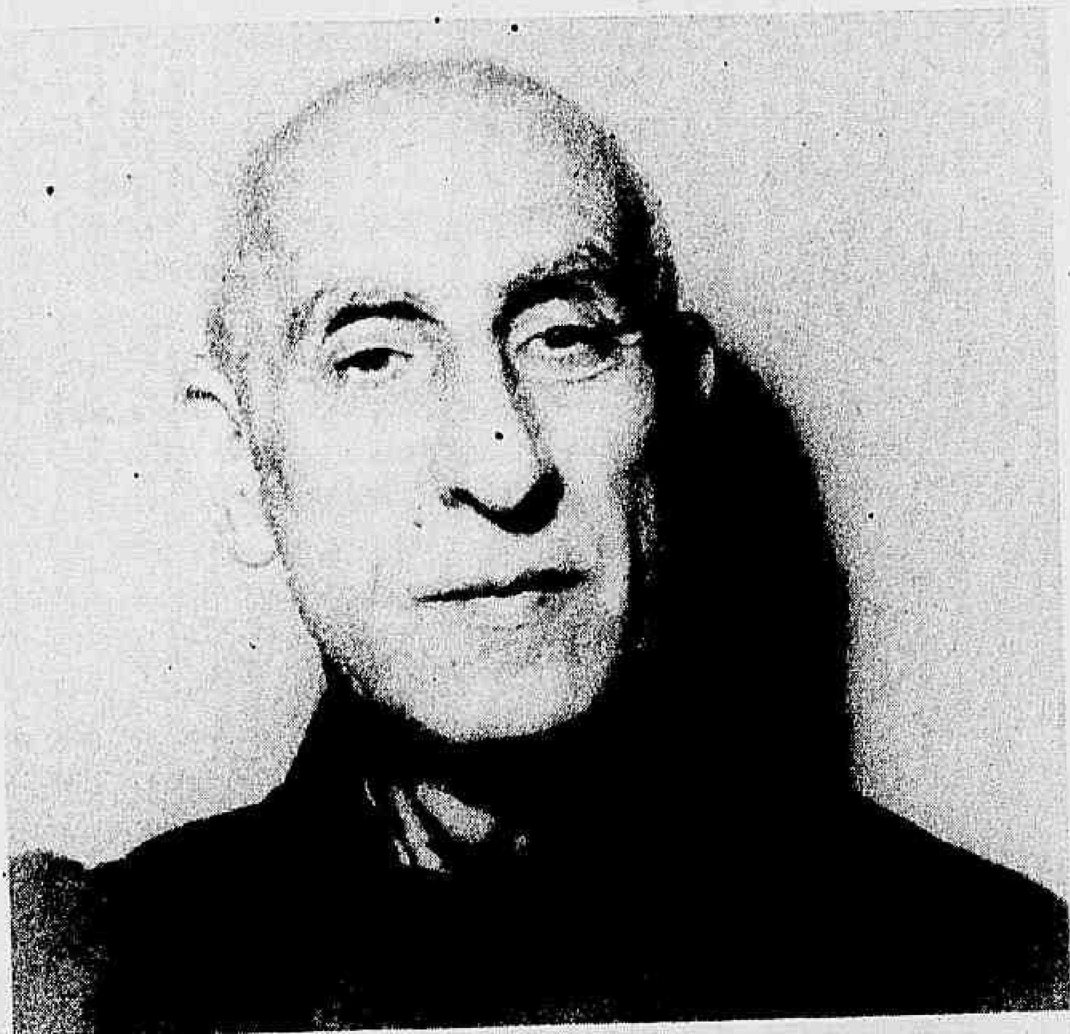
A RAINHA CORRE O (SEU) MUNDO

● Na foto ao alto, a rainha Elizabeth saudando a população de Colombo, capital do Ceilão, no instante em que o navio real, o «Gothic», aproximava-se do pôrto. Ao seu lado, o príncipe de Edimburgh.

A MÁQUINA INFERNAL DE JEAN COCTEAU

● Quem criou a famosa peça de Cocteau foi Jouvet, em 34. De lá para cá o sucesso de suas representações tem sido enorme. Na foto, Cocteau, Louise Conte e Jean Marais, êstes os últimos intérpretes da peça famosa.

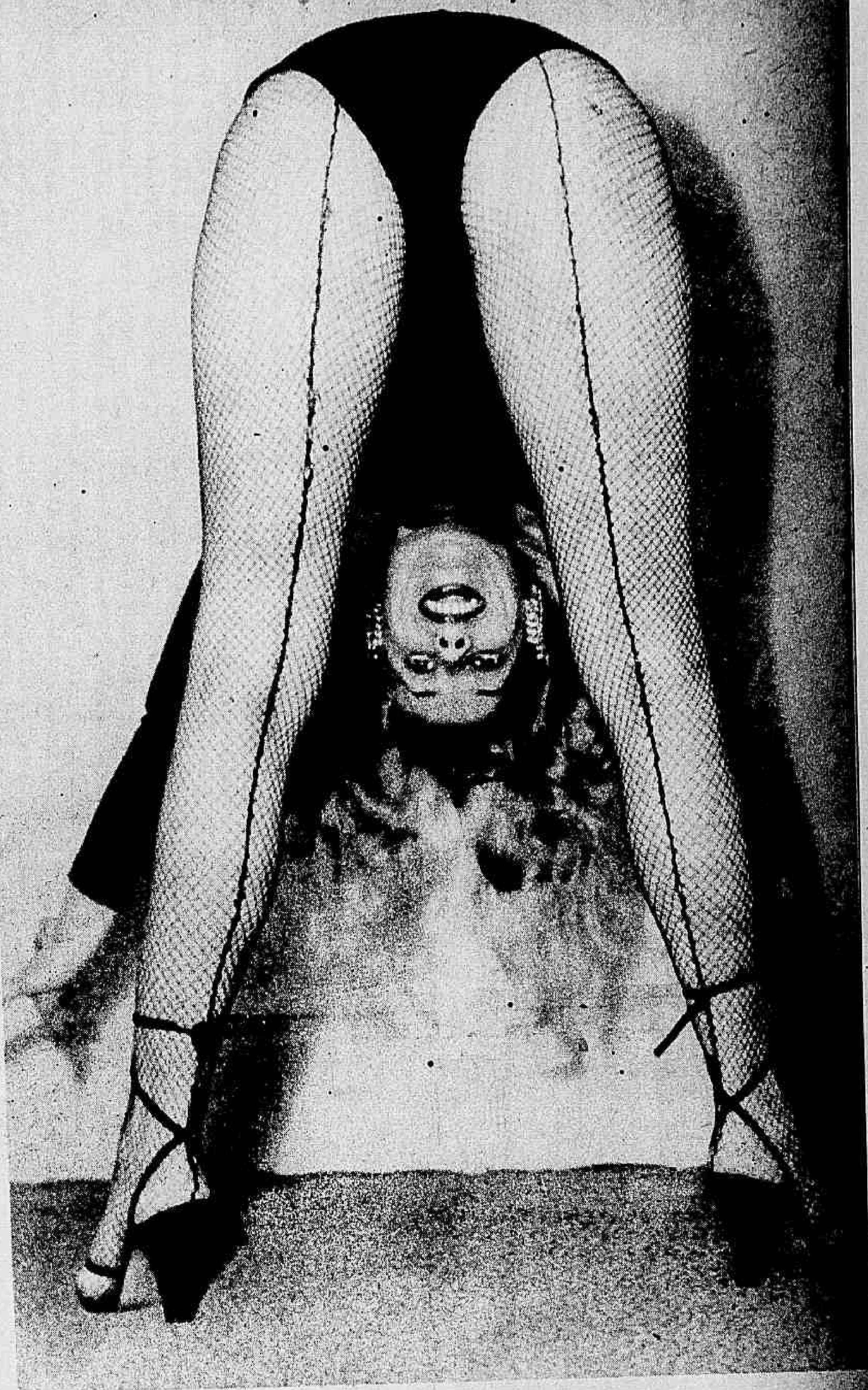




MOSSADEGH CHORA E AMEAÇA

● Condenado a quatro anos, o velho Mossadegh, ex-«premier» iraniano que o Shah vitorioso botou na cadeia, exige agora a revisão de sua condenação, que considera injusta e, mais do que isso, ilegal. O mundo já conhece a maneira do velho estadista de protestar: chora, grita, ameaça morrer de fome, etc. Há dias queixou-se êle de viver muito sòzinho na sua célula. Logo as autoridades tentaram corrigir essa solidão. O resto da história vai no telegrama abaixo:

«TEERÃ, 13 (A.F.P.) — Dois presos de direito comum partilharam, ontem, durante algumas horas, do quarto em que está detido o antigo presidente do Conselho, Mohamed Mossadegh, no quartel dos carros blindados de Teerã. Eram êsses presos um comunista antigo combatente do exército «democrata» do Azerbeidjan e um batedor de carteiras. O antigo presidente do Conselho havia se queixado, nas últimas audiências, de sua condição de prêso solitário. O procurador do exército, general Azmudeh, tomando em consideração essa queixa, enviou a Mossadegh aquêles dois singulares companheiros.»





DANIELLE, UMA REALIDADE

● Ela se chama Danielle Lamar, tem 25 anos de idade, nasceu em Paris e está fazendo um sucesso louco num cabaré londrino. Nova York já mandou chamá-la para um «night club» e a própria Paris está interessada nos seus talentos e [illegible] no seu físico. Dos talentos de Danielle pouco podemos dizer muito pois os conhecemos de informações; quanto ao físico, a fotografia ao alto e de [illegible] [illegible] (Foto K[illegible])



LEON ELIACHAR apresenta:

O BEIJO

SIM, amigos, a esta altura, já deve ter sido iniciada uma das mais oportunas campanhas de nossa polícia, em defesa do decôro público, sob a direção do comissário Carlos Santos, chefe do Serviço de Repressão ao Meretrício e Lenocínio. Em verdade, tal campanha não é pròpriamente uma novidade, pois desde o ano passado quando foram detidos 465 casais, dos quais 12 autuados por atentados ao pudor, vem sendo feita discretamente. Agora a coisa vai ser intensificada: um grupo de 15 homens, inicialmente, divididos em grupos de 3 (em veículos e a pé), percorrerá a cidade à procura de casais inconvenientes. A "ronda" será feita nas zonas centrais, nos jardins públicos, na avenida Beira-Mar, praça Paris, Passeio Público, na Glória e nas amuradas até a Urca. O comissário garante ainda que uma campanha delicada como esta, requer policiais educados e pacientes, evitando assim que os "excessos" sejam punidos com outros "excessos". Assim, com muita paciência, escolheu a fina flor policial para tal serviço, colocando alguns de seus melhores elementos em ação imediata. Por isso mesmo, os "casais" da cidade andam todos apavorados. Com a crise de habitações, com os salários mínimos, e com as dificuldades da melhora de um nível de vida, os casamentos vêm sendo eternamente transferidos para "amanhã", resultando daí uma verdadeira inflação de namorados que se derramam por todos os recantos da cidade: cinemas, jardins, praias, bancos, bares, ruas, etc. Os namorados estão atônitos. Não sabem mais se ficam em casa e enfrentam os próprios pais, ou se saem à rua — para cair nas rêdes da polícia. E não sabem mesmo como beijar suas namoradas, pois haverá sempre um ôlho policial a vigiar-lhe os menores gestos. E, certamente, estarão correndo o risco de serem observados. Ou, quem sabe, até mesmo encarcerados. Afinal de contas, o que é direito e o que é errado? O que é um beijo comum e o que é um "beijo americano"? Sinceramente, não nos resta outra alternativa senão correr em seu auxílio. E é o que procuramos fazer nesta reportagem. Virem as páginas e decorem estas poses.

O Comissário Carlos Santos resolveu moralizar os costumes da cidade — Patrulhas farão a ronda para evitar excessos e abusos — Não será permitido o chamado "beijo americano"

sob o cassetete da lei



Com a participação especial dos «astros» do cinema brasileiro

ROBERTO BATALIN

e

IRACEMA VITÓRIA

Fotos de

ALBERTO FERREIRA

O BEIJO...

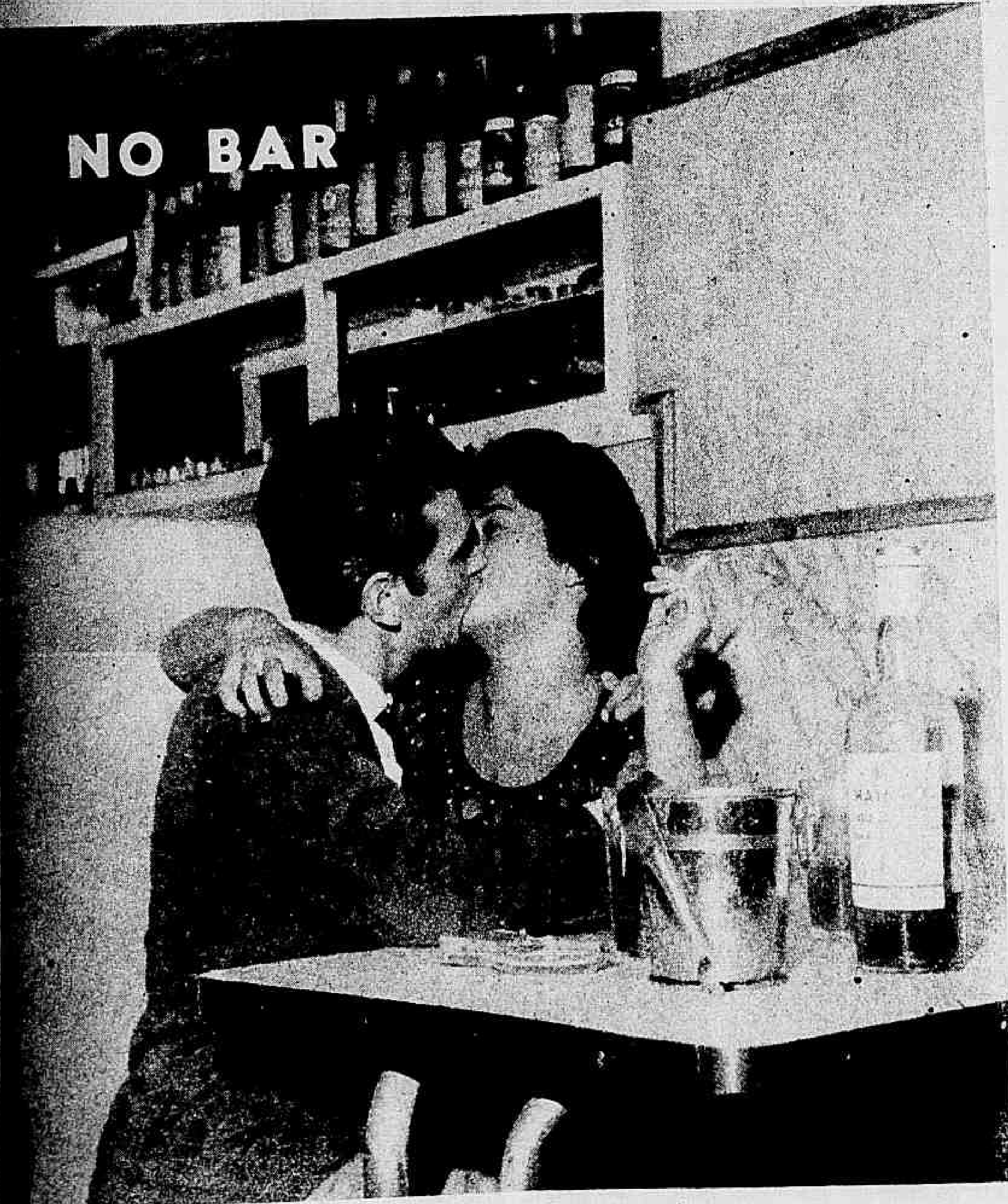


COMISSÁRIO CARLOS SANTOS: "O beijo puro, o beijo, digamos oficial, na face, na mão, não será reprimido. Observaremos o chamado "beijo americano", que desperta outras intenções e choca, quando praticado em lugares públicos. Uma coisa deve ficar bem clara: a campanha será feita com prudência, mas com a energia necessária". E acrescenta: "A campanha não é contra o namôro, mas contra os excessos amorosos. Teremos todo o cuidado de não confundir os namorados honestos com os que dão demonstrações em plena via pública".

ROTEIRO (HONESTO) PARA OS NAMORADOS (IDEM)

BASEADOS NAS PALAVRAS DO COMISSÁRIO CARLOS SANTOS (AO LADO), APRESENTAMOS AQUI O NOSSO «MANUAL DOS NAMORADOS». RECOMENDAMOS A TODOS QUE O RECORTEM E O GUARDEM NO BÔLSO. ÊLE SERÁ MUITO ÚTIL, TANTO NA HORA DO BEIJO, COMO NA HORA DE JUSTIFICÁ-LO PERANTE A LEI.

NO BAR





ASSIM NÃO! Os namorados devem procurar evitar sentar-se do mesmo lado. Talvez não possam resistir aos impulsos naturais: e aí começa o «show». O beijo, agora, é a condução mais rápida para o cárcere.

ASSIM PODE O melhor é mesmo sentarem-se um em frente ao outro. Segurar-se levemente as mãozinhas, olharem um nos olhos do outro, fazerem brindes ao futuro. A mesa, separando, é uma grande garantia.

NO JARDIM



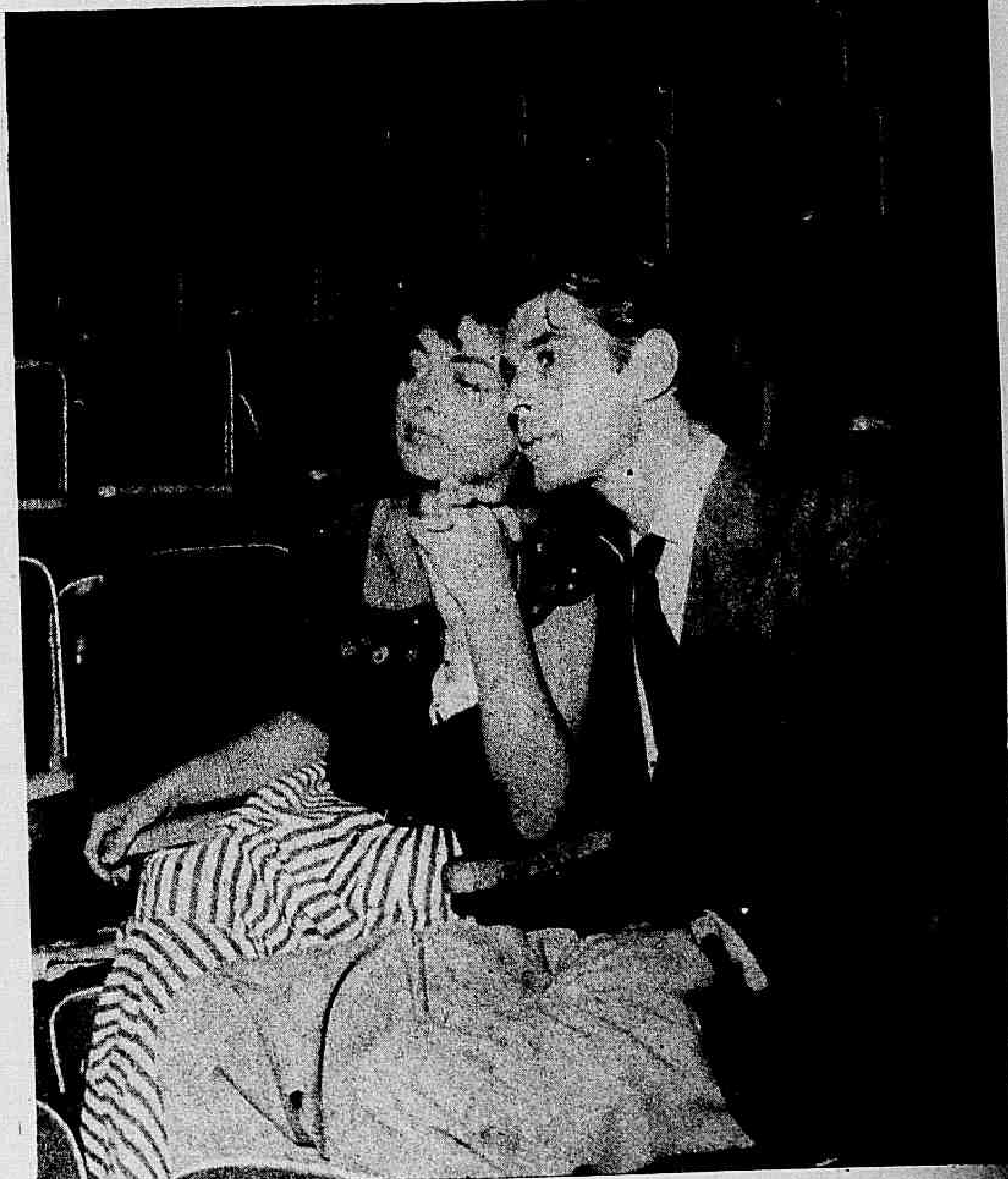


ASSIM NÃO! Se há tanto espaço no jardim, que dirão vocês quando o gentil policial os interpelar? E você, meu caro amigo, acha que alguém acreditará que você estava apenas endireitando o vestido da moça?

ASSIM PODE O mais razoável é que se sentem bem direitinhos. Você poderá segurar o queixinho da pequena, prometer-lhe uma porção de coisas, inclusive casamento. E até muito mais fácil dela acreditar.

NO CINEMA





ASSIM NÃO! Que é isso, amigo? Onde é que você vai? Afinal de contas o «beijo americano» só é permitido na tela. Além do mais você está correndo o risco do filme chegar ao final e acender a luz. Morou?

ASSIM PODE O certo é que se sentem, comodamente, entrelacem os dedos, juntem delicadamente os rostinhos. Podem trocar, muito disfarçadamente, alguns beijinhos leves. E podem até contar o filme, em casa, e

m em.
nte as
o outro,
rantia.





[illegible]

ASSIM PODE [illegible]

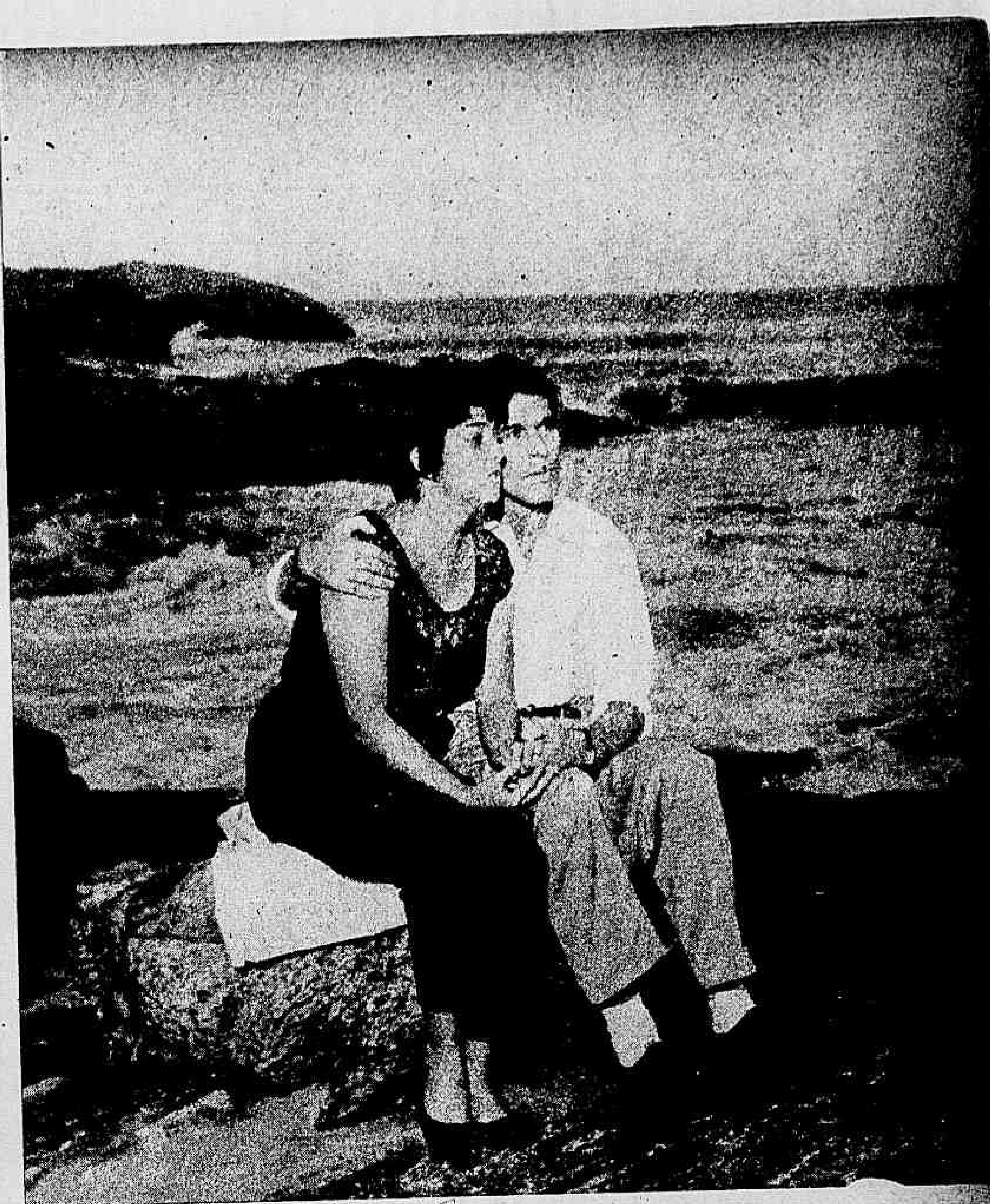




ASSIM NÃO! É preciso acabar com essa mania do eterno triângulo: um homem, uma mulher e uma árvore. Afinal de contas, nos tempos de hoje, vocês nunca saberão se atrás dessa árvore está escondido um policial.

ASSIM PODE [illegible] dadas. Na hora de ir embora, [illegible] rápido [illegible]

NA PRAIA



ASSIM NÃO! Isso, indiscutivelmente, é [illegible] cinema. E se o [illegible] que dizer então de [illegible] alegar que a praia está deserta, mas sempre há um [illegible].

ASSIM PODE Vamos sonhar, que é muito mais doce. Um abraço discreto, não [illegible] um olhar distante, ainda tem a sua poesia. E nada melhor para considerar tudo isso do que o mar [illegible].

NO AUTOMÓVEL



ASSIM NÃO! [illegible]

ASSIM PODE [illegible]

Em qualquer ponto do Brasil

ouça

DORIVAL CAYMMI

têrças, às 20 horas

ISAURINHA GARCIA

quartas, às 21,35

ARY BARROSO

sextas, às 21,35

ARACI DE ALMEIDA

sábados, às 21,35

ALMIRANTE

sextas, às 20,35

sábados, às 21 h.

domingos, às 19 h.



RÁDIO RECORD DE SÃO PAULO

ondas médias 1.000 kcs. 300 metros

ondas curtas 19,31 e 49 metros



UMA DAS EMISSORAS UNIDAS

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 24 E 30 DE ABRIL DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Não conceda nem solicite crédito, nos próximos sete dias. No primeiro caso estará exposto a um prejuízo certo. No segundo, passará pelo dissabor de receber um não. Os dias mais carregados serão 2 e 28.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — O novo período será muito melhor para o leitor. O astro que o influencia vai receber, do Sol, uma gama de aspectos harmoniosos, o que se refletirá, benéfica e diretamente sôbre sua posição, beneficiando-a consideràvelmente. Os dias 23, 26, 28 e 29 serão os melhores.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Não haverá modificação substancial, no seu caso, em relação aos influxos planetários da semana entrante. Continue agindo com presteza, aproveitando, tanto quanto possível, o ambiente tão propício que os astros lhe oferecem.

★ CÂNCER (23/12 — 20/1) — Não se empregue a fundo, em qualquer direção. Os seus esforços serão nulos na proporção de 50 para 100 por fôrça das reações que suas ações terão de provocar. Para empreendimentos de vulto, aguarde melhores dias.

★ LEÃO (21/1 — 20/2) — O clima dos astros vai desanuviar-se de modo muito sensível, nos próximos dias e no caso do leitor, não obstante a progressiva desvalorização do seu astro, a caminho do exílio. Haverá ótimos concursos, apoios, cooperação valiosas, possibilitando-lhe a realização dos propósitos justos de que estiver animado.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Sua posição continuará muito favorecida. O leitor encontrará, na próxima semana, maior facilidade no desempenho das suas funções, boa vontade no seu ambiente, compreensão e cooperação na vida doméstica. Os dias mais fracos serão 24 e 28.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — A próxima semana será menos expressiva em relação à anterior. O ambiente se mostrará de certo modo hostil aos seus propósitos e à ação que desejar desenvolver. Não aconselhamos qualquer iniciativa de maior vulto nos dias 24, 25, 26 e 28.

★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Vai ser operada uma reação muito favorável, no caso do leitor. No setor profissional como na vida sentimental contará com maiores probabilidades de êxito. Poderá tomar, em tais direções, as iniciativas que entender, certo de sair-se muito bem.

★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — Sua posição, de um modo geral, vai ser modificada satisfatòriamente. Haverá um ambiente mais propício às suas atividades e mais elevado. Os dias mais favoráveis às gestões financeiras serão 25, 27 e 29. O novo período não se recomendará, porém, para viagens.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Poderá ocorrer surprêsas bem desagradáveis, principalmente nos dias 26 e 28. O setor mais ameaçado é o sentimental. Há ameaças de profundos desentendimentos, de explosões e de rompimento seguido de separação.

★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — O ambiente astral, nos próximos sete dias, facilitará o andamento das questões propostas em juízo, os litígios entre patrões e seus dependentes, assim como entendimentos harmoniosos entre partes em lide.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Sua posição diante dos astros será bem melhor, agora. Tudo lhe sairá muito mais fácil, não sendo necessário, assim, o dispêndio de grandes esforços para conseguir o almejado.

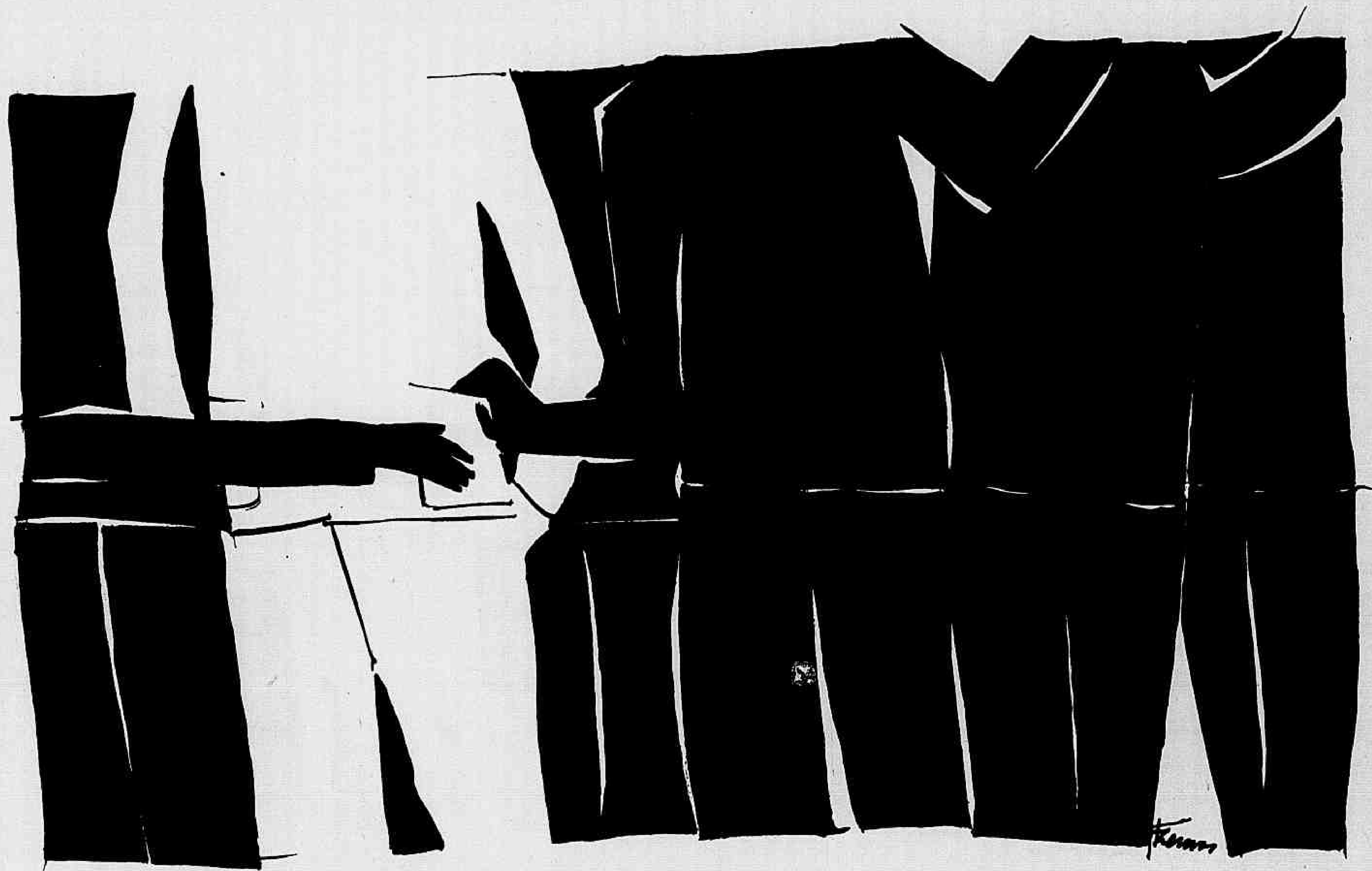
OS NOMES DA SEMANA

Abril,	24	—	Ezequiel	—	Dóris
"	25	—	Marcos	—	Vera
"	26	—	Cleto	—	Juvênia
"	27	—	Antímio	—	Leonor
"	28	—	Dídimo	—	Eunísia
"	29	—	Roberto	—	Eduarda
"	30	—	Suetônio	—	Rogéria

EFEMÉRIDES DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Abril,	24	—	3º - 45' - 49"	(Signo do Touro)
"	25	—	4º - 44' - 14"	(" " ")
"	26	—	5º - 42' - 37"	(" " ")
"	27	—	6º - 40' - 59"	(" " ")
"	28	—	7º - 39' - 20"	(" " ")
"	29	—	8º - 38' - 39"	(" " ")
"	30	—	9º - 35' - 56"	(" " ")



Desenho de FERNANDO LEMOS

BÔLSO, LINHA E BOTÃO

RENATO DE ALENCAR

DOMINGO de carnaval de 1954. Aquêle senhor, com a espôsa e uma sobrinha, aguardava em fila amazônica, a vez de chegar ao guichê do bondinho do Pão de Açúcar e comprar os três ingressos. Mas, tomando êle de um lápis, armou a proporção: Se doze pessoas levam dez minutos para ir da Praia Vermelha ao Pão de Açúcar, quinhentas quantos levarão? 12 : 10 : : 500 : x. Mexe daqui, mexe dacolá, x era igual a cêrca de quatrocentos e dezessete minutos; sete horas menos cinco! Como já se estava perto das dezoito, só chegariam lá em cima depois da meia-noite. Decidiram, pois, regressar a casa e voltar na segunda-feira, pela madrugada, quando poderiam tomar o bondinho ao meio-dia... se tudo corresse bem.

Seguiram calmamente para o ponto do bonde. Quando êste chegou, grupos de foliões, de turistas, de gente em férias afluíram para o assalto. O cidadão matemático protegeu a subida da espôsa e da sobrinha, e ficou imprensado entre dois populares, ambos bem vestidos: um, de azul-marinho e outro de branco. Mas, no pega-pega, quando o nosso amigo subiu, notou que lhe haviam levado o dinheiro, guardado cuidadosamente no bôlso esquerdo da calça, com o botãozinho devidamente acasalado.

— Furtaram-me a carteira! — exclamou, um tanto atordoado.

Desceu, procurou verificar se não caíra. Nada. Os dois populares que o apertaram à subida do bonde eram técnicos em punguismo, esporte perigoso mas bastante remunerador, especialmente em lugares como aquêle e em dia de carnaval. Não havia um guarda, um policial, um investigador. O cidadão ficara sem dois mil trezentos e cinqüenta cruzeiros, o certificado de reservista, título de eleitor, algumas estampilhas, selos do correio, retratinhos de família e um cheque nominal contra o Banco do Brasil, da Glória.

Não teve de vir a pé até à residência porque ainda lhe ficaram no bolsinho do blusão três cruzeiros misericordiosos. Aconselharam-no a que fôsse ao Distrito Policial apresentar queixa. Mas a sereníssima vítima desistiu. Para quê? Imaginem se o caso cai nas mãos de um foca, o qual, embrulhando o ocorrido lhe cita o nome honrado, como sendo o do batedor de carteira! Ou então, dada a publicidade, ter que narrar a cada amigo como foi a punga: **Era no domingo de carnaval,** etc. Isso uma, três, trinta vêzes por dia! Como a memória humana é muito falha, não se admirem se algum dos seus conhecidos comentasse com outros: **«É verdade. F., sabe? Andou aí envolvido numa história de furto de carteira... um negócio na polícia... no carnaval... Você soube?»**

Além de tudo, essas pequeninas desgraças, ao invés de reunirem solidariedade em tôrno da vítima, provocam risos. Não há quem não ache graça no pungueado. É uma situação grotesca, e o ouvinte não pode conter o frouxo de riso, merecendo, porém, admiração o punguista, pela habilidade com que executou seu plano atenciosamente imaginado em face de uma carteira a **dar sopa**, embora lá no fundo do bôlso, que, por sua vez, estava protegido por um botão e êste fortemente fixado por uma linha. Por isso se pode chegar à conclusão de que, **bôlso, linha** e **botão** de nada valem diante da hábil manigância de um **lunfa** armado de gilete e ajudado por outro parceiro também técnico em distrair a atenção da prêsa. E como Deus protege a quem trabalha...



ANGELITA EM 3-D

22 anos x 52 quilos x 1,64 de altura

PING-PONG



ANGELITA EM CORPO 10

RESPONDE EM CORPO 8

Texto de **LUÍS SODRÉ**

PING — Com que idade v. pretende envelhecer?

PONG — Quando sentir que é tempo.

PING — Quantas vêzes v. pretende se casar?

PONG — Já há divórcio no Brasil?

PING — Você acha que está com tudo?

PONG — Ainda não experimentei essa sensação. Mesmo nos bons momentos.

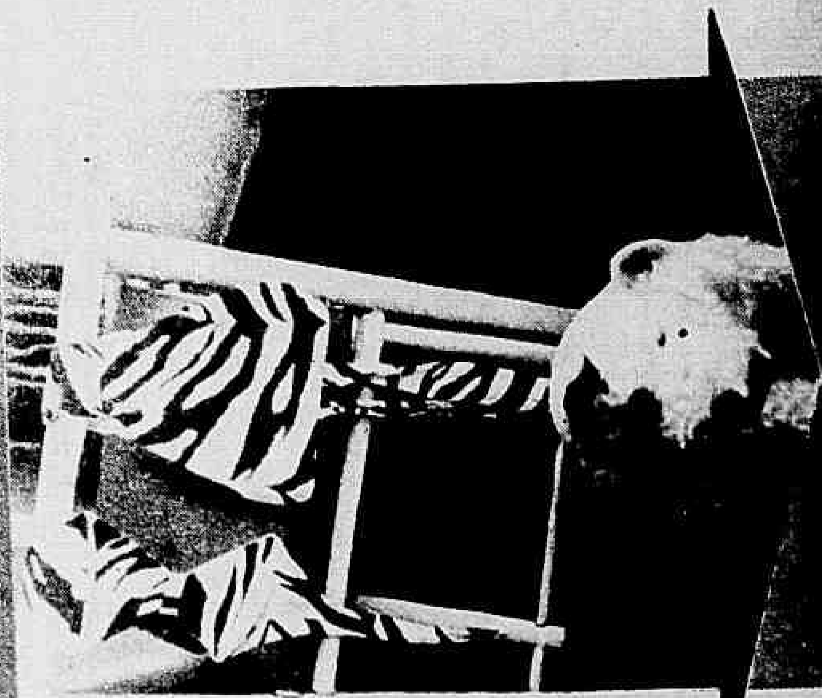
PING — O que é indispensável para que um homem a faça feliz?

PONG — Não me controle nem tente me dar ordens.

PING — A vida começa na adolescência?

PONG — O mundo é dos «brotos».

ANGELITA (Maria Ângela) nasceu em São Paulo, começou cantando por 6.000 cruzeiros na Record, em 50 passou para o Monte Carlo com 10.000, onde atuou nos «shows» «Carroussell» e «Paris c'est comme ça». Atuou na Mayrink e na buate «Meia Noite». Daí para o «Vogue», apenas 4 quarteirões e mais 4.000 cruzeiros. Recebeu uma porção de propostas, inclusive uma de Teófilo de Vasconcelos para a reabertura do Casablanca, e ei-la com 16.000 cruzeiros mensais. Não Foi casada com o cantor Chucho Martinez de 47 a 50 (divorciada por incompatibilidade). Não chegou a conhecer bem o marido, mas conheceu o México, Cuba, Pôrto Rico, Estados Unidos e Panamá. É filha de Bartô, campeão sul-americano de futebol. Tem 80 vestidos, mas prefere o biquini. Mora em apartamento próprio em Copacabana: 3 quartos, duas salas, uma grande varanda, tudo por 950.000 cruzeiros. Cantou e dançou no «Follies» com sucesso. Atualmente está no «Night and Day». Não está enamorada de ninguém. É o que diz.







Angelita em duas peças: um pedaço de pequena em ritmo de rumba

PING — Qual o homem mais inteligente do Brasil?

PONG — Carlos Lacerda.

PING — Quais as qualidades que lhe atribuem?

PONG — As que, em geral, não possuo.

PING — E as que realmente tem?

PONG — Independência e bom coração.

PING — Como é que os homens a olham de dia?

PONG — Com surprêsa, pois, em geral, durmo o dia todo.

PING — E de noite?

PONG — Essa curiosidade é minha também.

PING — O que v. considera um bom público?

PONG — Aquêle que ri, fica sério e aplaude bem nas horas em que deve rir, ficar sério e aplaudir.

PING — V. acredita na beleza como um passaporte para a fama?

PONG — Depende do lugar para onde se vai viajar...

PING — Você gosta de banho frio?

PONG — Aproveito para pedir encarecidamente ao engenheiro Braga que mande água para o meu prédio na av. N. S. de Copacabana, quase em frente ao Copacabana Palace. Depois eu respondo.

PING — É adepta do maiô biquini?

PONG — As fotos falam por mim.

PING — Por quê?

PONG — Queima melhor.

PING — Acha que a mulher dá para a p[olí]tica?

PONG — Não, assim como raríssimos homens.

PING — Qual a frase que v. mais gosta de ouvir?

PONG — «Deixe que eu resolvo isso».

PING — E a proposta?

PONG — Prefiro propor.

PING — Qual o traje ideal para a mulher?

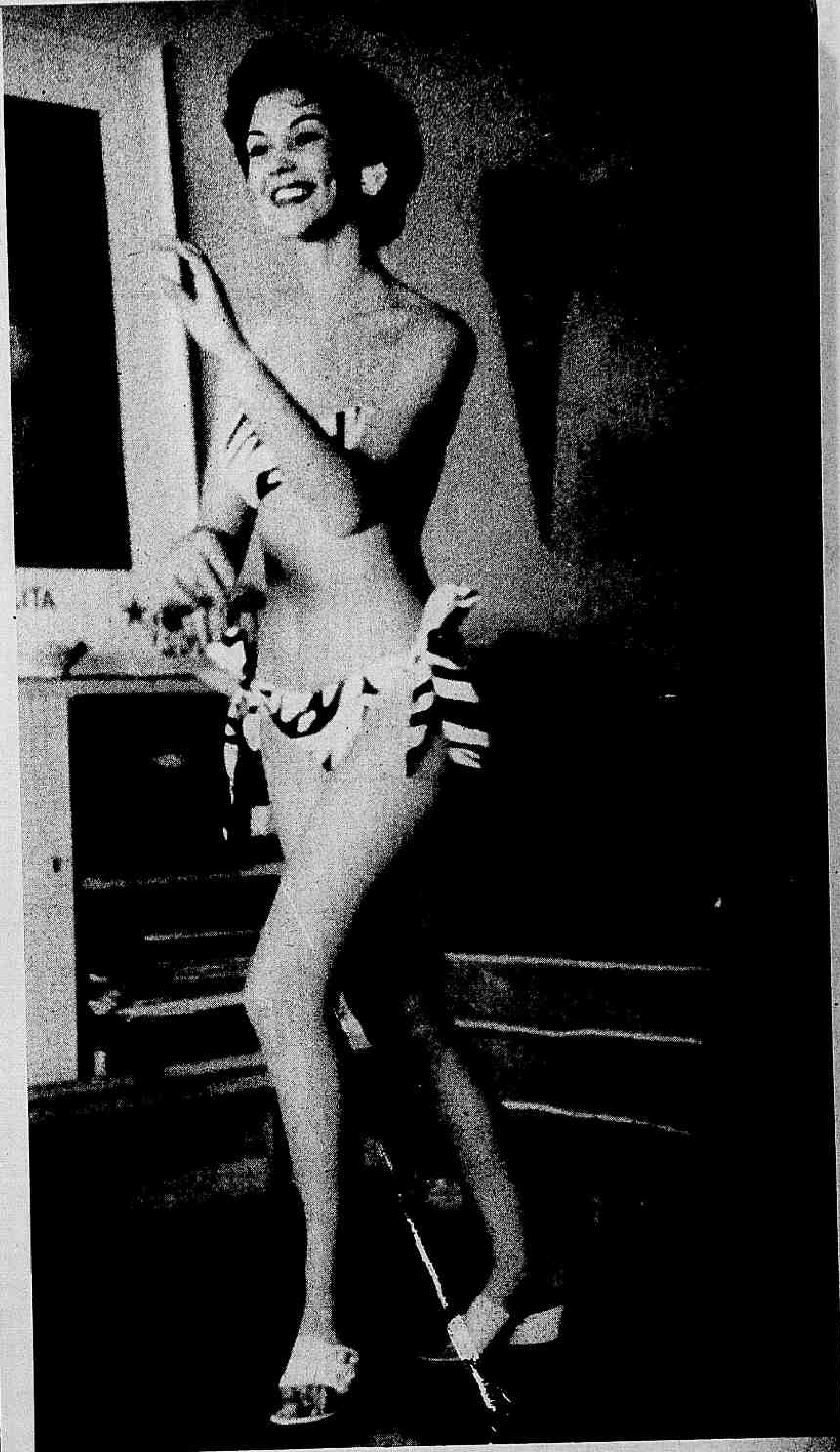
PONG — Calças compridas.

PING — E para o homem?

PONG — Também.

PING — V. acha que é feio moça aceitar carona?





Mas é sua cabecinha quem conduz seu corpo à glória. Como se vê

PONG — Elas aceitam tantas outras coisas, por que não essa quando chove e a condução não existe?

PING — Se você estivesse morrendo afogada, quem v. gostaria que a fôsse salvar?

PONG — Qualquer pessoa... contanto que me salvasse!

PING — Cite os dois homens mais elegantes do Rio.

PONG — Gilberto e Marinho.

PING — Qual o tipo de homem que mais lhe impressiona. O tímido ou o agressivo?

PONG — Nem tímido nem agressivo. Gosto do homem que toma as devidas providências nas horas precisas.

PING — Se v. fôsse homem, quem gostaria de ser?

PONG — Alguém que ainda não conheço.

PING — V. é desiludida?

PONG — Tanto quanto o mundo quis.

PING — Tem muitos planos para o futuro?

PONG — Vivo a vida.

PING — Qual o romance que mais lhe impressionou?

PONG — «E o Vento Levou». Pelo tamanho.

PING — Justifica os crimes passionais?

PONG — Só os meus se um dia os vier a cometer.

PING — V. acha o bigode indispensável à indumentária masculina?

PONG — É. Junta poeira!

PING — Quantos cigarros v. fuma por dia?

PONG — Depende de como transcorre o dia.

PING — Você gosta de meditar sôbre as coisas da vida?

PONG — Quando me obrigam, reajo a tempo.

PING — Gostaria de ter seu busto exposto em praça pública?

PONG — É muita honra para uma pobre marquesa.

PING — De que é que v. mais gosta?

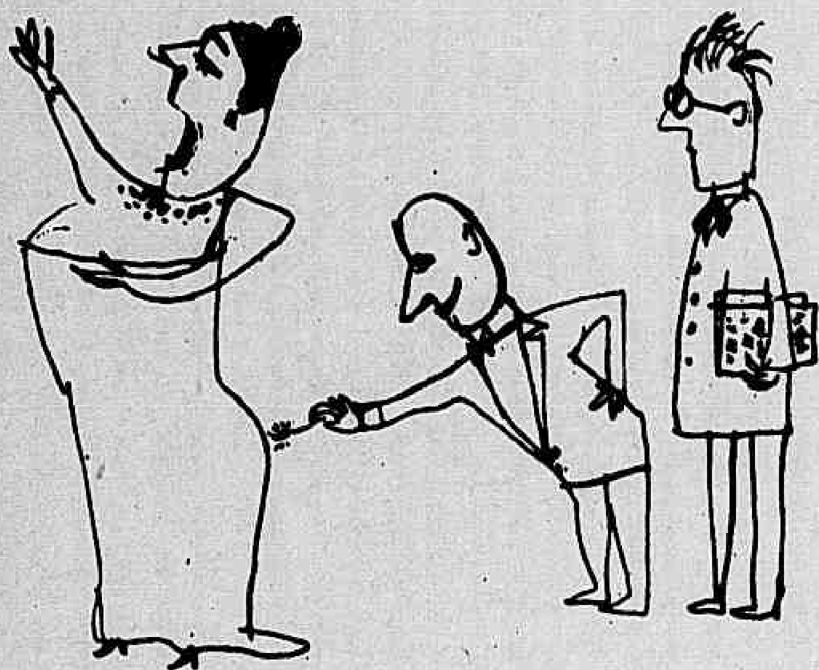
PONG — Viver.

PING — O que é que v. detesta?

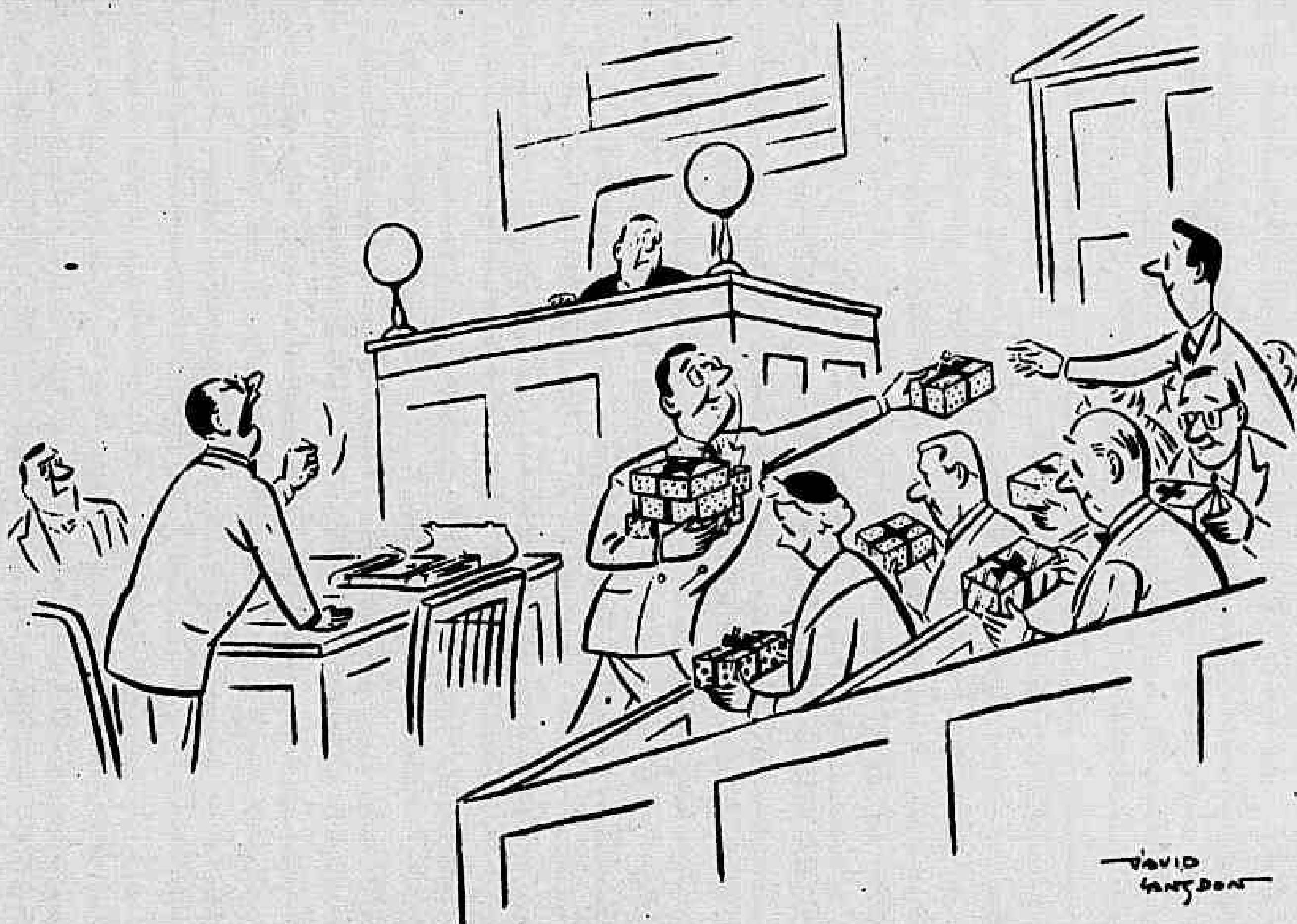
PONG — Dentista.

PING — Sente-se feliz nesse momento?

PONG — Se já terminou, sim!

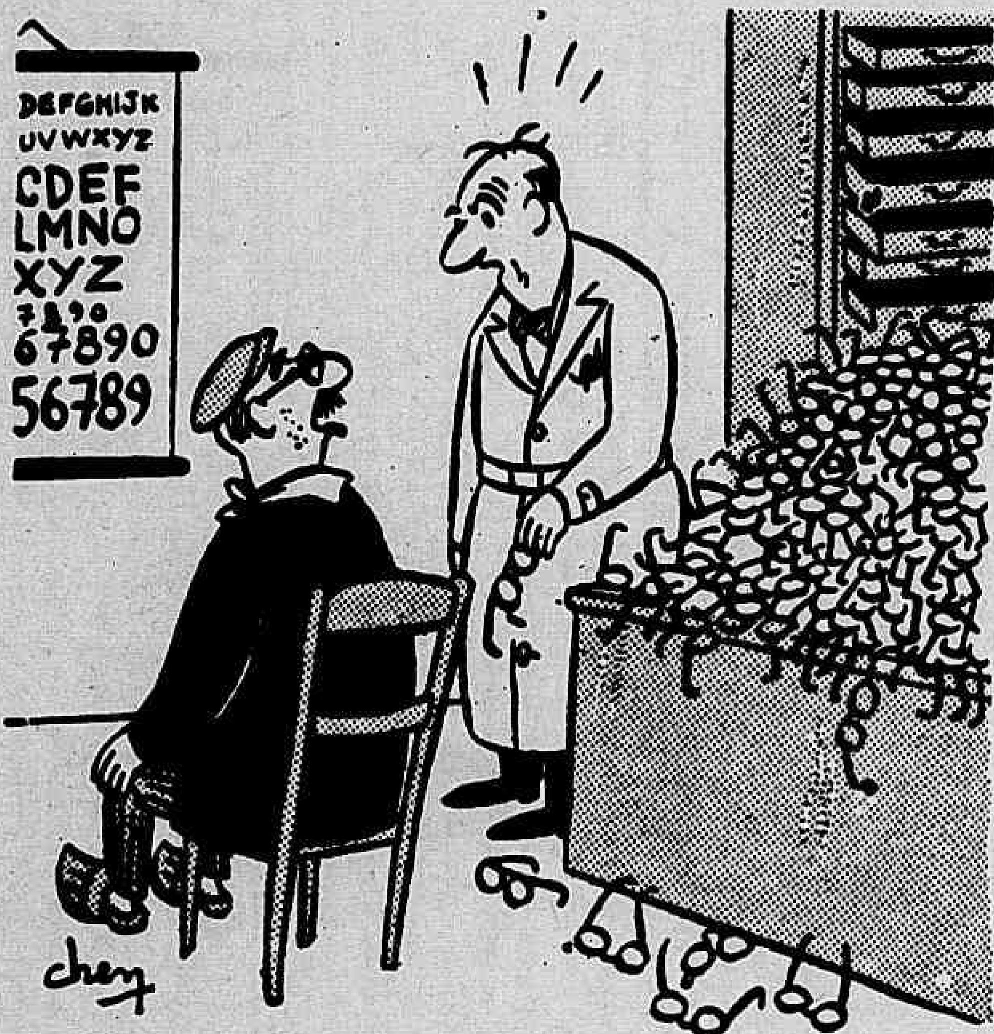


— E' o único meio de fazê-la dar um bom agudo!



— Senhor Juiz, eu me oponho: a defesa está fazendo um jôgo desleal...

A PROFISSÃO NO RISO DOS OUTROS



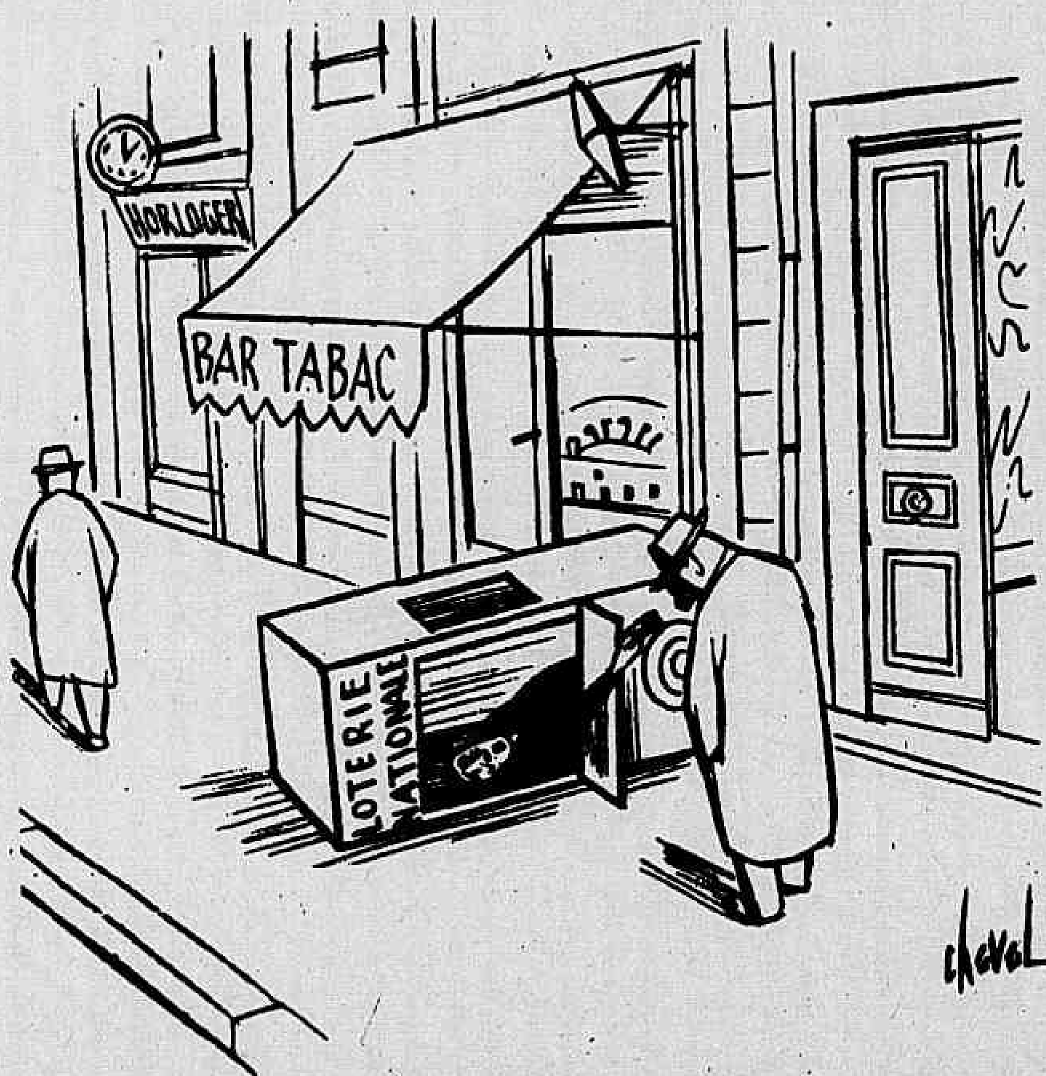
— Eu devia logo lhe ter dito que não sei ler...



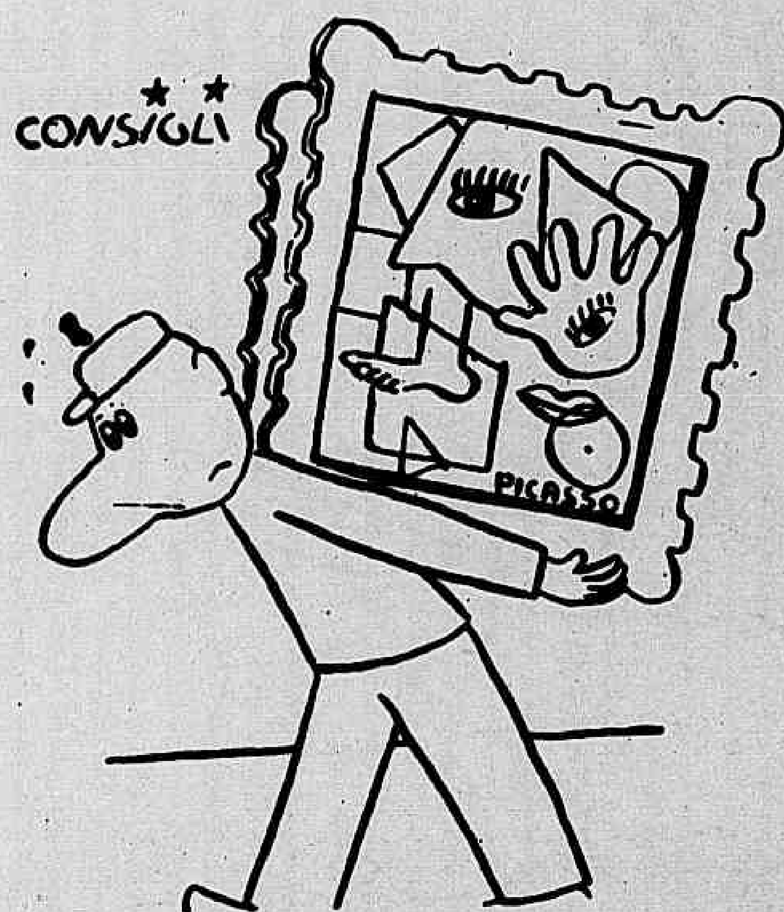
— Era uma vendedora interessantíssima!...



— Que trabalho romântico!



— Tente a sorte, cavalheiro!

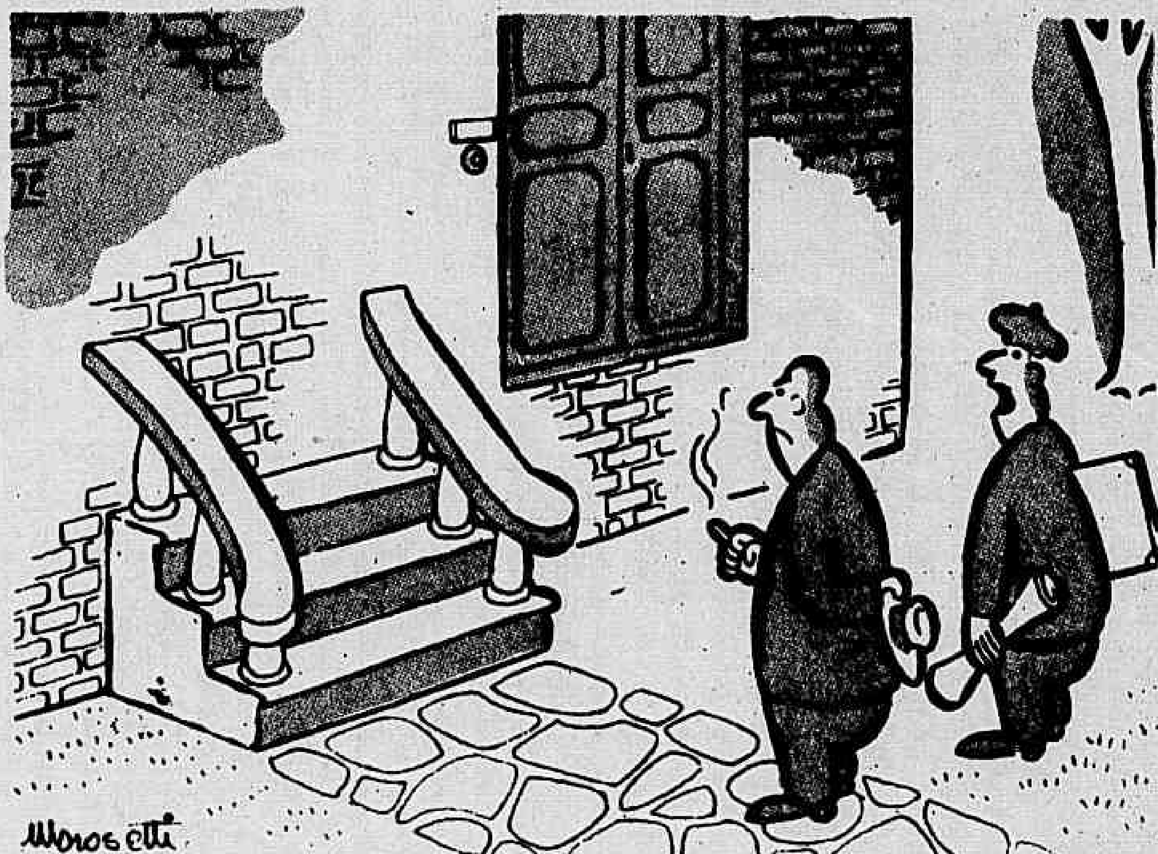


«Levará sôbre os ombros o pêso da celebridade.»





— Como? Então não é a mulher barbada?
— Não. Sou a irmã dela.



— O senhor fala assim porque não está ao par dos problemas da arquitetura moderna.

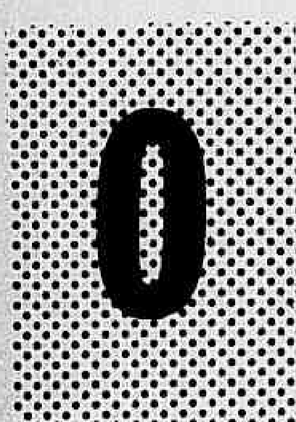


— O senhor prova que havia dois cabelos na sopa?...

COPACABANA

NOVO MANGUE

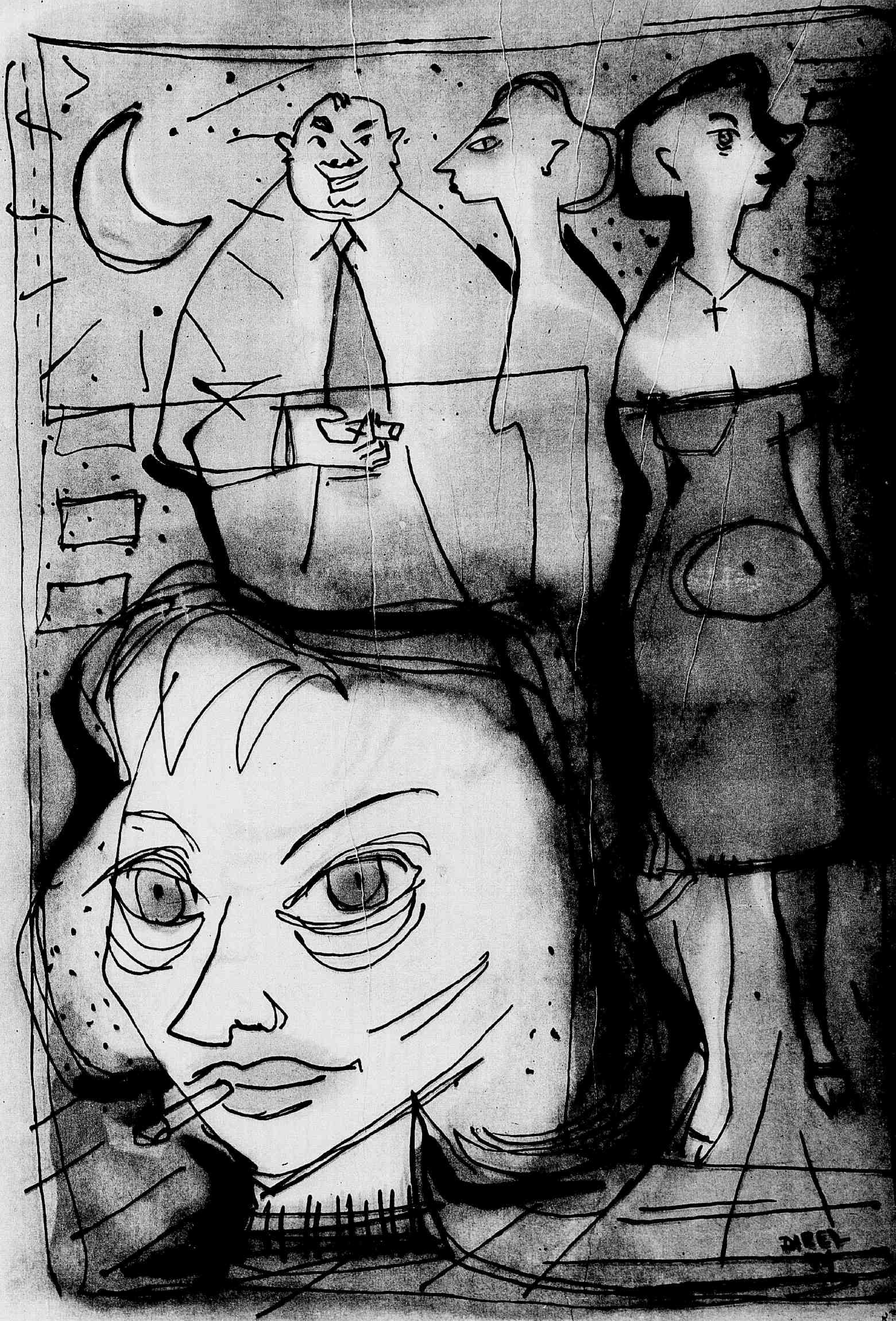
ANTONIO MARIA



S focos de meretrício em Copacabana, antigamente discretos e esparsos, estenderam-se, hoje, por todo o grande bairro, transformando-se em multidão de mulheres, em imenso **trottoir**. Os pontos principais são as ruas Princesa Isabel, Gustavo Sampaio, Avenida Nossa Senhora de Copacabana (trecho compreendido entre Princesa Isabel e Ronald de Carvalho) Prado Júnior e a Avenida Atlântica, de ponta a ponta e, mais intensamente, do Leme às imediações do cinema Rian. Combatida ou não pela polícia, essa praça de prostituição sempre houve, mas em horas tardias, quando o movimento era menor. Hoje — é necessário que se atente para êste progresso — das seis da tarde às sete da manhã, já dia claro, as calçadas estão cheias de mulheres, rindo, chamando, dizendo e fazendo obscenidades. Se, em outras notas temíamos que Copacabana se transformasse em Lapa, hoje, não será exagêro comparar-se ao Mangue alguns quarteirões dêsse bairro de tão linda fama turística. No que estamos descrevendo não há o menor exagêro e qualquer leitor poderá constatar estas tristes e deprimentes verdades, indo e vindo praia afora, circulando pelas transversais e paralelas. Vieram, não sei de onde, essas mulheres feias e maltratadas. Sem o mínimo disfarce de beleza ou de honestidade (ao contrário, parecem trazer o símbolo da classe gravado na testa) passeiam à vontade pelas calçadas, aos adeuses para os raros e inofensivos furgões da Rádio-Patrulha. Se perseguidas e combatidas já foram (relembrem-se a ação do comissário Padilha, que se excedeu em violências) venceram, com o tempo, pela perseverança. Hoje, sua liberdade é total, e mais sua que de ninguém é a Copacabana noturna, cartão postal que trazia forasteiros de tôda parte, madrugadas de boêmios que perdiam no jôgo, bebiam chope ou que amanheciam num bar de terraço, contando valentias e dores de cotovelo. Os redutos dêsse bafonismo são pequeninos bares de freguesia brava (rufiões, traficantes de tóxicos, vendedores de jóias), com a sua grande matriz, o Bolero. Sua moradia, onde, em alguns casos, recebem, são apartamentos de cinco e seis mil cruzeiros mensais, situados quase sempre em Gustavo Sampaio, Duvivier e Prado Júnior. Há, também, as que moram na zona Norte, com as famílias, e atendem nos Taxi-Hotéis (não cobram diárias e sim tempo) da avenida Niemeyer.

● Denuncie-se, ainda, o verdadeiro aluvião de pederastas, andando e falando sôbre o gracioso ou sentados nos bancos da praia, aos **psiu** e aos gritos, para completar a náusea e a feiura da noite. Isto prova que não temos polícia ou, se temos, suas instruções são: não coibir, para que prolifere o deboche à beira-mar. Torna-se necessária uma urgente e segura ação policial que limpe e moralize as ruas de Copacabana. A Delegacia de Costumes, sem violências, acabaria, se quisesse, com o Mangue da zona Sul. Bastavam deliberação e persistência. Homens sem profissão definida e mulheres desacompanhadas seriam proibidos de freqüentar os bares ou circular, à guiza de passeio, pelas calçadas. Tudo isto, como medida policial, me parece fácil de executar desde que haja método e vigilância. O difícil é entender por que a condescendência, por que o quase amparo à prostituição barata da zona sul? Uma cidade como a nossa, depois de suprimidos os confortos de água e luz, mal cheirosa em tôda a sua extensão litorânea, morre de abandono, sem polícia e sem prefeitura. Ninguém está vendo a velocidade do seu apodrecimento. O caso da Municipalidade, por exemplo, será perdido, até que se substituam as autoridades levianas e lerdas, que não vêem nem sentem a angústia do povo. O prefeito pede prazos e, nos dedos, conta os meses à sua maneira: fevereiro, março, **abreu**, maio... A polícia dá entrevistas de florida aparência, como esta publicada hoje (30 de março) num matutino: «vamos vigiar os namorados e os noivos». Ora, meu caro general Âncora, o que tem V. Excia. a ver com pecado? O mais que os noivos e os namorados podem fazer é pecar. Mas, o caso não é bem êste. O caso é de limpeza. Remover, afastar, transferir homens e mulheres que fundaram o seu novo Mangue em Copacabana e que desafiam a autoridade e a competência de sua polícia. Vá ver com os seus olhos e, se nessas palavras escritas houver algum exagêro ou falso testemunho, entregar-se-á, êste cronista, à sua cadeia até aprender a não injuriar as chamadas autoridades competentes.

Desenho de DAREL





PARIS NÃO SAI DA MEMÓRIA

LEVANTA-SE E PENTEIA OS CABELOS COMO A MULHER AMADA ★ A RUA, A CANÇÃO E O VINHO ★ SORTILÉGIOS E ENCANTAÇÕES DA NOITE ★ CIDADE MONUMENTAL E HUMANA COMO SÒMENTE ELA SABE SER.

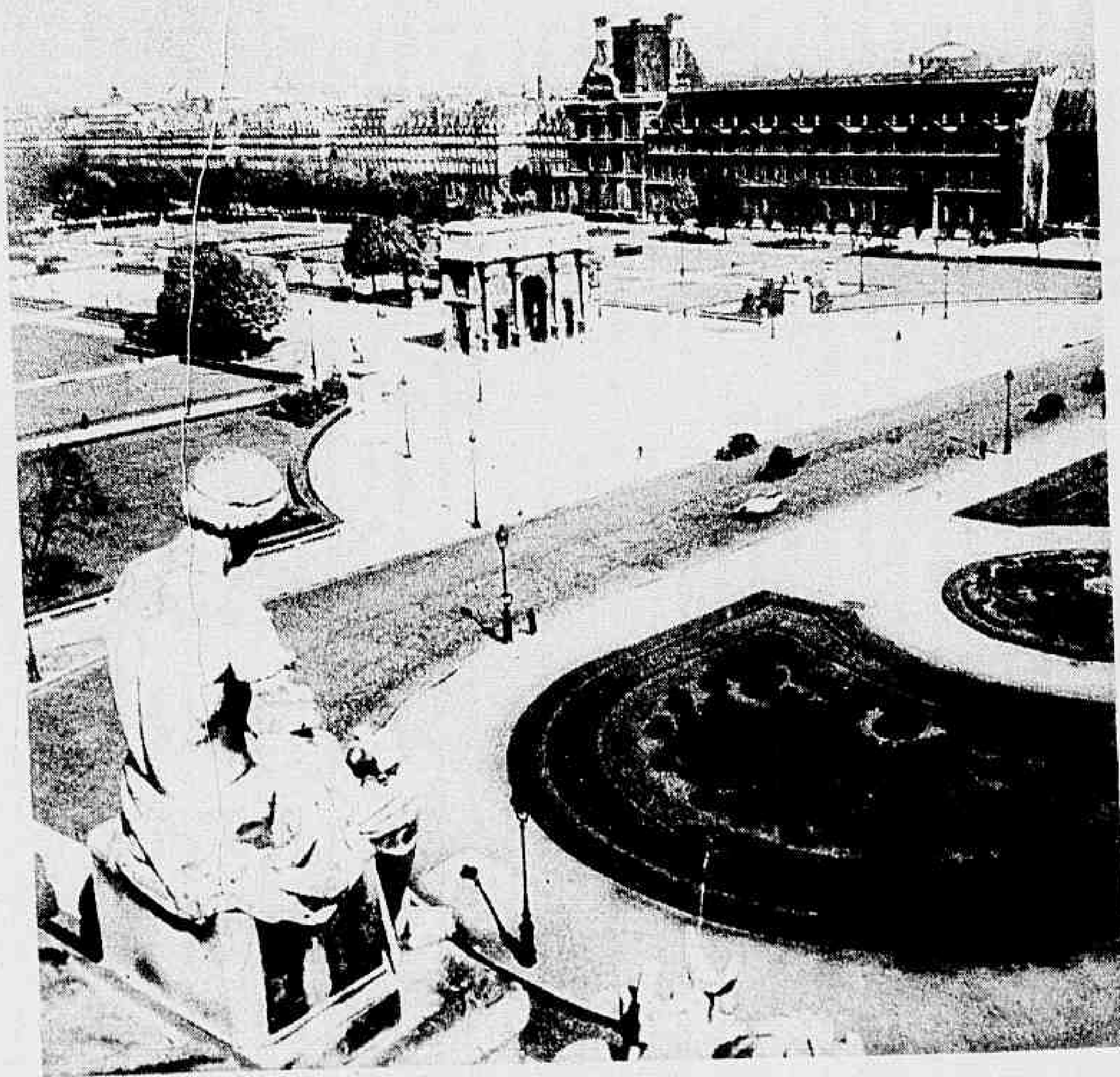
Reportagem de **SÉRVULO DE MELLO**

O dia em Paris é às vêzes árduo e duro para o parisiense que trabalha. O que está flanando, ou o turista, pode, entretanto, realizar um passeio ao fundo dos séculos. Os museus de Paris são repositórios completos da civilização, da cultura e da arte, a começar pelo Louvre que é a maior condensação de obras plásticas do mais alto valor em todo o mundo. Visiteio-o oito vêzes, demoradamente, e confesso que não pude ver tudo. Existem ainda «Le Musée des Arts Modernes, le Musée des Impressionistes, O belo Museu Rodin, Cluny, Luxemburgo, Le Musée de L'homme do Palácio de Chaillot, no qual se pode encontrar um documentário antropológico substancioso e perfeito a respeito da raça humana, inclusive do homem brasileiro como não existe ainda no Brasil. E muitos outros ainda existem, inclusive os particulares, os palácios, igrejas e monumentos que representam séculos da arte científica e histórica.

As bibliotecas de Paris, a começar pela Nacional com seus milhões de volumes, são fontes verdadeiras de cultura nas quais estudantes, professôres, técnicos e curiosos de todo o mundo encontram respostas para tôdas as indagações do espírito e meios de satisfazer a quaisquer curiosidades do ponto de vista cultural, científico ou artístico. E o passado humano, assim, se nos revela fecundo e sempre inesgotável.

A RUA

Pode-se também andar pelo Boulevard des Italiens para ver a vida nas calçadas e dar de cara com o «flaneur». Êsse tipo popular de Paris não é absolutamente um vagabundo. Falta-lhe uma profissão definida. Cada dia êle tem que descobrir uma atividade que lhe garanta a subsistência. E só o trabalho de procurá-la já lhe é penoso. No entanto, enquanto não a encontra, êle se posta nas calçadas e fala com todo o mundo. Conta anedotas, faz blagues, informa, relata os fatos políticos do dia, conversa no seu «argot» colorido e vivaz, não desrespeita as mulheres nem faz chantagens. É muito simpático o «flaneur». Encontrei um que usava boina basca e se entregava ao mister de ler os jornais cantando, isto é, adaptando as canções populares às notícias do dia. Fazia isso com tal habilidade que, em pouco tempo, atraiu uma colossal multidão e leu todo o Fígaro. No fim, não estendeu a mão pedindo, mas ofereceu suas habilidades profissionais. Era guia, eletricista doméstico, professor de cão e uma porção de outras coisas.



O Arco do Carroussel, entre o Louvre e o Jardim das Tulnerias. Quando chega o inverno, a neve cobre tudo com o seu manto frígido e branco.

SORTILÉGIOS E ENCANTAÇÕES DA NOITE

Não é a mesma elipse da abóbada que cobre outras cidades. A noite em Paris é próxima, e o céu parece agasalhar as criaturas em pelúcia e lã. Nas ruas, nos becos, nos «boulevards» e nas grandes praças existe uma série inumerável de sortilégios e encantações. Disse o poeta que a noite dissolve os homens e é bem provável que isso suceda em Paris.

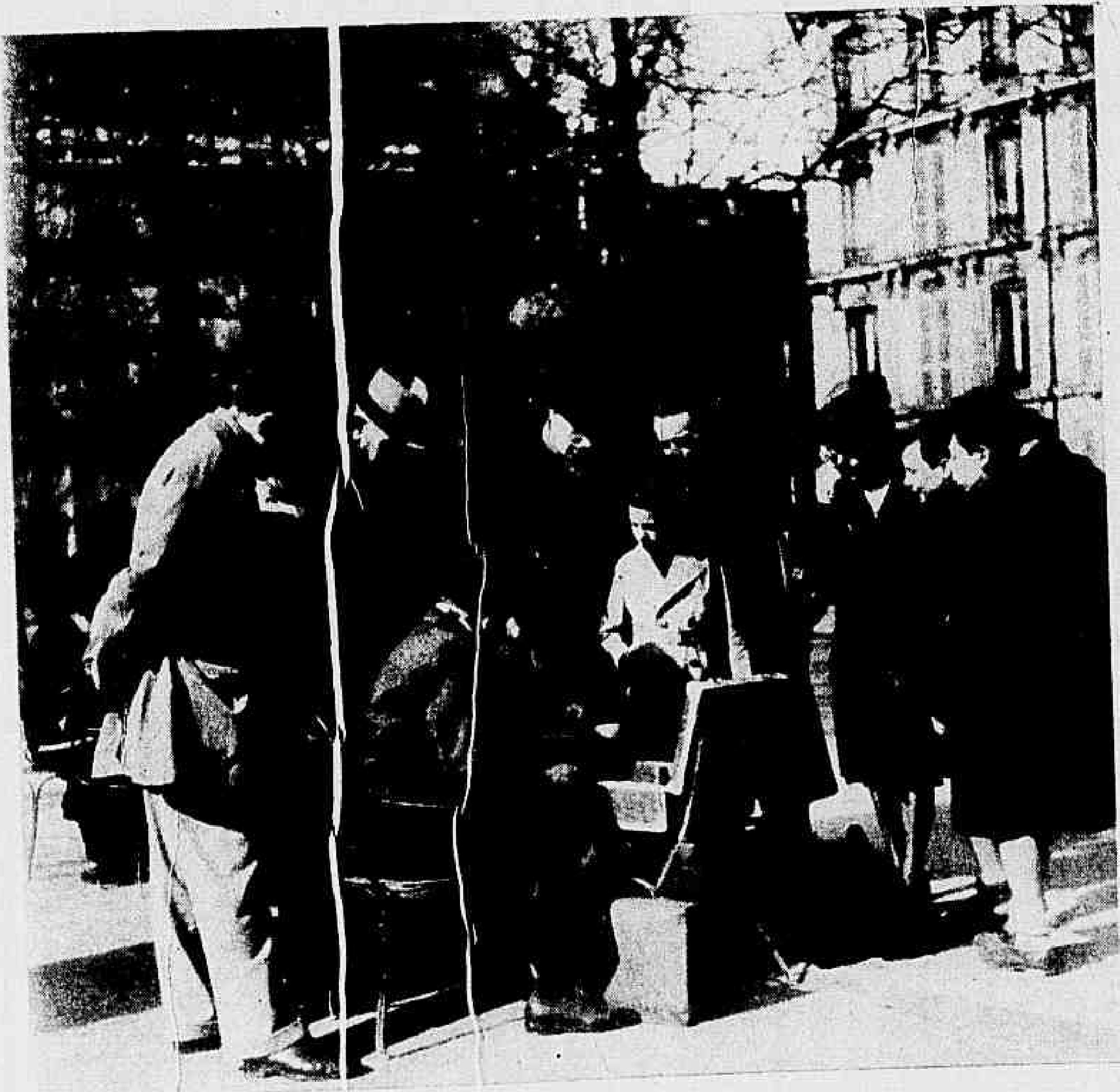
Impossível dizer tudo, num só informe e, por isso, falarei de «cabarets». A palavra «cabaret» em Paris não soa pecaminosa como no Brasil e em outras partes do mundo. Denomina unicamente a casa de espetáculos onde se dança e se diverte, bebendo champanhe e assistindo a exibições luxuosíssimas, verdadeiras revistas que superam de muito as representações cinematográficas de Hollywood. A presença da mulher, é claro, empresta ao ambiente graça, charme e deslumbramento, porque a vedete, as artistas e os corpos de coristas acrobatas, etc., são escolhidos com estética e técnica cenográfica. As maiores celebridades, o exótico, o pitoresco, o deslumbrante, se associam em conjuntos harmoniosos, traduzindo sempre espírito, graça e beleza. O Tabarin, o Bacarat, o Lido são atualmente os maiores «cabarets» de Paris. Nêles, são apresentados os maiores «chansoniers» da França, além de miraculosos espetáculos de marionetes. De resto, são revistas completas, no curso das quais aprecia-se um desfile das mais belas mulheres do mundo, e figurinos deslumbrantes ou simplesmente sem figurinos...

Não é possível, entretanto, enumerar os cafés-concêrtos, os «caveaux» e «boites». Tem-se a impressão de haver milhares, cada uma com o seu colorido típico e suas originalidades. Em Saint-Germain-de-Prés situam-se as «caveaux» existencialistas, algumas das quais são existencialistas de fato, mostrando mulheres de olhar flour, rapazes sofisticados e gente madura em tortura metafísica. Ouvem-se orquestras estranhíssimas e assiste-se a exibições verdadeiramente malucas. Existe, porém, o existencialismo estilizado para os turistas, o qual, aliás, é muito bonito e agradável sem ser excitante. Assim, são La Rouge, o Tabu, etc.

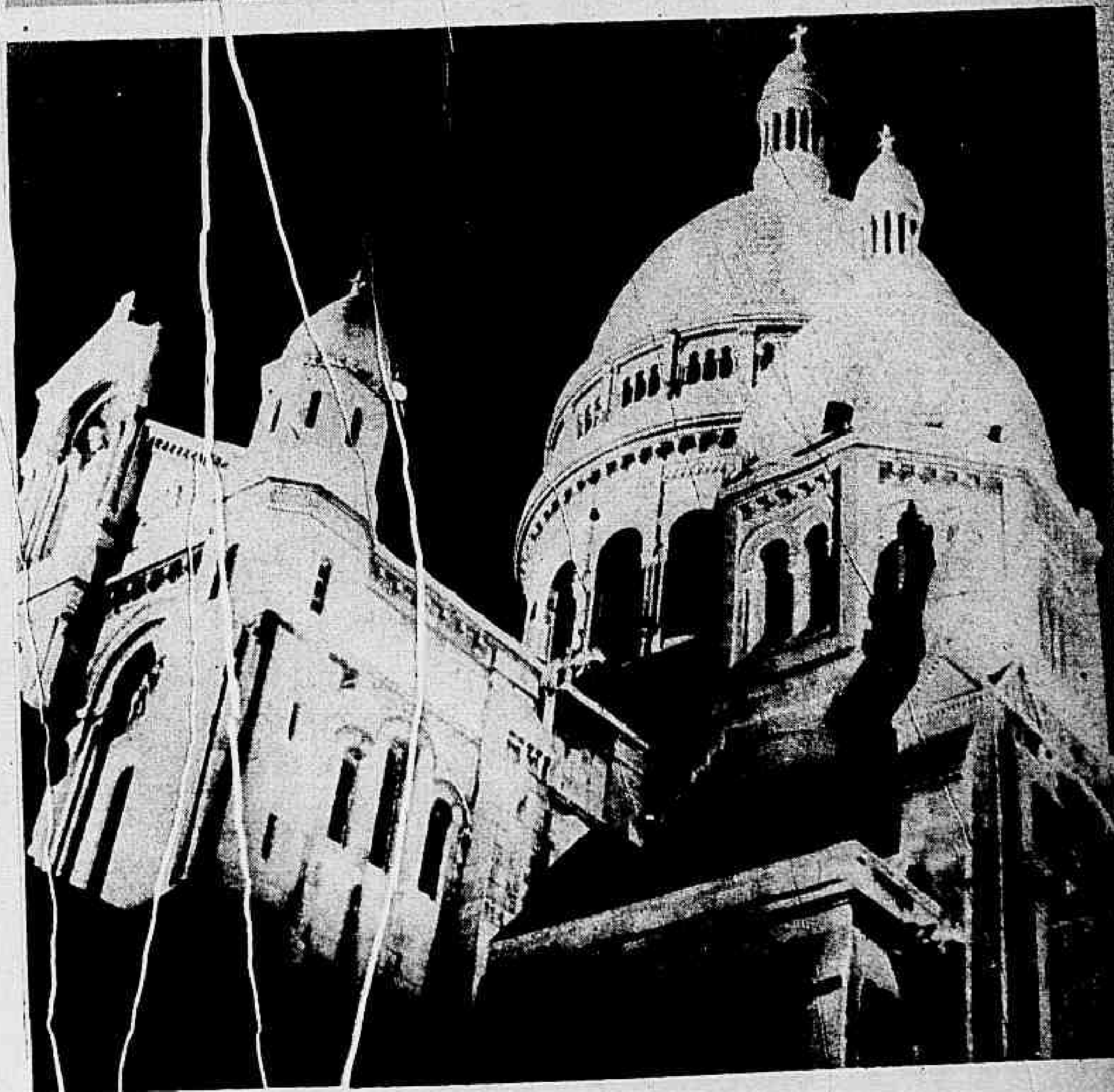
A noite está povoada de sonho e fantasia. A música, a mulher e o champanhe transbordam a taça da vida. E a arte e a elegância caminham de mãos dadas com o prazer. Mas é claro que a noite não é apenas a boêmia. São os grandes teatros, os concêrtos, as reuniões, um mundo de criação sem paralelo no espírito humano.



Há mais de mil anos que as Quimeras da Notre Dame contemplam a imensa cidade que os anos multiplicaram por cem, por mil. Ao longe, a cúpola redonda do Sacré-Coeur.



Os pintores ambulantes de Paris marcam uma das características mais românticas da «Capital do Espírito». A pintura pode não ser boa; mas a inspiração é sempre sincera.



O Sacré Coeur, grande, do alto de [illegible] a cidade que se estende [illegible] da verão, suas escadarias [illegible]





UMA SÓ BOMBA DE HIDROGÊNIO DESTRUIRÁ TÔDA NOVA YORK!

AS INCRÍVEIS PERSPECTIVAS QUE AS EXPERIÊNCIAS DO DIA 1º DE MARÇO, NO «ATOLL» DE BIKINI, ABREM PARA A HUMANIDADE.

A revelação do sr. Lewis L. Strauss, presidente da Comissão de Energia Atômica (dos Estados Unidos), alarmou o mundo inteiro. Disse o sr. Strauss: "Nós já podemos fabricar uma bomba de hidrogênio capaz, sòzinha, de destruir inteiramente uma cidade do tamanho de Nova York". Essa revelação, de côres tão sinistras e tão ameaçadoras, foi enunciada poucos dias após a experiência no "atoll" de Bikini, com a mais poderosa arma nuclear até então usada. Telegramas posteriores, divulgados na imprensa mundial na primeira semana de março, contavam o que foi a formidável explosão, e falavam de "um incrível e monstruoso cogumelo de fogo e fumaça que durante longos minutos encobriu a pequena ilha e levantou as águas do mar até uma altura considerável".

● Dia a dia, como se vê, o poder do homem sôbre as fôrças ocultas da natureza se torna mais amplo; e ninguém poderá dizer a que caminhos de paz ou de morte levará a conquista, pelo engenho humano, dessas fôrças que até então pareciam fora do seu alcance e do seu domínio.

DESFILE de PÁSCOA

NEW YORK — Abril (por Gay Lombard — correspondente exclusiva da Revista da Semana, nos EE. UU.)



WALTER FLORELL — gosta da palha de bali para suas criações. Êste modêlo é enfeitado com organza escocesa e uma fivela de «strass».

N O último domingo realizou-se em New York — à saída de tôdas as igrejas — o já famoso desfile de Páscoa (Easter Parade) também chamado o «Desfile dos Chapéus». Às solenes cerimônias religiosas que assinalam a grande festividade cristã compareceu a fina flor da sociedade, e tôdas as mulheres elegantes estrearam um chapéu, escolhido dentre as criações mais recentes para a primavera novaiorquina. Êste ano, o Desfile de Páscoa foi dos mais bonitos, com criações exóticas de mr. John e John Frederics, modelos de Walter Florell, e graciosos toques de Tatiana.

● Notavam-se, também, algumas criações francesas, pois, hoje em dia, as norte-americanas gostam muito de se vestir em Paris.

A palha era o material mais generalizado, e via-se de qualidades das mais exóticas às clássicas, como a de bali que êste ano está muito em moda. Destacavam-se também bonitos modelos em tecido, em côres combinadas de forma pouco comum. Muitos dêles tinham um broche ou uma fivela de «strass» como enfeite. Selecionamos alguns modelos para remeter às leitoras da REVISTA DA SEMANA, tendo em vista, porém, a sua utilidade para a atual temporada de outono do Brasil. São criações que chamam atenção pelas suas linhas elegantíssimas.



JOHN FREDERICS — criou uma série de modelos enfeitados com tiras da própria palha. Êste é em palha de Milão, azul-marinho.



WALTER FLORELL — revive neste modêlo o clássico estilo «cloche». Em palha natural de bali, com um lenço em cetim púrpura na copa.



WALTER FLORELL — Pequena boina em estilo vitoriano, tecida em «pied de poule» — com fitas de faile negra e branco pérola.



SAKS — Pequenino toque em palha branca, contornada por hastes verdes bastante suaves, que terminam em jacintos azul pálido.

WEEK-END NA COZINHA

...e no bar

● Quem é que não gosta do famoso coquetel «Leite de Onça»? Pois aqui vai uma variação mais nacional, em que se emprega um bom parati em vez do gin. Preferível será uma aguardente tratada — dessas que não têm mais aquêle odor característico, tão desagradável para alguns paladares. Eis a receita:

1 lata de leite condensado

A mesma quantidade de aguardente.

Metade da quantidade acima de «sherry».

Ponha no liquidificador e bata durante alguns minutos. Sirva em cálices pequeninos.

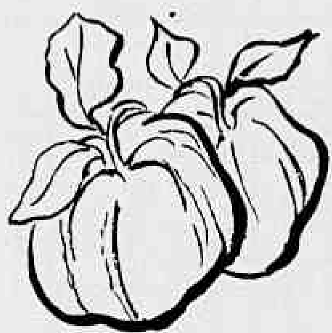
Desejando êsse coquetel gelado é melhor deixar todos os ingredientes na geladeira, antes de fazer a mistura.

OS SEGREDOS DA PREPARAÇÃO DE ABÓBORAS ★ NÃO BASTA SIMPLESMENTE PICÁ-LA E COZINHÁ-LA

TIA DULCE

«Seus artigos», dizia-me uma nota que recebi de um de meus leitores, falam a respeito de quase tudo, desde as sopas até as sobremesas, com uma exceção — a abóbora. Com **abóbora** bem sublinhada, ainda dizia o **seguinte**: «Porque não nos dá uma orientação para a **preparação dêsse vegetal**, de que aliás, eu gosto muito?!» De um modo geral, **existem** dois tipos de abóbora. A **abóbora** pròpriamente dita e a **abòbrinha**. As abòbrinhas apresentam uma grande variedade de formas **e côres**. Algumas são achatadas como um disco voador, outras são alongadas **e**, finalmente, ainda **existem** as alongadas e curvas ao mesmo tempo. As côres vão do branco, através do creme, até o amarelo vivo. Algumas são manchadas. Tôdas elas têm, no entanto, uma coisa em comum — a delicadeza do sabor. Naturalmente, quando são preparadas adequadamente.

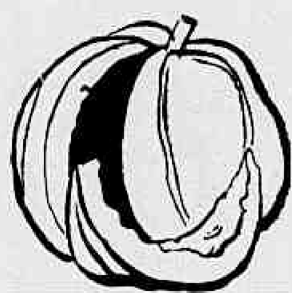
● Geralmente os livros de cozinha mandam apenas picá-las, cozinhá-las e depois servir com um pouco de manteiga. Em princípio não está errado, mas é preciso algo mais. A seleção da abóbora, por exemplo, é muito importante; deve ser tenra e bem nova. Quanto maior, mais duras serão as sementes e a casca, e menos delicado o sabor. Uma abòbrinha tenra, picada e cozida com sal, pimenta, um pouco de manteiga para dar gôsto, e — agora vem o mais importante, uma boa pitada de açúcar, é difícil de ser igualada.



● Existem naturalmente outras coisas que se pode fazer com abóbora, e agradarão mais ou menos, conforme seu paladar. **Abóbora à francesa**, por exemplo, simples mas de grande efeito. Cozinhe a abobrinha em água com sal. Depois corte-a no sentido do comprimento, mas não descasque. Cubra com môlho branco, contendo uma boa porcentagem de queijo parmezão ou suíço, e leve ao fôrno para tostar. A mesma receita pode ser aplicada aos pepinos, mas êsses têm que ser descascados. Outra receita, também muito gostosa, veio igualmente da França. É a maneira mais perfeita de se preparar uma **abobrinha de pescoço curvo**, daquelas bem amarelas.

Arranje umas duas ou três abobrinhas dêsse tipo e corte-as ao meio no sentido do comprimento. Tire fora a maioria das sementes e ponha para cozinhar cêrca de 10 minutos. Salpique-as então com sal, pimenta e cebolas picadinhas. Em seguida, salpique por cima farinha de rôsca e pedacinhos de manteiga. Coloque uma fatia de presunto dentro de cada metade e leve ao forno para assar, em temperatura média, até que as abobrinhas estejam macias e o presunto bem tostado. Junte um pouquinho dágua, se fôr preciso.

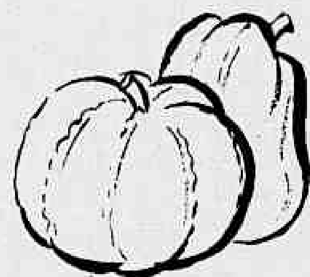




● A abóbora é encontrada em todo lugar, inclusive em Portugal, onde êles costumam preparar a **abóbora d'água** assim: descasque uma abobrinha cujo pêso deve regular pouco menos de meio quilo, tire as sementes e corte em quadradinhos. Cozinhe em água salgada e escorra. Enquanto isso, prepare o môlho: frite uma cebola pequena bem picadinha juntamente com um dente de alho picado, em duas colheres, das de sopa, de toicinho. Não deixe tostar. Adicione um pouco de sal, pimenta e meia colher, das de chá, de salsa picadinha. Junte em seguida um quarto de xícara de massa de tomate, uma colher, das de sopa, de vinagre e duas colheres, das de sopa, de caldo de carne.

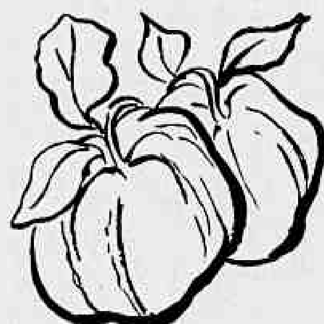
Deixe cozinhar em fogo brando alguns minutos, junte a abóbora e misture bem. Tampe, e deixe no fogo até estar bem macia e o líquido quase completamente absorvido. No fim, se fôr preciso, retire a tampa para o líquido reduzir mais depressa. A abóbora poderá ser esmigalhada com um garfo ou deixada mesmo em pedaços. É deliciosa!





● Na Itália é costume preparar **abóbora com pimentão verde**. Experimente: lave, raspe e enxugue duas abobrinhas de tamanho médio. Retire as sementes e corte em tiras de sete a oito centímetros. Aqueça um têrço de xícara de azeite de oliva e frite as abobrinhas até ficarem tostadas. Tire, então, as abobrinhas e ponha seis pimentões de tamanho médio sem as sementes. Toste de todos os lados e enquanto ainda estiverem na frigideira corte-os em tiras. Retire-as e escorra o azeite. Deixe cêrca de três colheres, das de sopa, de azeite na panela e junte uma xícara de polpa de tomate. Cubra, e deixe cozinhar cêrca de 15 minutos. Adicione as abobrinhas, os pimentões, um pouco de sal e pimenta, meia colher, das de chá, de sal e uma pitadinha de pimenta. Deixe cozinhar ainda uns 3 minutos, em fogo brando.





● Nos Estados Unidos, onde tudo pode acontecer, costumam fazer até **panquecas de abóbora**. Experimente primeiro, antes de dizer qualquer coisa: misture duas xícaras de abóbora cozida, e amassada com três colheres, das de sopa, de manteiga, derretida, uma colher, das de chá, de salsa picada, meia colher, das de chá, de sal, um oitavo de colher, das de chá, de pimenta, meia colher, das de chá, de suco de cebola, um ôvo batido, meia xícara de leite, meia xícara de farinha de trigo peneirada e meia colher, das de chá, de fermento em pó. Misture bem. A massa deve ser bastante espêssa para se espalhar aos montinhos. Coloque-a com uma colher de sopa numa chapa untada e aquecida. Sacuda um pouquinho para que as panquecas se espalhem. Vire-as uma vez apenas e sirva na mesma hora.

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar Ventre-Livre ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de Ventre-Livre hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as fôrças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando Ventre-Livre.

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome Ventre-Livre hoje, à noite.

• • •

Lembre se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

• • •

Tenha sempre em casa
alguns vidros de Ventre-Livre

WINDSOR HOTEL



RUA GUAIANAZES 10
Telefone: 35-41-95
Endereço telegráfico:
Windsorhotel
SÃO PAULO

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ......

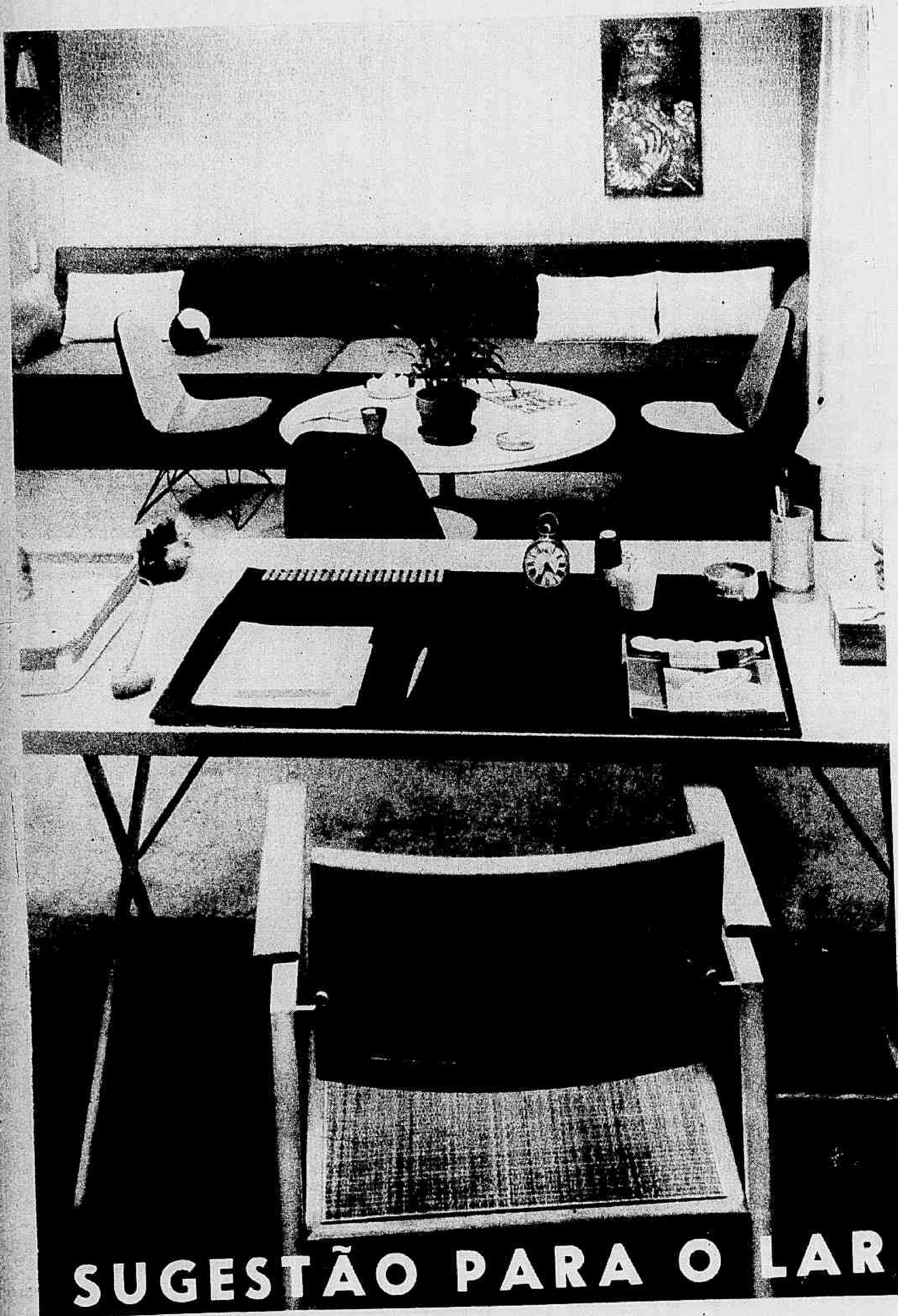
NOME..................
RUA.............. Nº.....
CIDADE................
ESTADO................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

Quer ser escritor?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.

Conversa de MULHER



SUGESTÃO PARA O LAR

● O apartamento de uma peça única vai-se generalizando entre nós, sendo preferido pelos solteiros ou pelos casais sem filhos, que não dispõem de muito recurso para poder alugar um maior. Morar num apartamento assim não quer dizer necessàriamente que se tenha que morar mal. Para os casos acima, dá muito bem, e pode proporcionar bastante confôrto sabendo-se como arrumá-lo.

Eis uma sugestão — de Herman Miller — muito interessante. Comecemos a analisar a fotografia pelo último plano: junto à parede, um grande sofá cama, de casal — confortàvel em suas duas funções, diurna e noturna. Os travesseiros para o dia recebem uma capa, que converte-os em macias almofadas. Frente ao sofá uma mesa e três cadeiras, leves, para que possam ser afastadas com facilidade. O conjunto é completo para receber visitas, ou para o descanso.

Vindo para o primeiro plano, encontramos uma mesa grande, que faz as vêzes de escrivaninha e de mesa de refeições. É um desenho original, com pés cruzados de forma pouco comum. Uma poltrona completa-a, para o trabalho. Na hora das refeições vão-se buscar as três cadeiras leves, que estão em frente ao sofá. O aposento está completo, pois não há problema de armários, que são embutidos. Vai também uma sugestão para as côres — que auxiliará àqueles que gostaram da idéia desta arrumação, e queiram executá-la: parede, laranja claro; tapête, cereja; cadeiras e poltronas em variações de azul, verde, laranja e negro. Muito moderno. N I K E

● **EMAGREÇA POR... HIPNOTISMO**



Aconteceu em Londres. A senhorita Jean Hulton pesava cento e oitenta quilos, e tinha um metro e 23 centímetros de circunferência máxima. Sua história é triste: começara a engordar com 13 anos e não parara mais. Esgotara todos os recursos conhecidos para emagrecer. Perdera muito dinheiro em especialistas. Nada, nada! Finalmente recorreu a um psiquiatra que, depois de lhe recomendar um regime a base de muita carne e pouca massa, submeteu-a a um tratamento hipnótico. Numa só semana perdeu 7 quilos, e hoje, depois de oito meses, já está pesando 68 quilos. Acreditem ou não, o fato é curioso.

● **PIOR QUE O NOSSO...**

Vivemos nos queixando da lentidão de nossos serviços postais. No entanto recorde nessa matéria pertence até agora aos correios italianos. Em Gênova um senhor de 50 anos abre uma carta endereçada a sua velha mãe que já não podia ler por ter a vista muito fraca. Admira-se de encontrar no envelope um seu retrato de quando jovem... depois, verifica que a letra é sua. Na verdade, a carta fôra escrita por êle próprio, há 32 anos atrás... e sòmente agora estava chegando ao destino!

● **LAVAR SEM ÁGUA...**

Eis uma nova invenção que há de interessar muito às donas de casa cariocas. Consiste num produto sob forma de creme, que, em contato com a pele se liquefaz em alguns segundos. Põe-se um pouco nas mãos, esfrega-se, e depois se enxuga com uma toalha comum ou de papel. As mãos ficam limpinhas, mesmo se estiveram antes sujas de gordura ou óleo. Dizem os inventores que, além da vantagem de lavar sem água, êsse creme não irrita tanto as mãos como os sabãos a base de soda. (LIGIA JUNQUEIRA).

● **MENINA FAMINTA**



O caso é curioso, mas tem também o seu lado dramático. Luciana é filha de um operário de Cremona, na Itália. Seria uma menina igual as outras se o seu organismo não a obrigasse a ingerir uma quantidade fantástica de comida, nas refeições: 4 bifes, 14 bananas, 1 quilo de arroz, um prato grande de salada de frutas, além de 4 tipos de vitaminas. Se não comer isso, morre por desnutrição. Os médicos explicam o fenômeno: serem os intestinos da criança mais compridos sete metros do que o normal. O pai, preocupadíssimo, com a saúde da filha e com o «rombo» em seu orçamento doméstico, apelou para o presidente da República Italiana...



UM POUCO DE BELEZA

Depois da teoria, a prática

● *A semana passada, fi[illegible]s um exame por estas páginas para ver se você tinha conhecimentos "teóricos" sôbre beleza. Hoje, fazemos um outro, e de certa forma mais importante — que confirmará, ou não, a sua idéia de que é atraente e de que cuida bem de sua aparência. Responda mais uma vez às perguntas, conte quantos pontos obteve e depois veja o que pode ainda fazer para melhorar.* — *JÚLIA DE MILO*

PERGUNTAS

As perguntas se referem ao momento exato em que você as estiver respondendo. Responda SIM ou NÃO.

1 — **Você tem cravos pretos?**
2 — **Seus dentes são amarelados?**
3 — **Há restos de maquilagem na raiz de seus cabelos?**
4 — **O verniz de suas unhas está descascando?**
5 — **Seus poros estão abertos?**
6 — **Está usando máscara para os olhos?**
7 — **Suas mãos estão avermelhadas ou ásperas?**
8 — **Usou um desodorante esta manhã?**
9 — **Seu nariz está brilhando?**
10 — **Tem alguma unha quebrada?**

(Respostas no alto da página)

RESPOSTAS

Eis as respostas certas — conte cinco pontos para as corretas:

1 — não	6 — sim
2 — não	7 — não
3 — não	8 — sim
4 — não	9 — não
5 — não	10 — não

Mais de 40 pontos — Não tem muito que aprender. É uma pessoa atraente, bem cuidada, e que se conservaria bela mesmo sòzinha numa ilha deserta.

Mais de 30 pontos — Não está tirando o máximo partido de sua beleza. Com um pouquinho mais de esfôrço você se tornaria muito atraente e não apenas «melhor do que o comum das mulheres».

Menos de 30 pontos — É preciso que você se lembre que:

★ **Cravos pretos** — podem ser removidos com a aplicação de um preparado solvente, que puxa-os para a superfície da pele.

★ **Dentes** — ficarão brancos, se escovados de vez em quando com uma pasta para branqueá-los, que encontrará com facilidade a venda.

★ **Restos de maquilagem** — que grudaram na raiz dos cabelos, são removidos com um pouco de água de colônia.

★ **Verniz de unhas** — não quebram tão fàcilmente se, ao aplicá-los, fôr retirada uma pequena faixa na ponta das unhas.

★ **Máscara para os olhos** — tornam os olhos muito mais bonitos.

★ **Mãos vermelhas, ásperas** — ficam macias e claras com a aplicação regular de uma loção para clarear as mãos.

★ **Desodorante** — usado todos os dias, é indispensável para conservar sua aparência sempre fresca e limpa.

★ **Nariz brilhando** — pode ser corrigido se usar um preparado especial para isso — líquido — antes de aplicar o pó.

★ **Unhas quebradas** — são unhas fracas. Fortifique-as com aplicações de lanolina.



★ POROS ABERTOS — Voltam a [illegible] tamanho normal com o uso de uma boa loção para os poros.

GARCEZ EXPULSA OS VENDILHÕES DO TEMPLO

LONGE DOS PARTIDOS E MAIS PERTO DOS PAULISTAS ★ ENQUANTO GARCEZ BUSCAVA UMA SOLUÇÃO ALTA, CAPAZ DE AGLUTINAR AS FÔRÇAS SADIAS DE SÃO PAULO, POLÍTICOS DESAVISADOS INSISTIAM POR UMA SAÍDA PRIMÁRIA ★ DISTANTE DOS PARTIDOS, MAS DISPOSTO A LUTAR, REAGE LUCAS GARCEZ.

Reportagem de HÉLIO ABREU

APÓS meses de entendimentos e conversações acêrca do problema sucessório estadual, em S. Paulo, o governador Lucas Garcez deu por encerrada a sua participação nas «demarches». E, na tarde de 29 de março último, depois de ter fixado um prazo de 72 horas aos partidos, para que se definissem em tôrno de um dos nomes que êles mesmos sugeriram, o governador Lucas Garcez verificou que, na realidade, as agremiações políticas e os próceres revelaram: 1) ausência de espírito de renúncia; 2) apêgo a interêsses partidários ou de grupos, em detrimento dos interêsses coletivos; 3) incapacidade de luta contra os inimigos do povo, que são os candidatos desonestos e demagogos; 4) incapacidade de se unirem por S. Paulo; 5) temor de adotarem atitudes de desassombro.

«O BIG TREE»

De fato, três grandes partidos, o P.S.D., o P.T.B. e a U.D.N., cada qual tendo chegado a um resultado mínimo, apresentando cada um dêles um nome de candidato, não conseguiram o denominador comum. Cada agremiação fechou a questão em tôrno do nome que havia apresentado. Não houve concordância de opiniões. Portanto, os responsáveis por essas agremiações não tinham em mente uma solução alta, elevada e de objetivo correspondente aos anseios da coletividade. Durante meses, o povo acompanhou, sofrendo com o governador, o drama das conversações sucessórias. O governador, intérprete das aspirações populares, decidiu, entre os partidos e o povo, ficar com o povo, desaprovando manobras e conchavos. E a sua fala aos paulistas, em 29 de março, teve o sentido da expulsão dos vendilhões politiqueiros do Palácio dos Campos Elísios.

O MOMENTO DA DECISÃO

Na tarde de 29 de março, no Palácio dos Campos Elísios, com tôda a sua autoridade moral e o sentimento de dignidade que engrandece qualquer pôsto público, o governador Lucas Nogueira Garcez falou ao seu povo. E falou como nunca um político seria capaz de o fazer, porque os profissionais da política só fazem concessões e mesuras aos chefes e chefetes que controlam as agremiações. Lucas Garcez falou a linguagem que exprime o sentimento popular em relação a partidos e a políticos. Disse o governador: — «Fiz o que podia e devia fazer no sentido de esclarecer a opinião dos dirigentes partidários de S. Paulo a respeito dos graves problemas que o povo paulista deve enfrentar, para continuar na senda democrática. O governador dirigiu veemente apêlo aos partidos, conclamando-os a encontrarem uma fórmula capaz de atender aos anseios populares e a resolver o problema administrativo do futuro quatriênio. Tudo foi em vão: os interêsses partidários e de grupos continuam a predominar sôbre os interêsses coletivos. Doravante, não tratarei com qualquer agremiação ou com qualquer político, do problema de minha sucessão. Mas, não abandonarei a luta. Aguardarei que os partidos políticos lancem os seus candidatos e, se julgar conveniente, darei apoio a um dêles, ou, se julgar conveniente, não darei apoio a nenhum».



Lucas Garcez

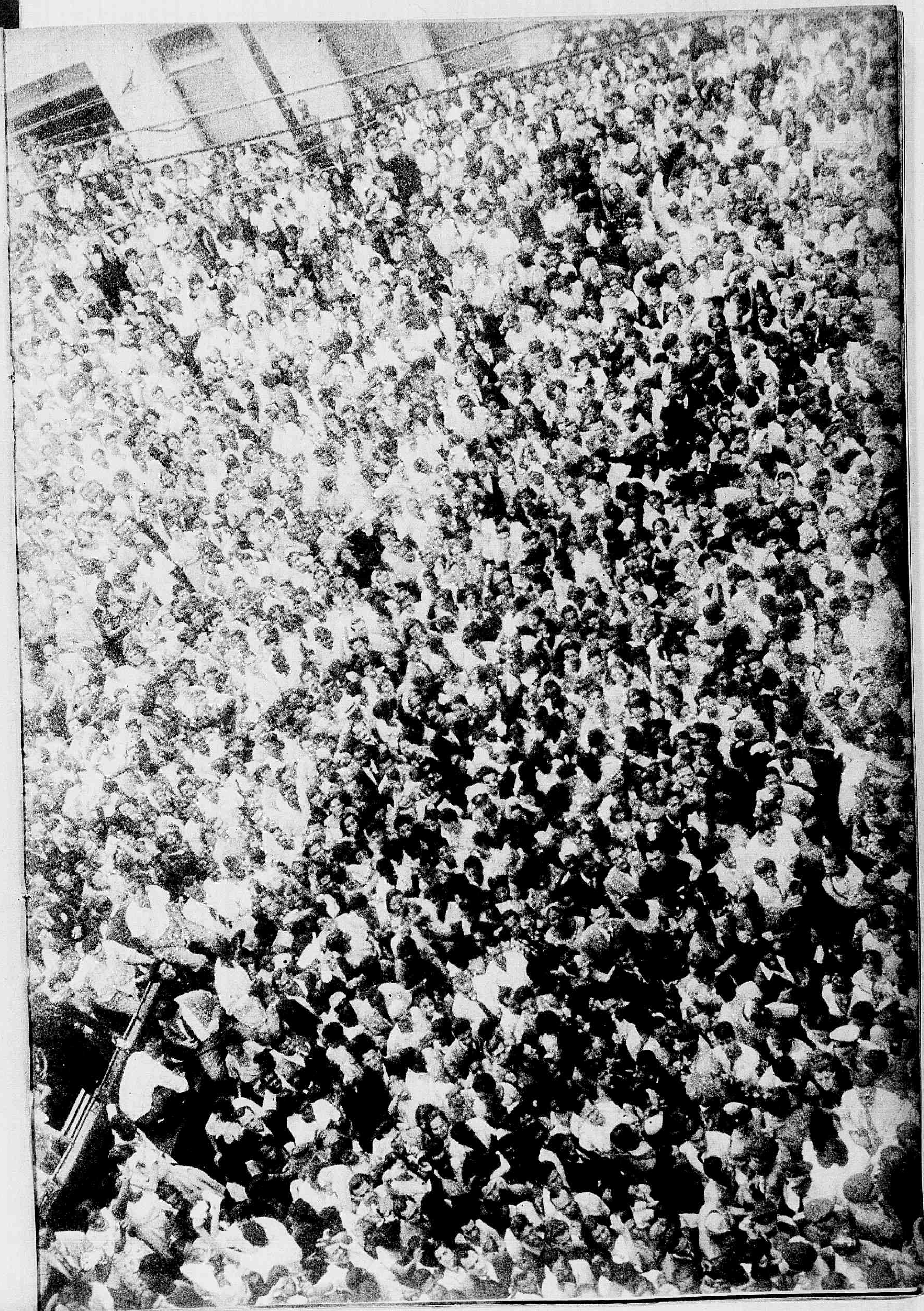
Depois, confessando seu desencanto, afirmou: — «Não é sem sacrifício pessoal, não é sem desgôsto, não é sem contrariedade que se pode construir a felicidade do povo. Sofro hoje mais um desgôsto, que se soma aos muitos que já tive e àqueles que ainda terei, a serviço do povo paulista. Tenho o consôlo de saber que a grande maioria dos que trabalham e sofrem, para que S. Paulo progrida, está com o seu governador».

INDECISÃO DOS PARTIDOS, FATOR DE DESUNIÃO E DE ENFRAQUECIMENTO DOS DEMOCRATAS SINCEROS

Ao concluir sua fala ao povo, disse o governador Garcez: — «Vêem os paulistas que, decorridas 72 horas, a indecisão que se quis, maldosa e maliciosamente atribuir ao governador, existe nos partidos políticos de S. Paulo e, infelizmente, nos partidos políticos brasileiros. Que cesse essa indecisão, que venham a público os partidos e apontem os seus candidatos. Como qualquer cidadão, estou aguardando que isso aconteça. E que seja sem demora. E até lá, aqui estarei, vigilante mas estranho a êsses entendimentos».

E AGORA?

Depois da palavra do governador Lucas Garcez (o único homem que parece não ter esquecido a lição de 22 de março), o quadro que se nos apresenta em São Paulo não dá margem a dúvidas: Garcez parece mesmo resolvido iniciar a luta pela sucessão, escudado tão sòmente no indelével apoio do eleitorado paulista. Assim, se isto acontecer, veremos o grandioso espetáculo do governador-gigante, à frente do seu povo, batendo-se contra a corrupção que o «trevo do azar» pretende levar aos Campos Elísios.



DILEMA PARA DARWIN:





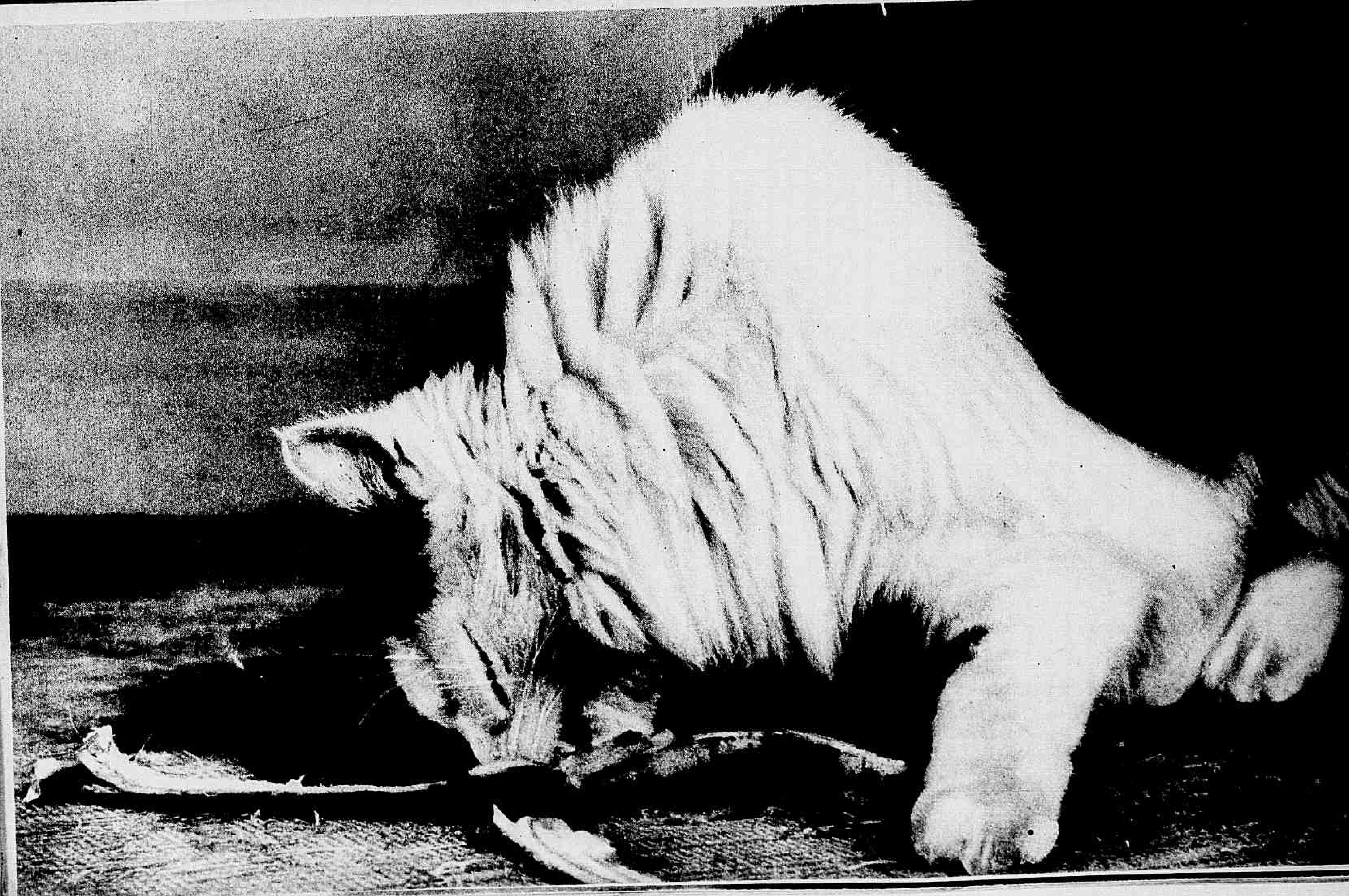
O GATO TAMBÉM DESCENDE DO MACACO?







● Cientistas norte-americanos têm andado alarmados últimamente. Alguns mesmo chegaram a deixar de lado a bomba de hidrogênio, para fazer um retrocesso à origem das espécies. E isso porque um gato foi encontrado em Central Park descascando e comendo calmamente uma banana. Sem dar a mínima atenção aos espectadores, antes, ao contrário, fazendo até poses em «close-ups» para um fotógrafo curioso, êle continuou comendo com tôda a serenidade. O que, evidentemente, despertou a atenção dos cientistas. Mas isso só pode acontecer mesmo nos Estados Unidos, onde um gato comendo banana paralisa o trânsito e movimenta laboratórios científicos. Na Itália, algum menino tomaria a banana do gato, e no Rio de Janeiro o gato seria apedrejado. Mas nos Estados Unidos êle acabará em Hollywood. Ou num estúdio ou num restaurante.





Vargas em sua mensagem ao Congresso, anuncia o plano de mecanização da lavoura. A Fábrica Nacional de Motores foi mobilizada para a construção, em larga escala, de tratores para a agricultura brasileira.

A mensagem do Presidente da República, lida perante o Congresso, é um balanço da situação brasileira tanto no plano administrativo como no econômico, financeiro e cultural. Trata-se de documento em que o sr. Getúlio Vargas, sem os exageros do otimismo nem as tintas de um pessimismo extremado, que caracterizada a posição de certos setores da vida política nacional, oferece à opinião pública do país considerações a propósito da atual conjuntura brasileira e, mais particularmente, o que tem sido os seus três anos de Govêrno.

Revelando, desde logo, um sentimento de confiança no futuro, que tem sido uma característica de sua palavra à Nação, o Presidente diz: «O Brasil está caminhando a passos largos para atingir sua plena emancipação econômica e poder enfim propiciar a quantos nêle vivem e labutam condições satisfatórias de vida.»

AUMENTO DA RENDA NACIONAL

Procurando ilustrar com fatos essa sua afirmativa, diz o Presidente Vargas que o aumento da renda nacional «per capita», por exemplo, vem-se processando recentemente «à taxa bastante elevada de 8,2% por ano em ritmo, portanto, comparável ao dos países mais progressistas do mundo.»

Por outro lado, «o nível de atividade econômica mantém-se alto, sustentado por uma expansão do consumo da ordem de 7,5% e dos investimentos de 12,4% em média, ao ano.»

ORIENTAÇÃO DO GOVÊRNO

Após proclamar que «é o próprio Povo quem engrandece material e espiritualmente a Nação», o Presidente esclarece que «a orientação fundamental do Govêrno resume-se no propósito de fortalecer a economia nacional» Mas ao mesmo tempo adverte: «O equilíbrio da economia nacional não pode ser alcançado senão através do crescimento. Muitos daqueles que tentam fazer capital político, explorando as inequívocas dificuldades da vida do povo, atribuindo-as indevidamente ao Govêrno, bem fariam em indagar das conseqüências de suas próprias ações ou de seus conselhos, ora no sentido inflacionário, levando à especulação e à carestia, ora num sentido cegamente deflacionário, pretendendo corrigir a atual conjuntura com o desemprêgo dos trabalhadores e a falência dos industriais, comerciantes e agricultores.»

A QUESTÃO COM CAMBIO

Reconhece o Presidente Vargas, em sua mensagem ao Congresso, que a questão mais grave e importante no ano de 1953, no âmbito econômico-financeiro, foi a do câmbio, que «exigia tratamento pronto e enérgico». Referindo-se às medidas então adotadas, declara: «Mediante corajosas medidas de natureza cambial, foi resolvido o grave problema dos atrasados comerciais, inclusive através do resgate, com recursos ganhos pelas nossas exportações e poupados para êsse efeito, de uma substancial parcela, equivalente a cêrca de 250 milhões de dólares, a maior parte em moeda norte-americana. A economia nacional está agora dotada dos instrumentos necessários a impedir que ressurja tal problema e a promover considerável expansão das vendas para o exterior.»

E a seguir acrescenta: «O novo regime cambial proporcionou às classes produtoras de mercadorias destinadas à exportação, principalmente aos agricultores, até fevereiro último, mais de quatro bilhões de cruzeiros, ampliando-se, em conseqüência, o

A MENSAGEM DO PRESIDENTE

ORIENTAÇÃO E SENTIDO DA EXPOSIÇÃO ★ A RENDA NACIONAL O CAMBIO ★ A LAVOURA ★ TRANSPORTES ★ PETRÓLEO E CARVÃO ★ ENERGIA ELÉTRICA ★ SIDERURGIA ★ INFLAÇÃO E DEFLAÇÃO

mercado rural, com evidentes benefícios para a indústria nacional que o supre.»

AMPARO A LAVOURA

Um dos trechos mais importantes da mensagem presidencial, que define aspecto marcante de sua política de Govêrno, é o que se refere às medidas tomadas pelo Executivo no sentido de amparar e desenvolver a lavoura nacional.

«Através de importações vultosas — afirma o Presidente — promovidas pelo Govêrno ou por êle autorizadas, ampliou-se substancialmente o parque de mecanização da lavoura. Certo, porém, de que o emprêgo progressivo de máquinas no trabalho agrícola não pode ser assegurado com base em suprimentos externos, determinei fôsse retomado o programa de produção de tratores, confiado à Fábrica Nacional de Motores. Enquanto a produção nacional de máquinas agrícolas não se amplia, e em face da escassez de divisas para cobertura de importações, o Govêrno negociou empréstimo externo de 18 milhões de dólares para compras de vulto, pagáveis a longo prazo. A indústria nacional de implementos agrícolas expande-se, aliás, graças ao crescimento do seu mercado de consumo, inclusive como decorrência da ação oficial.»

Simultâneamente com essas medidas, o Presidente anunciou outras, como: aproveitamento dos gases residuais da refinaria de Cubatão, em montagem, numa fábrica de fertilizantes nitrogenados e realização de um largo programa de construção de silos, armazéns e frigoríficos.

TRANSPORTES

Ainda como parte do plano de desenvolvimento das atividades produtoras do país, especialmente da lavoura, o Presidente acentua as preocupações do Govêrno no sentido de vencer as deficiências dos transportes, um dos pontos mais graves do estrangulamento da economia nacional. «Êste problema — diz o Presidente — já foi objeto de estudos acurados que vêm baseando as negociações de financiamentos externos, para aplicação simultânea com a dos recursos mobilizados, em moeda brasileira, pelo Banco de Desenvolvimento Econômico.»

Especificando as linhas gerais dêsse plano, o Presidente acentua: «O programa de reaparelhamento e ampliação da rêde ferroviária nacional, em execução, ao custo de 137 milhões de dólares e 7 bilhões de cruzeiros prevê a aquisição de 13 290 vagões de passageiros, 211 locomotivas; a remodelação de cêrca de 13 500 km de linha, o reassentamento de 8 000 km de trilhos; a construção de 1 200 km de prolongamentos e desvios; além do reequipamento de oficinas e serviços de construção de linhas.»

No setor dos transportes marítimos a mensagem presidencial anuncia que estão sendo construídos em vários pontos, 9 000 metros de cais e 115 000 m2 de área coberta de novos armazéns, que estarão concluídos até fins do próximo ano, «quando o sistema portuário do País estará habilitado a movimentar, anualmente, o dôbro do volume atual.»

O Presidente anuncia ainda, com relação aos transportes, o seu propósito de desenvolver o programa rodoviário, coisa que espera executar «com os recursos adicionais fornecidos pela legislação pertinente ao petróleo.»

PETRÓLEO E CARVÃO

Em prosseguimento, o Presidente Vargas declara em sua mensagem que o problema dos transportes prende-se à necessidade de suprimento de combustíveis, sólidos e líquidos, e à produção e distribuição de energia elétrica. A propósito, esclarece que o seu Govêrno, retomando os estudos anteriores, elaborou o Plano do Carvão Nacional «Dentro de um qüinqüênio — afirma — graças ao programa de obras e serviços que constituem o Plano, o suprimento dêsse combustível sólido passará a processar-se em volume superior ao dôbro do atual e em condições de preço e regularidade de fluxo altamente benéficos às atividades dependentes do seu emprêgo, principalmente à indústria siderúrgica e à geração de energia elétrica.»

O Presidente passa a seguir a tratar do problema do petróleo e das razões que o levaram a criar a Petrobrás, dizendo textualmente: «A expansão do consumo interno de combustíveis e lubrificantes, só em diminuta parte atendido pela produção nacional, estava e está a exigir grande esfôrço do País no sentido do aproveitamento dos seus recursos naturais em petróleo. Por isso, promovi, como é sabido, a mobilização de vultosos recursos financeiros e a criação de uma emprêsa estatal para a realização dos empreendimentos oficiais, nesse campo industrial. A Nação hoje está esclarecida sôbre o que significa o surgimento da Petrobrás, como organismo do Estado para enfrentar o problema do petróleo em bases industriais e comerciais. De sua atuação futura

OS FINANCIAMENTOS EM Cr$. A SEREM FORNECIDOS PELO «BNDE», SEGUNDO OS ESTUDOS ULTIMADOS E EM MARCHA, ELEVAM-SE A Cr$ 15.397.584.732,00, ASSIM DISCRIMINADOS:

	Milhões de cruzeiros
I — Financiamentos do programa da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos para Desenvolvimento Econômico:	
1 — Energia	613,0
2 — Ferrovias	6.163,7
3 — Navegação de cabotagem	185,0
4 — Navegação fluvial	115,0
5 — Portos e dragagem	670,0
6 — Diversos	626,0
II — Financiamentos solicitados diretamente ao Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico:	
1 — Armazenagem	27,0
2 — Energia	1.991,2
3 — Transportès	2.355,6
4 — Indústria	1.143,3
5 — Agricultura	1.504,2
6 — Diversos	3,6



O atual govêrno prossegue no plano de desenvolvimento da produção de trigo nacional. Os nossos plantios já se estendem através de grandes áreas no sul do país, notadamente em Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

há de resultar, sem dúvida, profunda modificação na economia brasileira, que necessita reduzir a sua dependência do exterior, nesse campo de atividade, ou não poderá desenvolver-se plenamente. Sem derivados de petróleo, acessíveis nos volumes reclamados pelo consumo nacional crescente, tôda a vida do Brasil ficaria abalada.»

ENERGIA ELÉTRICA

Quanto ao problema da energia elétrica, assunto de acesos debates no país, o Presidente Vargas, em sua mensagem, traça os planos de sua política neste setor, com o objetivo anunciado de «desfazer, no menor prazo possível, o nó do estrangulamento representado pela deficiência do suprimento público dessa energia, em grande parte a cargo da iniciativa privada.»

«Com êsse propósito — anuncia o Presidente — o Govêrno elaborou e encaminhará em breve ao Congresso um Plano Nacional de Eletrificação destinado a aumentar de 3 500 KW instalados a potência das usinas elétricas do País.».

Nesse Plano os investimentos previstos somam cêrca de 30 bilhões de cruzeiros, em dez anos.

A mensagem presidencial esclarece ainda a êsse respeito, que o Govêrno não só prosseguiu nas grandes obras em andamento, como as de Paula Afonso, como igualmente encorajou outras. Por outro lado, o Banco do Brasil e o do desenvolvimento Econômico têm sido autorizados a realizar operações de financiamento consideráveis, para execução de obras dessa finalidade, inclusive as empreendidas pelos Governos regionais e locais.

SIDERURGIA

Outro tópico de grande importância tratado na mensagem presidencial ao Congresso é o que se refere à indústria siderúrgica nacional. A propósito o Presidente Vargas declara que no «ano passado, a produção nacional de aço alcançou, pela primeira vez, um milhão de toneladas. A usina de Volta Redonda teve a sua capacidade duplicada êste ano e já se encontra em marcha o programa destinado a obter, sòmente dela, um milhão de toneladas de aço por ano.»

INFLAÇAO E DEFLAÇAO

Por fim, o Presidente Vargas refere-se ao aceleramento do processo deflacionário, no Brasil, intimamente ligado às contingências da guerra e às suas repercussões posteriores, fazendo as seguintes observações: «Certo é que seria desejável melhor resultado na luta contra a inflação, que é ainda o grande mal de que sofre a economia brasileira. Ela resulta, no entanto, de fatôres pelos quais não responde apenas a União e, muito menos, o Poder Executivo. É preciso a cooperação de tôdas as fôrças no sentido da adoção de medidas conducentes a deter a inflação, e assim dar maior segurança ao desenvolvimento econômico. No entanto, não se poderiam aplicar certos esquemas deflacionários que para as emprêsas acarretariam o perigo de falência e para as classes trabalhadoras o desemprêgo. Não tivemos desemprêgo. E nenhum operário precisa de que se lhe explique o que isso significa para êle. O Govêrno empenha-se, agora, na busca de meios para corrigir o desgaste dos seus instrumentos de ação sôbre a conjuntura econômica, implícito na política em prol do desenvolvimento. Urge desinflacionar, mas de tal arte que não se percam as conquistas da expansão. É preciso que o nível da atividade geral não decline, embora isso possa ocorrer em setores isolados. O Govêrno confia em que a consolidação de tais conquistas seja, por fim, alcançada, com o mínimo de abalo para o desenvolvimento da economia nacional.»

As operações da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial apresentaram, no último quatriênio, a seguinte evolução:

CARTEIRA DE CRÉDITO AGRÍCOLA E INDUSTRIAL
(EMPRÉSTIMOS)

(Saldo em 31 de dezembro, em Cr$ milhões)

	1950	1951	1952	1953
Agrícolas	1.130	2.535	3.662	4.695
Agro-industriais	920	29	30	66
Pecuários	2.888	3.303	4.158	4.552
Agropecuários	21	33	76	154
Industriais	1.856	3.260	4.722	6.223
Outros	—	32	321	450
Total	**6.815**	**9.192**	**12.969**	**16.140**

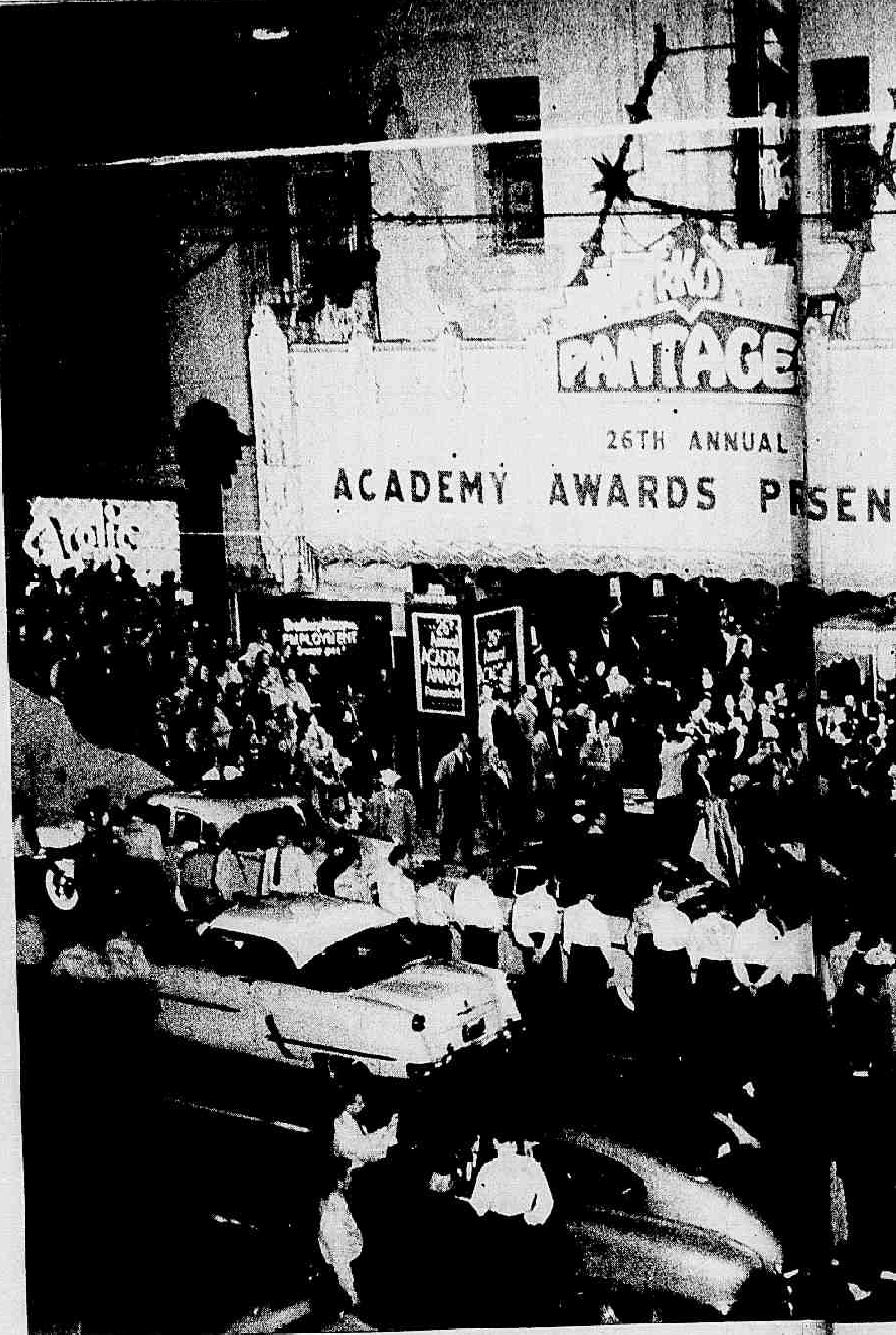




ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL



WILLIAM HOLDEN
Um «Oscar» bem merecido



Milhares de pessoas compareceram às portas do cinema Pantages, em Hollywood, na noite da entrega dos «Oscars» de 1953. A maioria, como

SURPRÊSAS E REVELAÇÕES

- « Daqui à Eternidade », o melhor filme do ano, com oito «Oscars».
- A « terceira demência » não atingiu a Academia.
- Audrey Hepburn e William Holden os melhores atores.
- Disney arrebata quatro prêmios.

PELA 26ª vez reuniram-se os membros da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, para escolher «os melhores do ano». Em cerimônia realizada simultâneamente em Hollywood e Nova York, radiofonizada e televisionada para todo o país, foram entregues os «Oscars» aos que mais se destacaram nos filmes estreados em 1953.

Foram, premiados:

ATRIZ — Audrey Hepburn: «A Princesa e o Plebeu» (Roman Holliday), da Paramount.

ATOR — William Holden: «O Inferno nº 17» (Stalag 17), da Paramount.

ATRIZ COADJUVANTE — Donna Reed: «Daqui à Eternidade», do produtor Stanley Kramer (Columbia).

ATOR COADJUVANTE — Frank Sinatra: «Daqui à Eternidade».

FILME — «Daqui à Eternidade».

ARGUMENTO — «A Princesa e o Plebeu»: Ian McLellan Hunter.

CENARIZAÇAO — Daniel Taradash: «Daqui à Eternidade», baseado no livro (do mesmo nome) de James Jones.

ARGUMENTO E CENARIZAÇAO (história escrita diretamente para o cinema) — «Titanic»: Charles Brackett, Walter Reisch e Richard Breen (Fox).

DIREÇAO — Fred Zinnemann: «Daqui à Eternidade».

DIREÇAO ARTISTICA («art direction»; não confundir com a direção geral do filme) NA CATEGORIA PRÊTO-E-BRANCO — Cedric Gibbons e Edward Carfagno: «Júlio César», da Metro.

DIREÇAO ARTISTICA DE FILME COLORIDO — Lyle Wheeler e George W. Davis: «O Manto Sagrado» (The Robe), da Fox.

FOTOGRAFIA PRÊTO-E-BRANCO — Burnett Guffey: «Daqui à Eternidade».

FOTOGRAFIA COLORIDA — Loyal Griggs: «Os Brutos Também Amam» (Shane), da Paramount.

MONTAGEM (edição) — William Lyon: «Daqui à Eternidade».

SOM — John P. Licadary: «Daqui à Eternidade».

MÚSICA DE FUNDO — Bronislau Kaper: «Lili», da Metro.

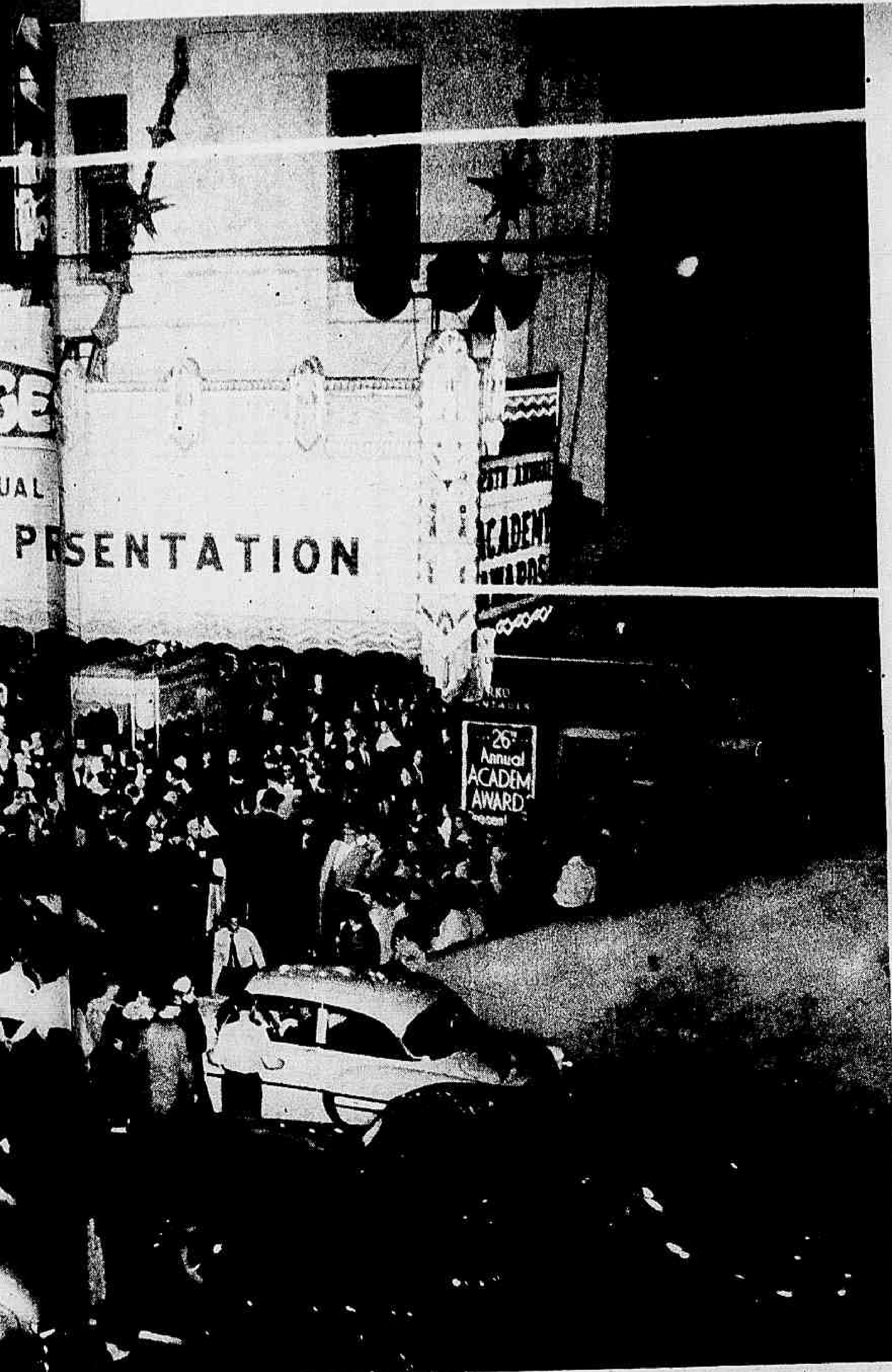
DOCUMENTARIOS — (duas categorias) — «O Deserto Vivo» (The Living Desert) e «O Esquimó do Alaska»; ambos de Walt Disney Productions.

FILME DE DUAS PARTES — «Bear Country» (A Terra dos Ursos), de Walt Disney Productions.

FILME DE UMA PARTE — «The Merry Wives of Windsor Ouverture», produzido por Johnny Green para a Metro.

DESENHO ANIMADO — «Toot, Whistle, Plunk and Boom», de Walt Disney Productions.

EFEITOS ESPECIAIS — «A Guerra dos Mundos», de George Pal (Paramount).



sempre costuma acontecer, ficou do lado de fora, atrás dos cordões de isolamento. Lá dentro, muitas surprêsas aconteceram. E muitos desmaios.



AUDREY HEPBURN
Prêmio da Academia e da Crítica

...S NOS "OSCARS" DE 1953

Reportagem de ELY AZEREDO

PRÊMIOS ESPECIAIS — Darryl Zanuck (o «comandante» da Fox), por ter sido o lançador do «cinemascope». E Fred Waller, pela invenção do «cinerama».

O PRÊMIO «THALBERG» (destinado ao produtor que apresente, até o ano anterior, o melhor conjunto de filmes) foi entregue a George Stevens.

O GRANDE PREMIADO

O grande premiado de 1953 foi «Daqui à Eternidade», com oito «Oscars», nas categorias «filme», «ator» e «atriz» coadjuvantes, «cenarização», «direção», «fotografia prêto-e-branco», «montagem» e «som».

Seus principais adversários foram: «Os Brutos Também Amam» («western» da Paramount), «The Moon is Blue» (adaptação da peça de F. Hugh Herbert, produzida independentemente pelo autor em colaboração com o diretor Preminger), «O Manto Sagrado» (o primeiro filme em «cinemascope», adaptado do livro de Llydd C. Douglas) e «A Princesa e o Plebeu».

«The Moon is Blue» não recebeu nem um prêmio de «consolação». Provàvelmente por ser considerado a «ovelha negra» da produção americana de 1953: a peça foi representada em todo o território americano (com a classificação «B» — «livre para adultos» — da Legião de Decência). sem levantar protestos, mas o filme foi condenado «classe C»); o cardeal Spellman condenou-o oficialmente como violador dos «padrões de moralidade e decência»; a Administração do Código de Produção (censura) da associação dos produtores negou seu carimbo de aprovação; e várias censuras estaduais ou locais interditaram a fita. Mas os puritanos ficaram a ver navios, porque os produtores exibiram «The Moon is Blue» com ou sem piquetes de protestos e assinalaram uma das grandes «bilheterias».

George Stevens (cujo «Os Brutos Também Amam» é considerado um dos maiores «westerns» da história do cinema) foi «compensado» com o prêmio «Thalberg» pela derrota ante «Daqui à Eternidade». Grande honra para um diretor-produtor de apenas 48 anos, cuja fôlha de serviços inclui filmes como «Um Lugar ao Sol», «A Vida de um Sonho» e «Gunga Din».

«O Manto Sagrado» não ganhou nenhum grande prêmio para a Fox, mas o produtor geral Zanuck foi laureado pela introdução do processo «cinemascope» (tela gigante e som estereofônico), que foi usado pela primeira vez em «O Manto Sagrado». «A Princesa e o Plebeu», embora perdendo como filme, ganhou os «Oscars» de «melhor argumento» e «melhor atriz».

AS SURPRÊSAS

A grande surprêsa do ano foi a revelação de Frank Sinatra num papel dramático: o soldado que morre, de pancada nas mãos de um sargento sádico em «Daqui à Eternidade».

Outras surprêsas: Donna Reed e a indiferença da Academia para com «Júlio César» (que só recebeu o prêmio de «art direction») e «O Manto Sagrado», cuja renda de bilheteria deverá ultrapassar o recorde de «. . . E o vento levou».

Donna Reed, intérprete habitual de mocinhas bem comportadas, faz com muita convicção a prostituta de «Daqui à Eternidade». Militando no cinema desde 1941, raramente encontra diretores capazes de aproveitar seu talento. Uma exceção: «Idolo Dourado».

A PRINCESA AUDREY

Já escolhida pelos críticos de Nova York como a melhor atriz de 1953, Audrey Hepburn é definitivamente consagrada com o «Oscar» por seu trabalho em «A Princesa e o Plebeu». No papel da princesinha que foge em Roma, para conhecer por um dia a felicidade dos «plebeus», ela maravilhou o público de vários festivais internacionais, de Veneza (1952) a São Paulo (1953).

Audrey nasceu em Bruxelas, de mãe holandesa (de família nobre e tradicional) e pai inglês. Mas sangue azul não vale dinheiro, e ela lutou com mil dificuldades para estudar «ballet» na Inglaterra. Aceitou trabalhos de tôda espécie: em «night-clubs», como figurante de filmes e revistas musicais, como modêlo publicitário, etc. E ainda encontrou tempo para estudar arte dramática com o ator Felix Aylmer. Fêz um papel de certo destaque no filme «Secret People» (1951) e, finalmente, teve sua grande oportunidade no teatro: o papel-título de «Gigi», de Colette, em Nova York. (O mesmo papel representado por Danièle Delorme em «O Brotinho e as Respeitosas»).

Da consagração teatral à cinematográfica — de «Gigi»

SUR[illegible]ÊSAS...



[illegible] quinteto vitorioso de «Daqui à Eternidade», o melhor filme de 53, que arrebatou nada menos de 8 «Oscars»: Barnett Gufey (melhor fotografia); [illegible] Taradash (melhor entrecho); Donna Reed (melhor atriz coadjuvante); Fred Zinneman (melhor diretor), e Buddy Adler (melhor produção).





[illegible] Oscar [illegible] e [illegible] alguns premios [illegible] ladeada por Don Hartman [illegible] (melhor historia) [illegible] e produtor [illegible] Adler [illegible]

O casal Lana Turner-Lex Barker também [illegible] entregas [illegible] «Oscar» para Barnet Gufly (melhor [illegible]) e outro para Loyal Griggs (melh[illegible])







[illegible] Reed e Frank Sinatra foram considerados melhores [illegible] coadjuvantes [illegible] Oscar [illegible]

Quatro «Oscars» para Walt Disney! O [illegible]dente criador de Mickey Mouse pede auxilio a Keefe Brassele e Marilyn Erskine. Tudo okay.

A simpatica [illegible] decotada Esther Williams faz [illegible] «Oscar» a William Lyon pela melhor [illegible] «Daqui a Eternidade».

a «A Princesa e o Plebeu» — foi um passo para Audrey. Seu diretor foi William Wyler. Diretor de atrizes do porte de Bette Davis, Eleanor Parker e Olivia de Havilland, Wyler diz que Audrey «vai ser a maior «estrêla» de Hollywood».

Atualmente fazendo novo sucesso na peça «Ondine», com a mais alta remuneração da «constelação» da Broadway, Audrey conserva a humildade dos grandes artistas. Disse ao receber o «Oscar»: «Isto é o mesmo que receber um vestido muito grande. É preciso que a gente cresça para poder usá-lo . . . A maior aspiração de minha vida continua a de chegar a ser uma grande atriz».

WILLIAM HOLDEN

William Holden (36 anos) começou no cinema em 1939, com um grande êxito em «Conflito de Duas Vidas» (Golden Boy), de Mamoulian. Depois participou de uma infinidade de filmes medíocres. Parecia perdido. Ressuscitou em «O Crepúsculo dos Deuses», no papel do argumentista que se transforma em gigolô da velha «estrêla» (Gloria Swanson). Hoje é um dos melhores atores moços de Hollywood. Fêz dois papéis em 1953: «The Moon is Blue» e «O Inferno nº 17».

«DAQUI À ETERNIDADE»

Dizem os críticos mais céticos, que «Daqui à Eternidade» é o derradeiro grande filme produzido por Hollywood antes da invasão de mediocridades da «terceira demência» (terceira dimensão, «cinemascope», «cinerama», etc.). Sem colorido, sem 3-D, sem tela gigante, arrebatou oito prêmios.

O romance de James Jones é um dos maiores êxitos de livraria dos últimos anos. Focaliza com realismo o regime de violência e sadismo a que eram submetidos os soldados de um campo militar americano na área do Pacífico, durante a última guerra e, por isso, sofreu pesadas críticas. A adaptação teve de fazer muitas concessões, mas não deturpou o essencial — diz a crítica. Mas, mesmo assim, a censura da associação dos produtores exigiu o corte de uma cena considerada «luxuriosa»: a que mostra os beijos de Burt Lancaster e Deborah Kerr (o sargento e a mulher do capitão) entre as ondas de uma praia deserta.

FRED ZINNEMANN

Laureado pela direção de «Daqui à Eternidade», Fred Zinnemann solidifica o prestígio da dupla que vem formando com o produtor Stanley Kramer. Kramer produziu outro filme premiado de Zinnemann — «Matar ou Morrer», de dois anos atrás.

WALT DISNEY

Disney levou mais quatro prêmios para sua coleção: «O Esquimó do Alaska», «O Deserto Vivo», «A Terra dos Ursos» e «Toot, Whistle, Plunk and Boom». Êste é o primeiro desenho animado filmado em «cinemascope».

Durante dois anos, seis operadores peregrinaram pelos desertos dos Estados Unidos, colhendo material para «O Deserto Vivo», o primeiro documentário de longa metragem de Disney, considerado por alguns críticos tão excitante quanto os melhores filmes de ficção.

O NAUFRÁGIO DO «TITANIC»

A história premiada na categoria das escritas diretamente para a tela, dramatiza o naufrágio do «Titanic» — o maior desastre marítimo de todos os tempos. O «Titanic» naufragou em 1912, em sua viagem inaugural (Southampton-Nova York), matando 1.513 pessoas. Ao redor dêsse fato, a Fox lançou um enrêdo com Clifton Webb, Barbara Stanwyck e Richard Basehart

KAPER & «LILI»

Um que não pôde comemorar o prêmio recebido foi Bronislau Kaper, que foi escolhido como «o melhor compositor» pelo acompanhamento musical de «Lili» Enquanto assistia à cerimônia, sua irmã, de 52 anos, morria atropelada por um automóvel.

O «BOSS» ZANUCK

Darryl Zanuck, premiado pela introdução do «cinemascope» através da emprêsa que dirige — a Fox — é um dos grandes chefes de produção de Hollywood. Será sempre lembrado como um dos responsáveis pela série de filmes anti-racistas que sacudiu a Cidade do Cinema no após-guerra. Sob sua influência, a Fox produziu «A Luz é Para Todos» (Gentleman's Agreement), contra o preconceito antijudaico, «Pinky» (O Que a Carne Herda) e «O Ódio é Cego» (No Way Out), contra o preconceito antinegro.

O INVENTOR DO «CINERAMA»

Fred Waller, veterano pesquisador, levou um «Oscar» pela criação do «cinerama». Milhões de dólares em 15 anos de vida foram gastos no aperfeiçoamento dêsse processo cinematográfico. O primeiro aparelho imaginado por Waller era uma câmara de 15 «olhos» cujos filmes tinham de ser projetados simultâneamente por 15 projetores . . . Atualmente, o «cinerama» emprega apenas uma câmara de três objetivas.

Sempre fica uma interrogação: Foi justa a entrega dos premios?



«DAQUI À ETERNIDADE»: 8 prêmios. Melhor filme, melhor ator e atriz coadjuvantes, melhor direção, melhor fotografia em prêto-e-branco, melhor montagem e melhor som.



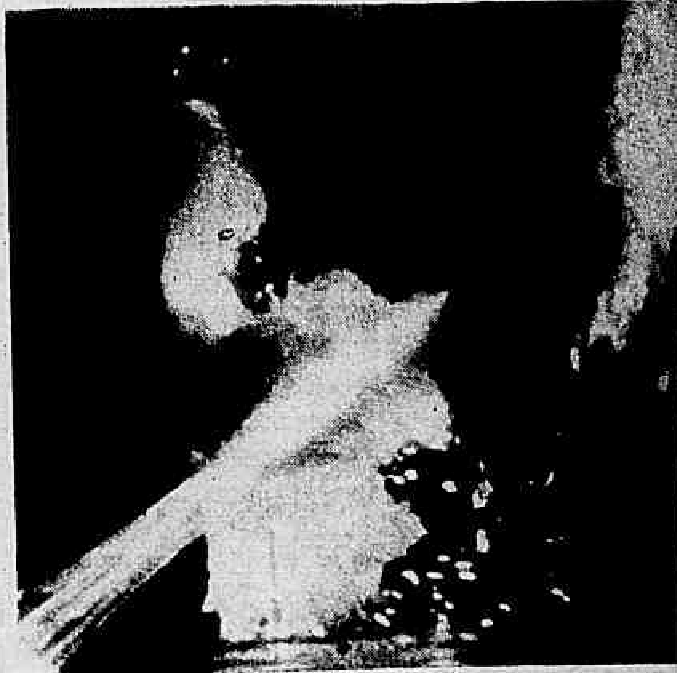
JÚLIO CÉSAR»
Melhor direção artística em prêto-e-branco



«TITANIC»
Melhor história escrita diretamente para a tela



«OS BRUTOS TAMBÉM AMAM»
Melhor fotografia colorida



«A GUERRA DOS MUNDOS»
Melhores efeitos especiais

Semana Literária

Um violino na sombra



Sonêto

Que fazer comigo,
com tanto sonho, tanto,
se há lágrima e espanto
na noite sem ti?

Que fazer comigo,
com tanta esperança,
se a noite tão mansa
não te traz a mim?

Que fazer comigo
se a estrêla mais linda
desta noite ainda
não brilhou no céu?

Que fazer com tanta
vida, neste instante,
se estás tão distante
que anoiteceu?

Emílio Moura, em «Poesia»

● Dizia Schopenhauer que a sua Filosofia nunca lhe deu nada, mas livrou-o de muita coisa. Menos ingrata do que a Filosofia com Schopenhauer, mostrou-se a McCann-Erickson para com Guilherme Figueiredo: deu-lhe recentemente, para pregar na lapela, em reconhecimento pelos relevantes serviços prestados por todo um decênio, um bonito botãozinho de ouro com os clássicos dizeres: «A Verdade Bem Dita»... Guilherme Figueiredo divide seu tempo entre o trabalho publicitário e a criação literária. Nesta, nenhum campo lhe é estranho. Perguntamos ao autor de «Rondinela»:

— Como é que você começou a literatura?

— Como quase todos começam, e muitos acabam: fazendo poesia.

— Qual foi o seu primeiro livro?

— «Um Violino na Sombra», livro de poemas que reneguei, porque a crítica não disse dêle todo o mal que eu pensava.

— Então desistiu de ser poeta?

— Ninguém desiste de ser poeta: a poesia é que às vêzes não tem nada que ver com a gente — ou desiste da gente. Mas continuo a fazer uma poesiazinha acanhada, de vez em quando, para me convencer de que não sou tão ruim quanto outros poetas contumazes.

— E prosa? Qual a que tem feito?

— Um pouco de tudo. Contos, que publiquei no volume «Rondinela», e em diversas revistas. Crítica literária, no «Diário de Notícias». Crítica de teatro, em «O Jornal». Crítica de música, na «Revista do Brasil». Comentários internacionais, no «Jornal do Comércio». Crônicas, um pouco por tôda parte.

— E romances?

— Também romances. Sou pai de dois: «Trinta anos sem paisagem», publicado em 1939. E «Viagem», que só não tirou o prêmio do concurso de romances do IV Centenário, porque o juiz Marques Rebello ficou furioso quando descobriu que tinha votado num livro meu.

— Quando aparecerá «Viagem»?

— Dentro de dois meses. Será lançado pela Editôra Martins.

— E como é que você começou a fazer teatro?

— Sempre tive mania de teatro. Mas não tinha tempo de oferecer minhas peças às companhias. Um dia Geysa Bôscoli leu «Lady Godiva» e levou-a a Procópio, sem saber que êste estava brigado comigo. No dia seguinte, Procópio me telefonou, pedindo que fizéssemos as pazes, porque queria levar minha peça. Depois, encomendou-me outra. Saiu «Greve Geral», que eu escrevera em 1942. E pediu mais outra. Escrevi «Um deus dormiu lá em casa», que acabou nas mãos de Silveira Sampaio e Tônia Carrero. E «Don Juan», para Tônia. E «A raposa e as uvas», que Procópio cedeu a Sérgio Cardoso.

— De tudo que você já escreveu, de que é que gosta mais?



Guilherme Figueiredo

— De nada. Não gosto do que já fiz, e isto é que dá fôrças para tentar fazer melhor. Gosto muito do que ainda não escrevi. O prazer está no problema, não na solução. Andei gostando de adaptar para o teatro os diálogos de Platão. Acabei escrevendo «O homem e seus fantasmas». Não tenho culpa de que outros gostem do meu teatro: «Um deus dormiu lá em casa» ganhou uma medalha de ouro e um prêmio da Academia. «A raposa e as uvas» outra medalha de ouro e um prêmio da Prefeitura.

— E êste ano você vai apresentar alguma coisa?

— Não. Êste ano vou deixar o Nelson Rodrigues ganhar um prêmio. No ano que vem o prêmio é meu.

— Que fim levou aquêle seu automóvel?

— Bebi, em Paris. Transformei-o em vinho Beaujolais, quando fui assistir à pior das representações de uma peça minha, no «Théâtre de la Huchette». Mas o vinho era tão bom que esqueci o fracasso e me sinto bem como pedestre.

— Você já leu a Bíblia?

— Já. Inteirinha.

— É supersticioso?

— Há certas pessoas que dão azar, outras dão sorte.

— É verdade que você se candidatou a vereador?

— Sim. É um direito que a lei concede até ao Pimpinela.

— Acha que será eleito?

— Serei, mas não com o mesmo número de votos do Pimpinela. Você sabe, **stultorum infinitus est numerus.**

— Que livro gostaria de ter escrito?

— Os que Balzac e Stendhal escreveram primeiro.

— E qual gostaria de não ter escrito?

— O livro do ponto.

— Que livros gostou de traduzir?

— Não gosto de traduzir. A única tradução que me deu prazer foi a de «Tartufo», de Molière.

— Você tem algum complexo?

— Até os imbecis têm complexos. O que os deixa muito envaidecidos.

— Você é paulista de quantos anos?

— De 39 anos. Mas comecei a ser furiosamente paulista em 1932, e, coisa curiosa, daí para cá cresce sempre o número dêsses paulistas.

— Que biografia gostaria de ter escrito?

— Modestamente, a autobiografia de Goethe.

— Já leu o Alcorão?

— Não. O Emil Farhat leu por mim.

— Você tem inimigos?

— Tenho alguns, mas esqueci o nome dêles.

— E amigos?

— Inesquecíveis.

FICHÁRIO

★ **Henrique Pongetti está reunindo uma centena de crônicas para publicá-las em livro. Título provável: «Cara e Coroa».**

★ **Na série Obras Educativas, a Editôra Civilização *Brasileira* apresentou recentemente a tradução (por *Mário Sette*) do conhecido livro do dr. Paul Jagot: «O Poder da Vontade» (sôbre si mesmo, sôbre os outros, sôbre o destino). Subtítulo do volume (130 páginas): Método prático de influência pessoal.**

★ **Com belas ilustrações de Raul Zamboni, Maria Elisa Corbett publica pela Editôra Martins um livro de poemas: «O Lago» (108 páginas). Dizia Gide que poesia, acima de tudo, é emoção. Afirmava Rilke que poesia é experiência, principalmente. Em muitos dos versos de Maria Elisa Corbett encontramos ambos os elementos: emoção — sobretudo a amorosa —, e experiência — através de um sensível lastro de sofrimento pessoal. Excelente, entre outros poemas, a «Boneca de Louça».**

★ **Augusto Meyer entregou ao editor Simões dos Reis os originais de sua «História da Literatura Gaúcha».**

★ **A Editôra Nacional já programou, para a sua Biblioteca do Espírito Moderno, a obra do psicólogo e educador norte-americano H. A. Overstreet: «Maturidade Mental» (The Mature Mind). É uma ampla revisão dos modernos métodos de educação e auto-educação, acentuando acima de tudo a necessidade da maturidade mental, e analisando a idade psicológica do indivíduo, que nada tem a ver com a idade cronológica.**

★ **O historiador José Honório de Rodrigues foi distinguido com o título de sócio honorário da «The American Franciscan History», dos EE. UU., em virtude do mérito dos seus estudos franciscanos.**

★ **O escritor português Manuel do Nascimento aparece com mais um romance: «Agonia» (edição da Sociedade de Expansão Cultural). No pórtico do livro encontramos esta dedicatória: «A Graciliano Ramos, esta singela homenagem que nunca julguei ser póstuma». Manuel do Nascimento nasceu em Monchique (1912), e estreou nas letras com "Eu queria viver». Publicou em seguida: «Mineiros» e «O aço mudou de têmpera», crônica romanceada da vida dos pesquisadores de volfrâmio.**

★ **O escritor paulista Edgard Cavalheiro — autor de «Fagundes Varela», «Garcia Lorca», «Biografias e Biógrafos» e «Testamento de uma Geração» — está escrevendo uma completa biografia de Monteiro Lobato de quem foi amigo desde 1940. Para tanto dispõe de todo o arquivo do autor de «Urupês». A obra terá possivelmente 2 volumes, com um total de 1.000 páginas.**

★ **Escreve Arthur Schopenhauer nos seus «Aforismos para a Sabedoria na Vida»: — «A espécie mais barata de orgulho é a do orgulho nacional. Denota ela, no portador, a falta de predicados individuais de que se orgulhar. É o que o leva a lançar mão de uma coisa que reparte com muitos milhões. Qualquer pobre diabo, que não tem no mundo de que se ufane, serve-se dêsse derradeiro recurso e orgulha-se da nação a que, por acaso, pertença».**

★ **«Trinta Mensagens de Amor» é um volume de poemas de Gioconda Labeca (Editôres Irmãos Pongetti). Gioconda que «entre os dedos teve sóis caindo e lágrimas de estrêlas no caminho» sem dúvida vai ferir a pudicícia de muita gente com a total ausência de inibições. Ela não recorre à linguagem cifrada, e os meios de expressão poética importam-lhe exatamente tanto quanto ela deseja exprimir. Não mais, nem menos tampouco. Outros, ou melhor, outras, tratariam de trancar poemas eróticos dêsse jaez cuidadosamente a chave, numa gaveta. Embora não seja poesia de primeira grandeza, há belos versos nestas «Trinta Mensagens de Amor».**

★ **«Tapejara», órgão do centro cultural «Euclides da Cunha», de Ponta Grossa, publicou recentemente a versão do Hino Nacional que o conhecido tupinólogo Faris Antonio Michaele fêz para o «nheengatu» ou tupi moderno. Encontramos agora, no último número de «Tapejara», outra versão indígena do mesmo Hino, desta vez em guarani, feita pelo tenente Ulisses Medeiros.**

O livro da semana

"ENTRE A ÁGUA E A SELVA"


Albert Schweitzer

● Na primavera de 1913 partia da Alsácia para a África equatorial um homem de 38 anos, já então famoso na Europa como um dos maiores intérpretes de Bach, e como conferencista que era ouvido freqüentemente em grandes universidades européias sôbre temas filosóficos. Seu nome? Albert Schweitzer. Nascido em 1875 na pequena localidade de Kaysersberg (Alsácia), estudara e graduara-se em teologia, filosofia e música. Quando já docente na universidade de Estrasburgo, resolvera formar-se também em medicina, especializando-se em doenças tropicais, para então realizar sua admirável obra humanitária em plena selva africana. Ali, no curso inferior do Ogoval, o médico - músico - filósofo - missionário Albert Schweitzer foi erguer seu já mundialmente conhecido «Hospital das Selvas», de Lambarene, a cuja testa continua até hoje, aos 79 anos, com a mesma fé, o mesmo idealismo, e o mesmo entusiasmo dinâmico, a socorrer os negros em suas mazelas físicas e morais, e a escrever livros cujos direitos autorais lhe permitem, ao lado dos donativos que lhe vêm da Europa e da América, seu grande e dispendioso hospital.

Ali, em plena selva da África central, foi surpreendê-lo a notícia de haver sido contemplado com o Prêmio Nobel da Paz de 1953. Entre teses, estudos e ensaios, relatos da África e memórias, o dr. Albert Schweitzer publicou até hoje umas 20 obras, acessíveis já em vários idiomas, tal o número de traduções. De algum tempo para cá, as Edições Melhoramentos tomaram a iniciativa de lançar alguns livros de Schweitzer em português, a começar pelo 1º vol. de «Decadência e Regeneração da Cultura» e «Discurso comemorativo sôbre Goethe». E agora, em tradução do escritor José Geraldo Vieira, o livro **«Entre a Água e a Selva»** que tem como subtítulo: «Narrativas e reflexões de um médico na selva da África Equatorial». Nêle, o médico-missionário descreve os primeiros sete anos de lutas e atividades às margens do Ogoval. É um relato de fascinante simplicidade do qual daremos, a seguir, alguns trechos.

● JUSTIÇA AFRICANA

O grande civilista e defensor do Direito Privado que foi Rudolf von Jhering certamente teria gostado de ler o que Albert Schweitzer, em **«Entre a Água e a Selva»**, escreve sôbre o sentimento de justiça que domina os negros do Ogoval.

A propósito de um incidente cuja culpa, pelas normas jurídicas do Ocidente, só muito relativamente seria imputada ao involuntário causador, Schweitzer observa que o nativo negro não pode conceber que um delito permaneça impune. Aos seus olhos, o lado jurídico de uma questão permanece sempre em primeiro plano, pensando exatamente de acôrdo com a doutrina do filósofo Hegel. Também a discussão de casos de direito ocupa grande parte do tempo do nativo negro:

— «A propósito de uma galinha, as partes discutirão uma tarde inteira diante dos anciãos da aldeia. Todo indígena é um demandão nato. Os piores chicaneiros da Europa são inocentes como colegiais perto dos negros. Mas o intuito não é pròpriamente o paroxismo de discutir. São levados a isso por um senso inato de caráter intangível da justiça, senso êsse que o europeu já não possui no mesmo grau».

● NOÇÃO DE RESPONSABILIDADE

O caso a que se refere Schweitzer foi, em resumo, o seguinte:

Um negro convidara outro a irem pescar. No meio da pesca, porém, foram atacados por um hipopótamo que feriu gravemente o tal que havia sido convidado. Não resistindo às lesões, o acidentado morre. Imediatamente, a família do morto se apodera do autor do convite, exigindo dêle pesada indenização e ameaçando-o com a morte caso não pague.

Vendo as coisas mal paradas para o infeliz acusado, o dr. Schweitzer resolve tomá-lo a seu serviço, a fim de garantir-lhe a vida, enquanto não serenarem os ânimos. Mas, de qualquer maneira, o negro deverá pagar com juros os danos causados involuntàriamente à família do seu companheiro de infeliz partida de pesca, mesmo que a morte do rapaz não lhe possa ser imputada senão de maneira muito relativa, e a família terá de dar queixa contra êle no tribunal indígena.

Observa Schweitzer:

— «As noções jurídicas complicam-se pelo fato de ser o domínio da responsabilidade, em nossa opinião, muito vasto. A família de um negro é responsável pelas dívidas dêle até um grau de parentesco muito distante».

As multas também são muito severas. Se um homem se serviu, por exemplo, ilegalmente, por um dia, da canoa pertencente a outrem, deverá pagar como indenização o têrço do valor do barco. Por outro lado, graças a êsse senso inalterado de justiça, o indígena aceita uma punição como lógica, mesmo que ela seja, a nosso ver, desproporcionada ao delito cometido. Se o culpado não fôr punido, tomará suas vítimas por pobres imbecis. Mas também só julga justa uma punição depois de haver confessado. Enquanto puder negar, com quaisquer visos de verdade, manifestará a sua indignação mais honesta, mesmo que realmente seja culpado...

● A POLIGAMIA NA ÁFRICA

— «Deve-se lutar contra a poligamia e a compra de espôsas?» — pergunta Albert Schweitzer.

Com notável bom senso, e apoiado na realidade das condições sociais e locais, responde o médico-missionário: — «Abalar os fundamentos da poligamia nos povos primitivos equivaleria a fazer ruir todo o seu edifício social... Onde a população vive em cabanas de bambu e onde a sociedade não está organizada de maneira a permitir às mulheres que ganhem sua vida mercê de um trabalho independente, não há lugar para a mulher celibatária. Ora, a poligamia é a condição primeira do casamento de tôdas as mulheres».

Depois de enumerar uma série de fatôres que interessarão particularmente ao sociólogo, Schweitzer acrescenta:

— «As mulheres dum mesmo marido vivem geralmente em boa harmonia. A mulher negra não gosta de ser a única espôsa, porque deverá então prover sòzinha à manutenção da plantação, que é da competência da espôsa.»

Além disso, nas selvas da África central não há vacas nem cabras leiteiras. A mãe, portanto, tem que nutrir durante muito tempo ao seio seu filho, para que êle não pereça. A poligamia respeita o direito do filho. Depois de o haver dado à luz, a mulher tem que viver para o filho durante três anos. Não é mais a espôsa; agora é, acima de tudo, a mãe. Passa mesmo a maior parte do tempo em casa dos pais. Ao cabo de três anos, celebra-se a festa da **desmama**, e a mulher reentra como espôsa na cabana do marido.

● A COMPRA DE ESPÔSAS

Sim, outro problema é a compra da espôsa, ou de espôsas, conforme as posses do interessado. Schweitzer não tem a preocupação de justificar os costumes africanos. Mas, procura compreendê-los, em vez de condená-los peremptòriamente. Não cabe aqui o resumo do interessante capítulo sôbre os «Problemas Sociais da Selva». Vamos reproduzir apenas, em síntese, um dos casos por êle narrados. As moças da África central se casam aos 16 anos. O candidato à mão de alguma delas tem que pagar aos pais da noiva uma razoável importância. Pode acontecer que jovens sejam prometidas em casamento antes mesmo que nasçam!

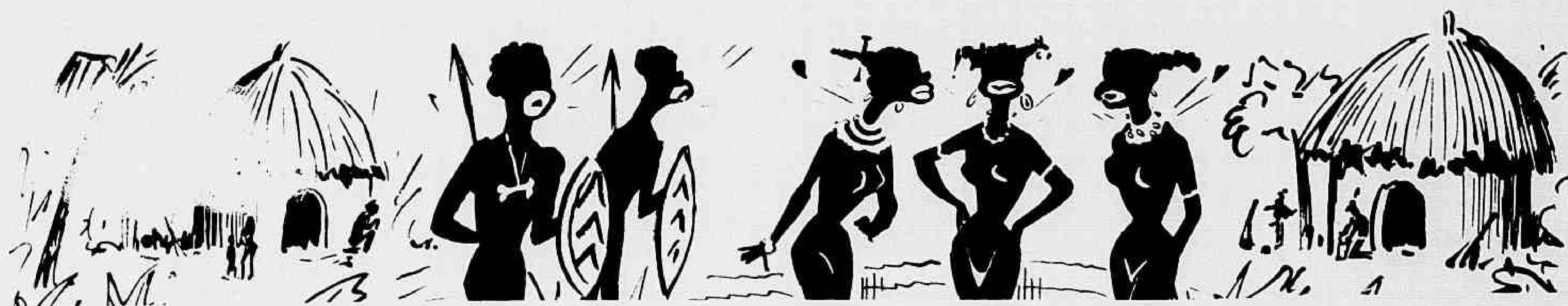
O seguinte caso deu-se em Samkita.

Um indivíduo devia 400 francos a outro. Ao invés de pensar em pagar a dívida, comprou uma mulher e se casou. Durante o festim do casamento, apareceu o credor e cobriu-o de censuras:

— Então, achou melhor se casar, heim? Isso de pagar dívidas não interessa, heim?!

A discussão prolongou-se. Finalmente, alguém teve a idéia de fazer o recém-casado prometer a primeira filha ao credor. Êste anuiu, sentou-se ao festim, tomou parte nas festividades. Decorridos 16 anos apresentou-se como pretendente à filha do casal, e ficou com a moça. Tudo decorreu com a maior naturalidade. Desta forma a dívida foi resgatada, com satisfação para ambas as partes.

O. S.



O FIM DO MUNDO



A MAIS RECENTE BOMBA-H É CEM VÊZES MAIS POTENTE DO QUE A BOMBA ATÔMICA E TEM CAPACIDADE PARA DESTRUIR UMA CIDADE DO TAMANHO DE NOVA YORK OU DE MOSCOU ★ DIANTE DOS ÚLTIMOS EXPERIMENTOS ATÔMICOS POR PARTE DE RUSSOS E NORTE-AMERICANOS, SÓ RESTA À HUMANIDADE ESPERAR POR UMA HARMONIA UNIVERSAL QUASE IMPOSSÍVEL OU PELO DESAPARECIMENTO TOTAL DA CIVILIZAÇÃO DA FACE DA TERRA.

começou no Pacífico

UM minuto... Trinta segundos... Dez segundos... Um segundo... Zero! A explosão, terrível, quase rebenta os tímpanos dos observadores, postados dezenas de quilômetros além. O cogumelo monstro ergueu-se ao fogo, inflado de morte, até uma altura 60 vêzes maior do que o «Empire», o edifício mais alto do mundo. Na base do cogumelo, uma parede de fogo, que, prodigiosa claridade, obrigou aos observadores a fecharem os olhos por alguns instantes, embora os mesmos estivessem protegidos por óculos escuros de lentes grossas.

Horas após, quando tôda a potencialidade da explosão da Bomba de Hidrogênio (ou Bomba H-N) pôde ser avaliada, uma espécie de pânico apoderou-se dos cientistas que, naquele pequeno «atoll» do Pacífico, numa manhã serena de março último, haviam realizado o teste de maior capacidade destrutiva já verificado no mundo. Um dêles, após consultar os dados, exclamou: «A coisa foi muito mais terrível do que esperávamos!»

«O FIM DO MUNDO!»

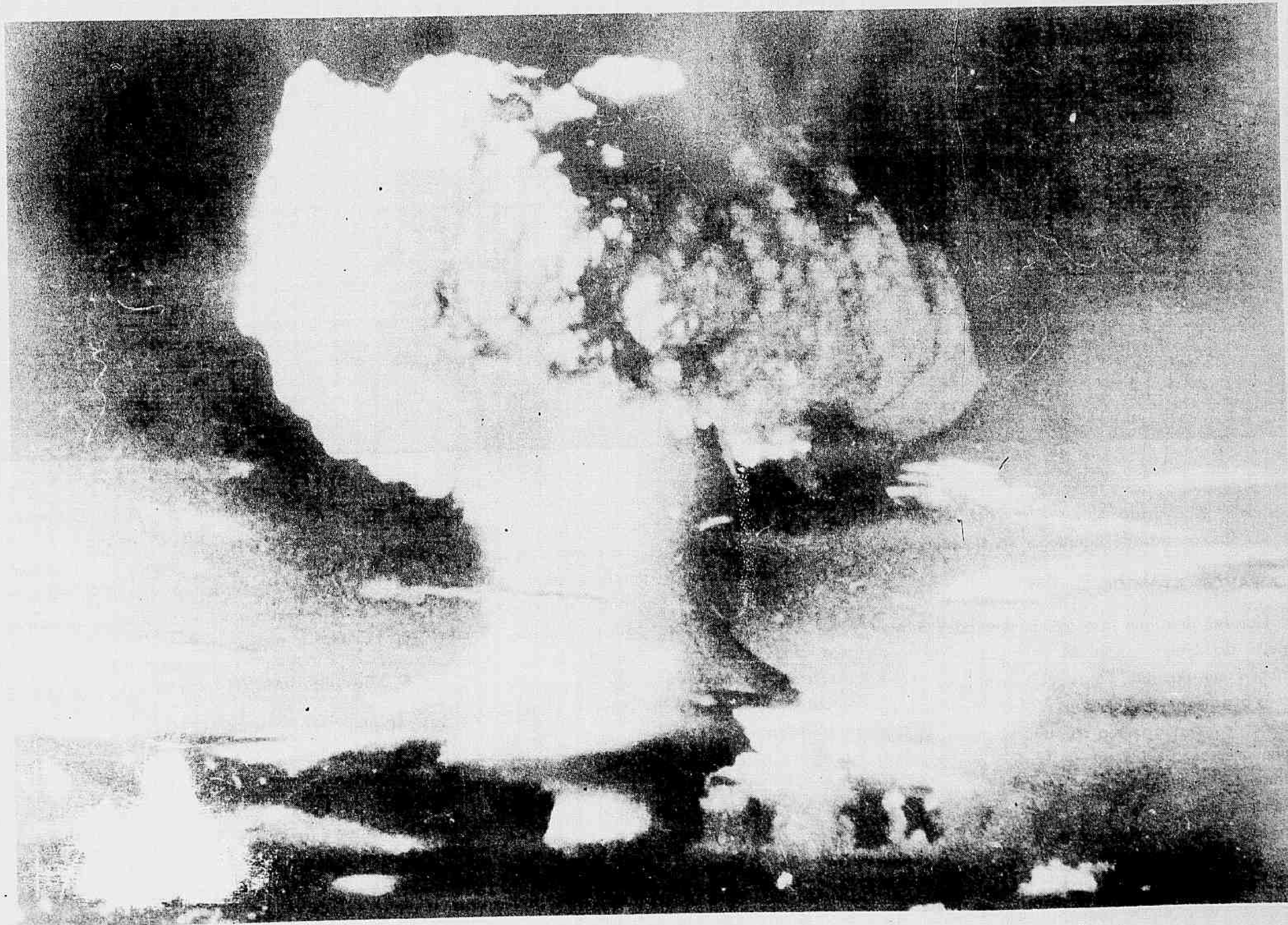
O presidente Eisenhower aguardava impaciente, na Casa Branca, a comunicação dos técnicos a propósito da última explosão do Pacífico. Quem lh'a levou foi o sr. Lewis L. Strauss, presidente da Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos. Às indagações de Eisenhower, o sr. Strauss foi categórico: a explosão havia ultrapassado tôdas as conseqüências previstas; sua potência se revelara o triplo ou o quádruplo daquela que se esperava. Uma afirmação, particularmente, do presidente da Comissão de Energia Atômica deixou o presidente norte-americano atônico. Foi ele:

— A Bomba de Hidrogênio que explodiu no Pacífico tem capacidade para destruir quase que inteiramente uma grande cidade como Nova York.

Um mês após aquela manhã de março, essa revelação, e outras igualmente terríveis, encheram as primeiras colunas das primeiras páginas dos jornais no mundo inteiro. E uma manchete

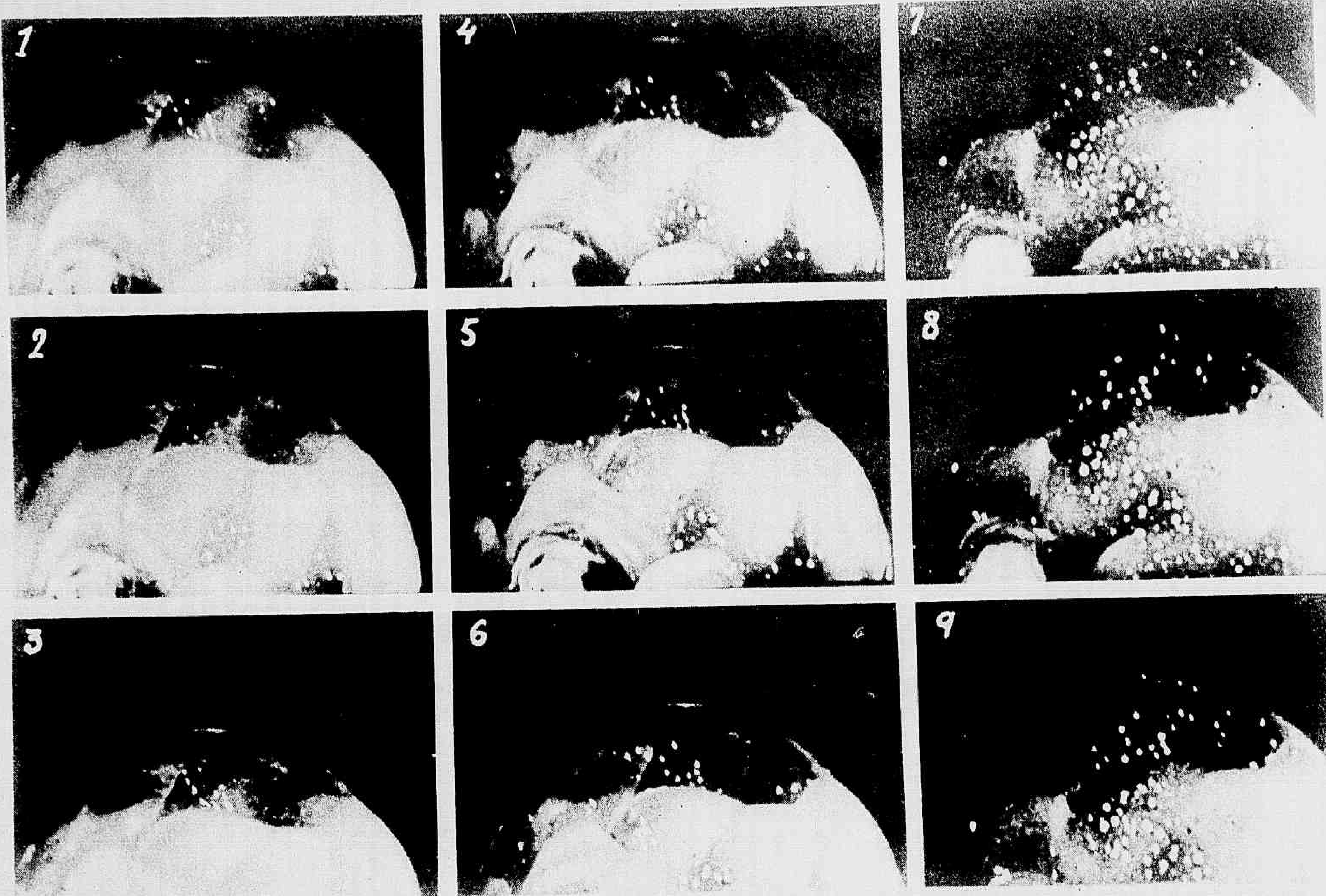


Lewis L. Strauss, presidente da Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos, ao presidente Eisenhower: «A Bomba-H, que explodiu no dia 1º de março, pode, sòzinha, destruir tôda a área metropolitana de Nova York».



Agora, após a detonação da arma pavorosa, cujos efeitos espantaram o mundo, eis que se levantam de novo as vozes da ciência e da política, para alertar os homens contra o perigo da Bomba de Hidrogênio. A hipótese da destruição do mundo, deixando o terreno da especulação religiosa ou filosófica, lança sôbre todos nós a sua sombra sinistra. O fim do mundo pode ocorrer — e ocorrerá — se os homens, ao invés de se tornarem dignos de sua humanidade, sufocarem no peito os derradeiros vestígios de compreensão e ternura.

O PRINCÍPIO DO FIM EM NOVE FOTOS



O QUE É A BOMBA DE HIDROGÊNIO

● Em 1939, descobriram os físicos a fissão do urânio, e esta descoberta permitiu a construção da Bomba Atômica. Mais de vinte anos antes, no entanto, os sábios declaravam que prodigiosas somas de energia poderiam ser libertadas pela síntese do gás hélio, a partir do hidrogênio. Se quatro átomos de hidrogênio se combinam para formar um átomo de hélio, ocorre uma perda de 0,0286 unidades de massa atômica. De acôrdo com a equação de Einstein (E MC), que estabelece a identidade entre matéria e energia, existe no caso uma libertação de 2 670 000 de unidades de energia. Em 1930, chegaram os astrônomos à conclusão de que o hidrogênio constitui, sem dúvida, o «combustível atômico» do Sol e das estrêlas, e Hans Bethe desenvolveu as prováveis equações que regulam as reações nucleares dos corpos celestes. Nos astros, ocorreria, pois, a permanente síntese do gás hélio, pela fusão de átomos de hidrogênio, e esta seria a lenha que permanentemente alimenta o formidável incêndio do Sol e de outras estrêlas. Embora conhecendo os princípios teóricos que, em nossos dias, permitiram a construção da Bomba de Hidrogênio, os físicos daquele tempo esbarravam com uma dificuldade intransponível: a síntese do hélio só poderia ocorrer nas temperaturas estelares, de milhões de graus, e nenhum meio havia para atingir tais temperaturas. As «reações termonucleares», assim batizadas pelos cientistas, durante muitos anos dormiram nos livros de alta física, como uma hipótese para o futuro.

de um diário nova-iorquino, o «Daily News», gritava, espavorida:

«O fim do mundo começou no Pacífico!»

O PAVOR ATÔMICO

Maiores detalhes não foram revelados a respeito da última explosão atômica norte-americana no Pacífico. Mas em princípios dêste mês o govêrno dos Estados Unidos liberou uma série de informações a respeito de experiências similares realizadas em novembro de 1952 nas Ilhas Marshall. Naquela data, como se soube através de um telegrama que apenas noticiava o fato, sem acrescentar maiores detalhes, os Estados Unidos fizeram explodir a sua primeira Bomba de Hidrogênio. O resultado dessa explosão vem agora demonstrado através de dados e fotografias os mais impressionantes. No dia 7 de abril último, conforme fôra estabelecido pelo govêrno americano, êsses dados e fotos foram estampados nos jornais do mundo inteiro. A repercussão foi imediata e dramática. Na Índia, espantado com o poder destruidor de tais experiências, o «premier» Nehru pronunciava violento discurso contra a realização de tais experimentos em águas asiáticas. Temia êle que a fumaça atômica gerada dessas explosões acabasse por contaminar países nas proximidades do «atoll» cobaia, e citava como fundamento dos seus receios o fato de vinte e tantos pescadores japonêses terem sido atingidos, no sul do Japão, pelas emanações rádio-ativas emanadas da última experiência, em março último.

Na Inglaterra, Churchill era duramente interpelado por Atlee, sendo o govêrno inglês obrigado a uma tomada de posição firme e determinada em face do problema atômico. No dia seguinte, Churchill, discursando nos Comuns, anunciava o seu propósito de regular a questão numa conferência entre os «Três Grandes»: Estados Unidos, Rússia e Grã-Bretanha. E pela primeira vez nos últimos cinco anos, filas compridíssimas se formaram na porta da Câmara dos Comuns com o objetivo de escutar o discurso do Primeiro Ministro.

A ILHA DESAPARECEU EM POUCOS MINUTOS

Dados e fotos são realmente impressionantes. Um dêles, por exemplo, mostra a que ficou reduzido o «atoll», nas proximidades das Ilhas Marshall, após a explosão de novembro de 52: a pequena ilha de Elugelab pràticamente submergiu, deixando no seu lugar uma cratera submarina de enorme diâmetro. Noutra foto, o cogumelo atômico aparece, sinistramente branco e rajado de manchas escuras, erguendo-se a uma altura de 25 milhas. Essa prodigiosa elevação foi atingida apenas dois minutos após a explosão. E, em resumo, informava-se ao mundo

que «a potência da Bomba-H se mostrava 100 vêzes maior do que a da Bomba Atômica».

Mas ainda não era o fim. As declarações do sr. Strauss, a propósito da recente experiência atômica no Pacífico, provaram isto: que não era o fim. Porque a Bomba de Hidrogênio que explodiu há dias, e as outras que serão detonadas no decorrer dêste mês, são, tôdas elas, QUATRO OU CINCO VÊZES MAIS POTENTES DO QUE A BOMBA DE NOVEMBRO DE 52.

EQUILÍBRIO DE FÔRÇAS: PAZ OU DESTRUIÇÃO?

Mas as informações acima citadas não foram as únicas a suscitar um «frisson» de terror pela Terra inteira. Uma outra, igualmente importante, vinha igualmente espantar o mundo. Dizia ela que os Estados Unidos não estavam sós no campo da manufatura da Bomba de Hidrogênio. A Rússia Soviética também conquistara para si a terrível arma. E mais: seis meses antes da explosão de novembro de 1952, nas Ilhas Marshall, os soviéticos faziam explodir a primeira



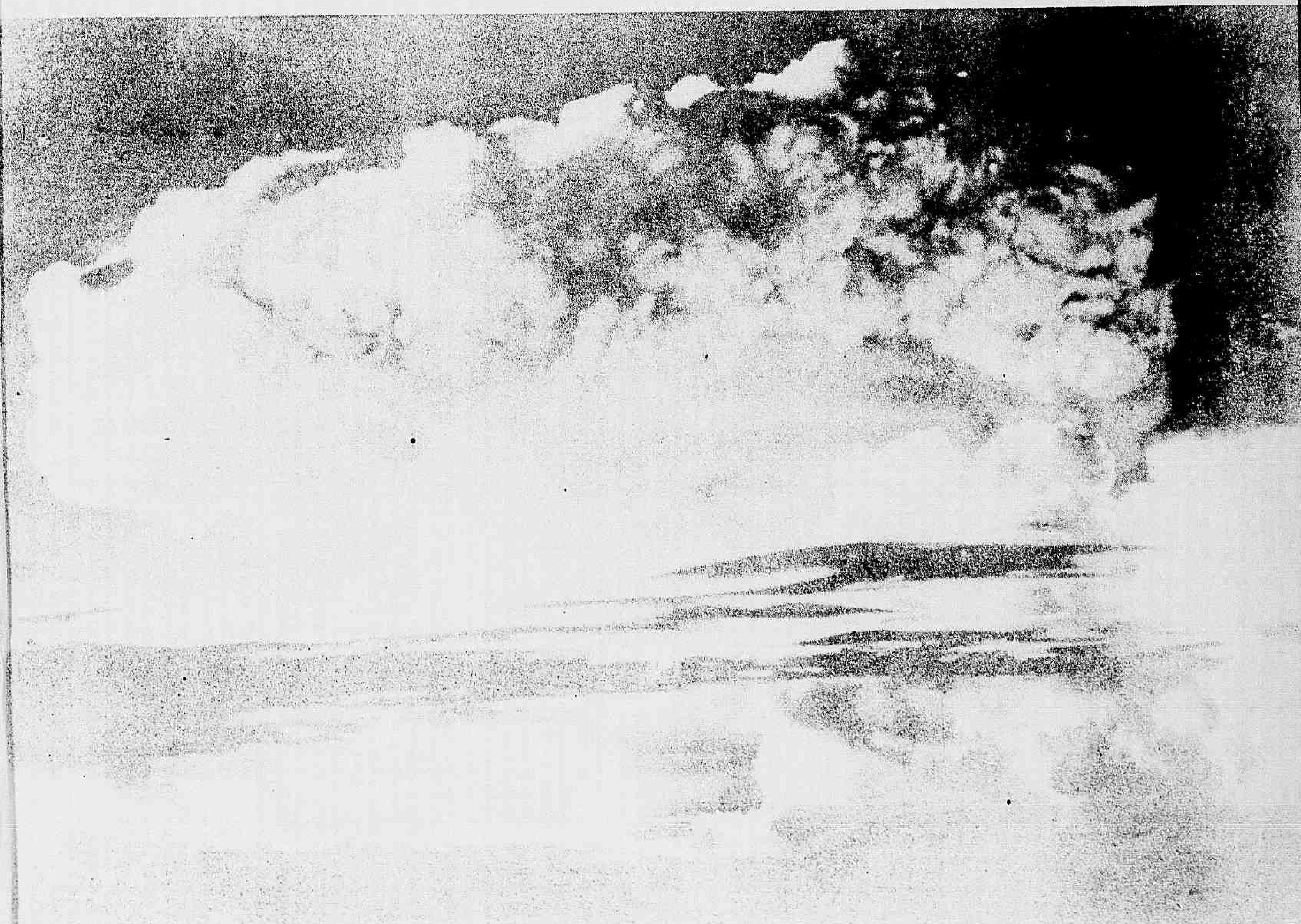
ALBERT EINSTEIN: ÊLE NÃO PENSAVA EM DESTRUIR O MUNDO

Bomba-H fabricada nos seus formidáveis laboratórios nucleares além dos Urais. Êsse empate, se tranqüiliza a alguns, principalmente aquêles que formam na Terceira Fôrça e que acham que um equilíbrio de poder entre Rússia e Estados Unidos só pode favorecer a paz, aumenta, por outro lado, a inquietação de muitos — pois a verdade é que um ato de desespêro e loucura de ambas as partes redundará, com o emprêgo das fantásticas armas atômicas, na completa destruição do mundo.

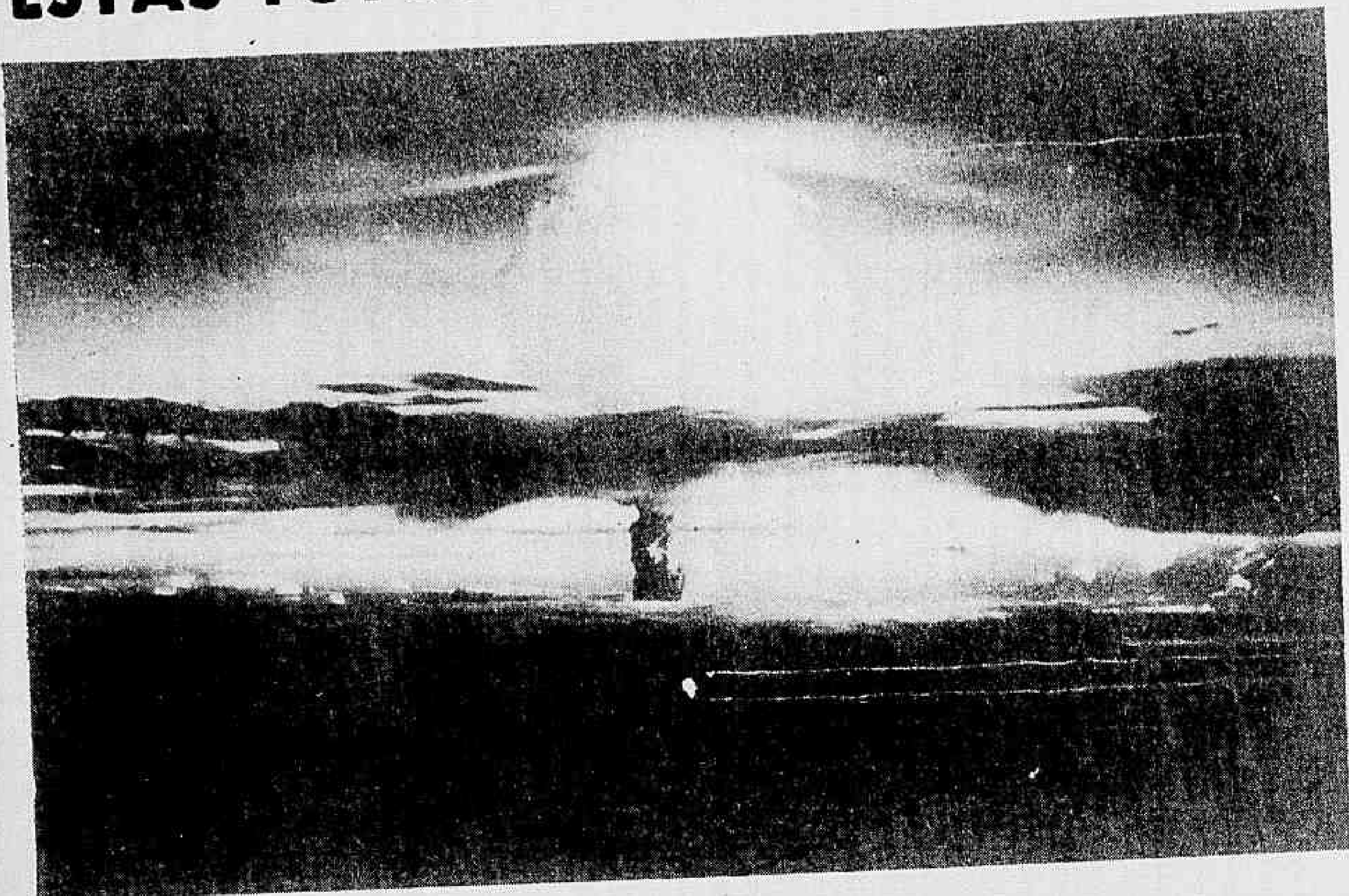
Êsse o dilema que se apresenta diante da humanidade: como deter a corrida atômica? Como impedir que dia a dia o homem, no seu afã armamentista, multiplique a potência das armas que acabarão por destruir a si próprio? «O fim do mundo começou no Pacífico!» — grita a manchete do jornal de Nova York. Mas êste desabafo não é apenas uma manchete de efeito, fruto da improvisação sensacionalista do jornalismo moderno. É, principalmente, o pensamento íntimo de milhões de criaturas que, no mundo inteiro, sentem pesar sôbre suas vidas, seus sonhos, suas conquistas e suas esperanças a terrível ameaça da destruição da Terra.

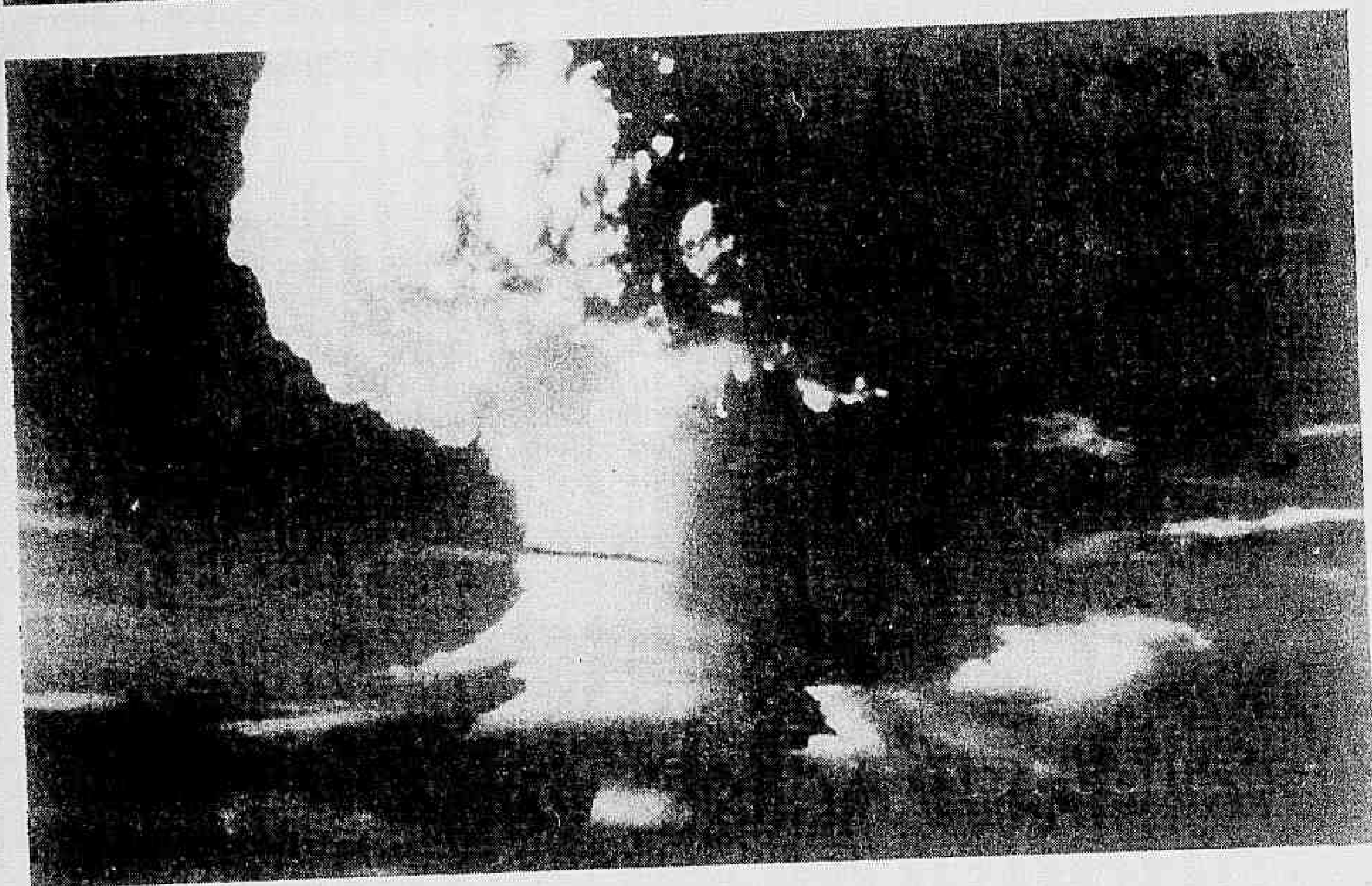
AS CARACTERÍSTICAS DA EXPLOSÃO

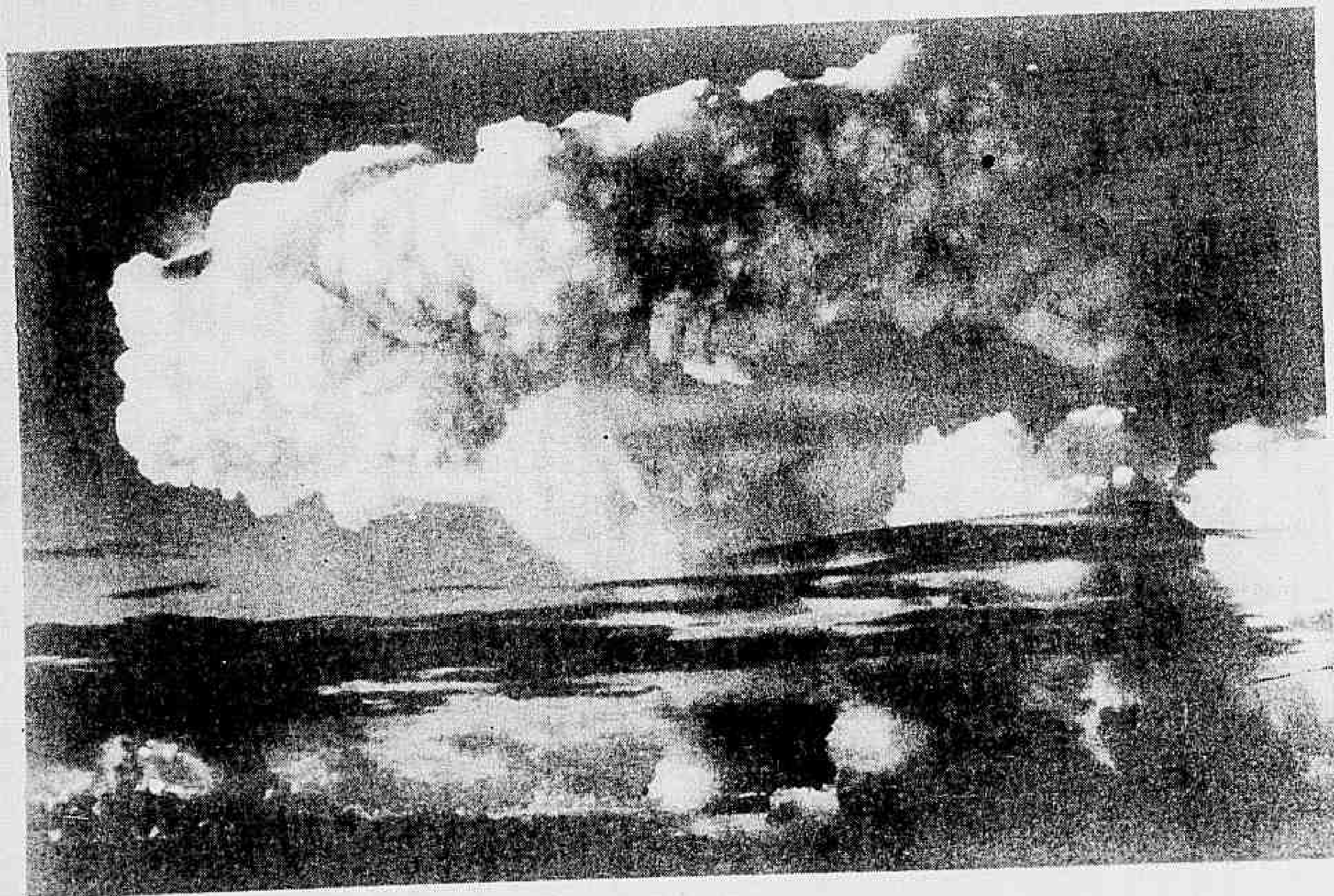
As primeiras Bombas Atômicas, lançadas em Yroshima e Nagasaki, tiveram a seu crédito uma cifra sinistra: a morte de cem mil pessoas, pulverizadas pela explosão ou carbonizadas pela emanação radioativa do engenho. Tais resultados, na época, estarreceram a opinião mundial e provocaram a queda do Império Nipônico. Hoje em dia, após as experiências com a Bomba de Hidrogênio, pode-se dizer que as primeiras Bombas Atômicas não passam de brinquedos de criança. Segundo os cálculos aproximados, a Bomba-H libera uma quantidade de energia duas mil vêzes superior a da Bomba Atômica comum. Seu poder de destruição é fantástico, e nenhuma medida de defesa se conhece contra os seus efeitos. Os cientistas americanos declararam que a Bomba de Hidrogênio — e sòmente uma — é capaz de destruir Nova York, exterminando seus 10 000 000 de habitantes. Os subterrâneos protetores, cuja eficiência se julgava certa com respeito à explosão da Bomba Atômica, foram considerados obsoletos e inócuos. A única proteção possível consiste na evacuação da cidade. E esta, no mínimo, demoraria uma semana, dando ao inimigo a chance de agir e de pulverizar a maior cidade do mundo.



ESTAS FOTOS ESTAVAM PROIBIDAS









Outros três instantâneos, só agora revelados, da explosão da Bomba de Hidrogênio nas ilhas Marshall, em novembro de 1952. Uma testemunha pessoal assim se refere ao fato: «Primeiro vi formar-se, em frações de segundos, uma formidável bola de fogo; em seguida, um incrível e monstruoso cogumelo de fumaça branca ergueu-se a uma altura estratosférica, ampliando-se gradativamente como se quisesse estender-se pelo mundo inteiro. E o eco da explosão demorou por minutos seguidos, como milhões de motores de avião sob uma redoma de cristal».



● Uma das mais sensacionais revelações do sr. Lewis S. Strauss, presidente da Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos foi a de que a Bomba de Hidrogênio, explodida no dia 1º de março último, poderia destruir quase que por completo uma cidade do tamanho de Nova York. Isso significa que, jogada sôbre o Rio de Janeiro, tendo como alvo específico o Pão de Açúcar, a Bomba-H seria capaz de destruir em poucos segundos tôda a área urbana da nossa capital, do Méier ao Leblon. A Ilha de Elugelab, onde explodiu a última e ultra-potente Bomba-H, foi fundida e varrida da superfície da Terra. Os mapas do futuro, portanto, terão de retificar êsse detalhe. E a côr azul celeste do mar, representando as cartas, cobrirá o ponto negro que outrora assinalava a existência da ilha. (Desenho de RAMON)

CHAMPANHOTA

PETER

● Tenho perguntado várias vêzes a mim mesmo qual a razão do nosso «Café Society» estar tão parado, tão sem grandes festas. Será que o dólar Aranha vem influenciando até nisto? O fato é que as notícias sociais, de certa maneira, não passam de visitas de cegonha, aniversários, noivados etc., tudo dentro de um rigor de velha família clássica. O uísque vai sumindo e até a própria champanhota o acompanha. Na mesma semana que o sr. Jorge Dória comemorou seu aniversário (22 anos), com um bom jantar, o sr. Vicente Galliez era reconduzido à presidência do mais elegante dos nossos clubes — o Country. Mas, era tudo o que eu sabia, fora algumas notas de segunda e, então, resolvi circular para apanhar notícias frescas. Em cada lugar um pequeno uísque até que cheguei à beleza da pergola do Copa, com música tocando em surdina. Tocava o «Danúbio Azul», enquanto um único nadador desafiava a noite e a brisa fresca. Parecia um peixe e dava muita beleza à piscina muito verde, iluminada por holofotes submersos. Quem sabe, não era um artista do sr. Caribé da Rocha?

● O sr. Roberto Liberal adiantou-se e fêz as apresentações: «srtas. Hilde Caraváglia, Sônia Possolo e sr. Vittório Romaneli. Ah, pensei comigo, êste eu conheço. É o meu parente transoceânico, da terra da gesticulação e do canelone. Depois, apareceu o sr. Waldemar Schiller que eu também conheço de algumas noites longas, de sua fama de campeão sul-americano de Bridge (uma espécie de consultor técnico em casa do sr. Aloísio de Sales e que acaba de ficar oficialmente noivo da srta. Glória Nader). Breve, o sr. Schiller partirá para a Europa, de navio, para passear e fazer negócio. Deverá saltar na terra do meu primo trans-oceânico. A srta. Glória Nader não estava lá e eu não a conheço pessoalmente. Mas, é como se a conhecesse. A srta. Gilda Rubichez me falava sempre com muito carinho dela. Dizia que o maior prazer de Glória é ficar em casa. Passa dias assim, o que nos possibilita dizer que o sr. Schiller deverá fazer um grande estágio caseiro, pois é figura de proa na vida noturna carioca e paulista. Schiller conseguiu o milagre de ir se deitar às sete horas da manhã numa fazenda. Falando em fazenda, fêz-me lembrar que o sr. Daniel Tolipan (uma das mais simpáticas figuras desta terra) passou alguns dias numa, retemperando a musculatura e encontrando ambiente para suas meditações, longe do tráfego do Rio de Janeiro. E, volta ao meu jôgo de pessoas a figura quietinha de Gilda Rubichez que conheci numa recepção e que, meses ou anos depois, empurrava mansamente a porta do jornal onde trabalho. Ia fazer uma experiência para escrever no suplemento de domingo. Ninguém, inclusive eu, fazia muita fé na moça quietinha. Em pouquíssimo tempo, ela tomou conta da bola e fazia coisas em jornalismo que deixava a gente de bôca aberta.

● No setor **modas**, então, dava verdadeiros «shows». Agora, está na Europa, visitando os grandes centros de moda (Paris, Roma e Londres). Por sinal, que o velho cacoete francês funcionou e ela foi «aliviada» em 10 mil cruzeiros. A srta. Heloisa Dolabela, que acaba de decolar com destino a Paris, fazemos um apêlo que dê um forte abraço na Gildinha. Mas, é preciso voltar à mesa, falar. Vou descendo de leve e avisto ao longe a srta. Marilu Crespi que está chegando do Peru e cuja prima, srta. Carmen Sallem deu um jantar à duquesa Sueva D'Aragona, que marcou a semana. Um jantar jovem e perfeito. Eu que já vinha voltando à realidade e à mesa, fui apressado pela orquestra que tocava «Blue Gardenia» em português. Caí na cadeira sentado. Descubro que a srta. Hilde Caraváglia (que, por sinal, é muito engraçadinha) está contando qualquer coisa que eu teria ouvido se não estivesse no mundo da Lua. Bem, são horas de ir indo em direção de um vidro de sal de frutas e de uma cama. Por hoje, basta.

Foto «Rio Magazine»



Na residência do sr. e sra. Oscar Viana, as sras. Telma Barete Ribeiro, Jacire Tomé, Nenen Baruquel e sra. Gurgel Dantas. Osmar Moreno e Paulo Barete Ribeiro.

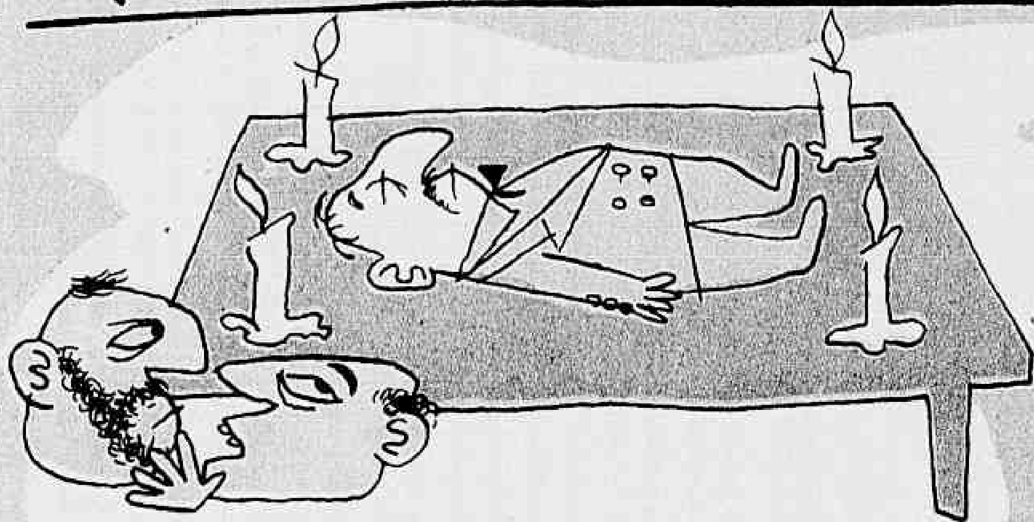


ÚLTIMO FLASH

SORVETES (SEM HIDROGÊNIO) PARA A PAZ NO MUNDO

● Um sargento americano oferece amàvelmente um sorvete a um tenente russo. O fato é tão espantoso que, hoje, merece um "flash" excepcional. Mas bem poderia ser uma visão comum do mundo do futuro. Os soldados trocando as bombas por inocentes sorvetes de casquinha, o mundo do oriente confraternizando com o mundo do ocidente. Os cientistas deixariam então seus laboratórios, esqueceriam as fórmulas das Bombas de Hidrogênio, e Einstein passaria a dedicar o seu tempo a novas receitas de gelados. Mas como nada disso ainda aconteceu, esta foto servirá apenas para irritar os Mc Carthy dos dois extremos, norte-americanos e vermelhos.

NÚMERO DEDICADO A I$RAEL



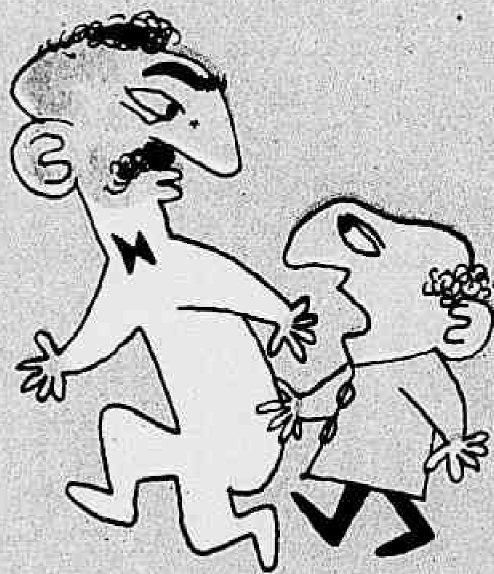
— Morreu mesmo?
— Claro, senão êle mandava apagar as velas.

NÃO COMPREENDO...
...porque todo negociante judeu vive fazendo descontos especiais, só porque é pra você.



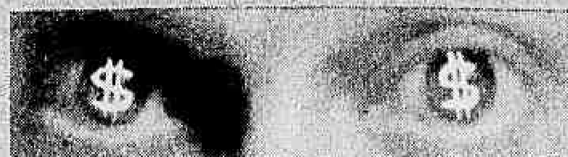
Ilustrado por PIQUI'

A MULHER DO JUDEU, SURPREENDIDA EM FLAGRANTE PELO MARIDO: "NEGÓCIOS, NEGÓCIOS, AMIGOS À PARTE".



— Conheci uma pequena que é uma simpatia.
— Quanto?

PONTOS DE VISTA



DESCONTO são os 50 por cento que a gente tira dos 100 por cento que a gente bota.

●

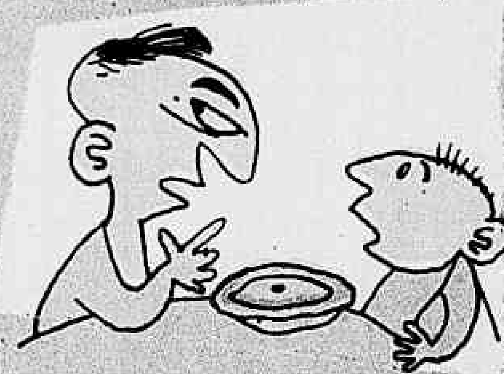
AGIOTA é êsse sujeito que ganha a vida alugando dinheiro.

●

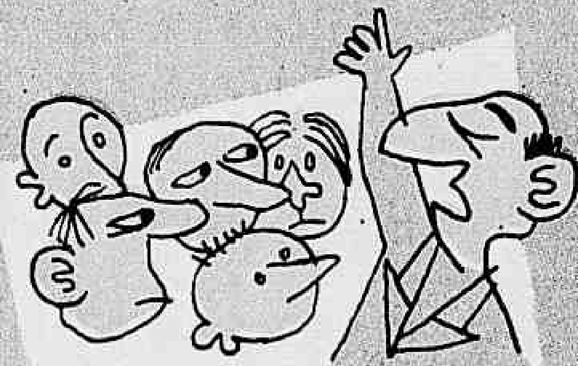
PRÓDIGO é êsse sujeito que nos convida para tomar um cafèzinho e paga o seu.

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

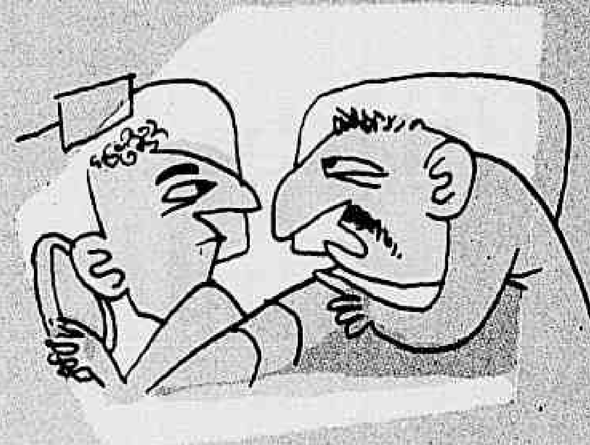
עס ווערט אנגעוויזן, אז די מפא"י קאן זיך זעהן אוועקגע־
שמעלט פאר דער אלטערנאטיווע צו בילדען א קאבינעט בלויז
מיט די אלגעמיינע ציוניסטען אדער בלויז מיט די קליינע פאר־
טייען (פראגרעסיסטען, מזרחי און פועלי מזרחי). די זעלבע קווע־
לען פארזיכערען, אז ה' שרת וואלט בעסער געוואלט פרואווען צו
בילדען א קאבינעט מיט די קליינע פארטייען.



— Papai, tem uma môsca na minha sopa.
— Tome até a metade, meu filho. Depois eu chamo o garção.



Meus filhos, se vocês se portarem direitinho eu levo vocês para verem os outros meninos tomar sorvete.



— Chofer, vá andando. Quando o taxímetro marcar Cr$ 14,50 pare imediatamente.

Riquíssimo industrial, antes de morrer, fêz seu testamento, dividindo sua fortuna em três partes iguais: um têrço para um francês, um têrço para um inglês e um têrço para um israelita. Só exigia uma condição: essas pessoas só receberiam a parte legada após depositarem em seu túmulo a importância de 50.000 cruzeiros.

O industrial morreu. Dois dias depois, o francês compareceu ao seu túmulo e lá depositou os seus 50.000 cruzeiros. Pouco mais tarde, chegou o inglês e fêz também o seu depósito. Uma semana depois, apareceu o judeu. Tirou um talão de cheques do bôlso, emitiu um cheque nominal de 150.000 cruzeiros, depositou-o no túmulo e apanhou os 100.000 de trôco.

●

Abrahão está agonizante. Em seu leito, reúne-se tôda a família. Abrahão não enxerga mais, vai apalpando um por um todos os filhos:

— É você, Isaac?
— Sim, papai.
— Deus te abençoe. É você, Jacob?
— Sim, papai.
— Deus te abençoe. É você, Marcos?
— Sim, papai.
— Deus te abençoe. É você, Joseph?
— Sim, papai.
— Deus te abençoe.

Abrahão desce as pálpebras e prepara-se para o último suspiro, quando ouve passos no outro canto do quarto. Abre os olhos sobressaltado e exclama:

— Quem está aí?

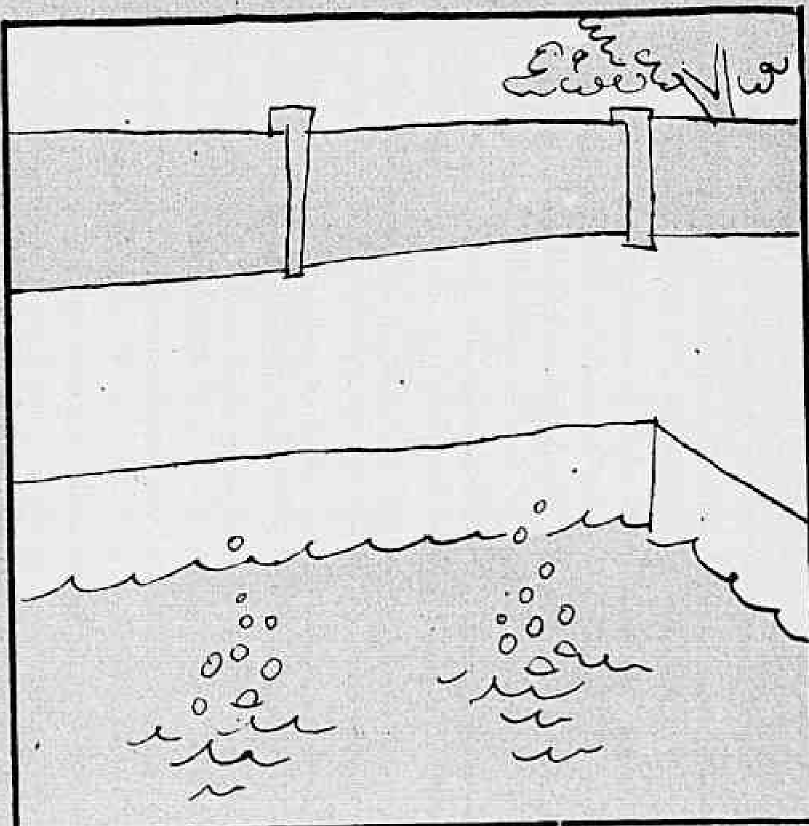
Uma voz feminina responde:

— Sou eu, Raquel.

Abrahão não se contém e grita:

— Bolas, e quem é que ficou na loja?











hollywood

uma tradição de bom gôsto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.266